

TESE

APRESENTADA

A FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

PARA

CONCURSO À CÁTEDRA DE LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA

POR

CLÁUDIO VEIGA

**ASPECTOS
DE
PASCAL ESCRITOR**



SALVADOR

TIPOGRAFIA BENEDITINA

1959

Duplicata

ASPECTOS DE PASCAL ESCRITOR

TESE

APRESENTADA

À FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

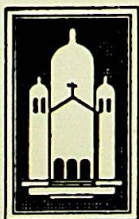
PARA

CONCURSO À CÁTEDRA DE LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA

POR

CLÁUDIO VEIGA

ASPECTOS
DE
PASCAL ESCRITOR



SALVADOR

TIPOGRAFIA BENEDITINA

1959

A memória de meu pai
A minha mãe

A Mary
e a nossos filhos
Francisco Eugênio e Maria de Fátima

PREFÁCIO

Segundo Sainte-Beuve, Pascal, admirável escritor quando conclui, seria mais admirável ainda, quando fica inacabado (1). O que foi concluído em sua obra são os Provinciais, e o que ficou por acabar, são os Pensamentos. Percebe-se, nesse julgamento, qualquer coisa do gosto romântico pela poesia das ruínas (2). No entanto, o século de Pascal pensava diferentemente. Para Boileau, que costumava ser infalível ao julgar os contemporâneos, eram as Provinciais a mais perfeita obra em prosa da literatura francesa (3), superior ao que produziram antigos e modernos (4). Os Pensamentos viviam à sua sombra. É que o século XVII dava mais importância à última demão do que às hesitações ou esboços do escritor. E os Pensamentos, em boa parte, não são mais que rascunhos, embora imortais, como os qualifica Sainte-Beuve. Parte da literatura que lhes é consagrada deve-se a seu estado inconcluso, mutilado. Dá-se, de algum modo, com eles, o que sucede a Venus de Milo: qual a verdadeira posição de seus braços desaparecidos? Há uns cem anos, especialistas vêm estudando, mais detidamente, o texto e o plano dos Pensamentos, expurgando

(1) *Port-Royal*, t. III, pág. 464.

(2) Chateaubriand, referindo-se à edição dos *Pensamentos*, acompanhada de observações de Voltaire, compara as páginas de Pascal às préromânticas ruínas de Palmira: "On croit voir les ruines de Palmyre, restes superbes du génie et du temps, au pied desquelles l'Arabe du désert a bâti sa misérable hutte." *Génie du Christianisme*, t. II, pág. 24.

(3) Cf. *Oeuvres de Boileau Despréaux*, t. II, pág. 8. (*Lettre à M. Arnauld*).

(4) Cf. Mme de Sévigné, *Lettres*, pág. 627.

daquele, erros e adulterações seculares, e atribuindo a êste, mais de uma classificação, parecendo mais razoável a de Louis Lafuma. Hoje não se pensa como Boileau. Os Pensamentos são quase unânimemente considerados como a principal obra de Pascal, tanto na opinião do leitor comum, que descobre nêles a angústia do homem moderno, como em tratados de especialistas. No domínio dos estudos estilísticos se nota a mesma preferência, v. g., as teses de Michel Jungo e Mary Julie Maggioni, respectivamente, Le vocabulaire de Pascal, e The Pensées of Pascal — A Study in Baroque Style.

O presente trabalho não se baseia nos rascunhos imortais de Pascal, mas em suas esmeradas pequenas cartas. De seu estudo procede um pequeno feixe de observações sôbre aspectos de Pascal escritor. Assim se considera sua situação em relação a escritores jesuítas e jansenistas, a justaposição da comédia e da eloquência, certos recursos da estética pascaliana. Uma pequena incursão no estilo de Pascal, eis o objetivo dêste trabalho.

I PARTE
ENTRE MOLIÈRE E BOSSUET

CAPÍTULO PRIMEIRO

A PASSAGEM DA COMÉDIA PARA A ELOQUÊNCIA

Existe um Pascal contemporâneo de Byron e René, cheio de melancolia e ceticismo, e que, desvairado, vem agarrar-se aos pés da cruz: é o Pascal dos românticos, personagem sombrio, cuja imagem se projeta até nossos dias, opondo-se ao verdadeiro Pascal, que sabia rir e fazer rir. Com efeito, mais de uma vez, êle se nos depara como alguém a quem o riso franco não podia ser estranho. Conhece a *commedia dell'arte*, pois alude, nos *Pensamentos*, a dois de seus personagens tradicionais, Scar-mouche e o doutor (1); mostra-se zombeteiro quando, ao tratar da imaginação, apresenta, com minuciosa *mise-en-scène*, um velho e piedoso magistrado que, num sermão, se põe a rir, porque o pregador tinha voz roufenha e estava mal amanhado (1a); e em outra página dos *Pensamentos*, depois de fazer ver pitorescamente como um nada, o mais insignificante ruído, um simples inseto, pode impedir o trabalho intelectual do "souverain juge du monde", conclui irônicamente: "O ridicolosissime Heroé (2)." Mais claramente ainda, o riso das *Provinciais* permite avaliar a vinheta romântica de Pascal.

As *Provinciais* foram, em boa parte, uma perfeita utilização do riso em defesa de uma causa. Racine mos-

(1) Cf. LAFUMA, pág. 415.

(1a) Cf. *ibid.* pág. 125.

(2) Cf. *ibid.* pág. 129.

trou com precisão a comédia que elas contêm (3), e segundo o jesuíta Daniel, em meio das adversidades que recaíam sôbre o partido jansenista, elas surgiram armadas de preciosa *vis comica*: "...une Comédie qui fit oublier aux spectateurs tout ce qui venoit de se passer (4)." É essa comédia que tem levado muitos a comparar Pascal com Molière. Como porém explicar um Molière que, depois de ter escrito suas peças, trocasse o palco pela tribuna e se pusesse a falar com gravidade daquilo que tratara cômicamente? É o que faz Pascal em suas *pequenas cartas*, e o que constitui um dos aspectos interessantes desta obra: o abandono do riso pela seriedade. Se as primeiras cartas lembram o nome de Molière, e as últimas, o nome de Bossuet (5), como compreender o desvio do Pascal-Molière para o Pascal-Bossuet?

Com efeito, em dez das dezoito cartas, temos uma série de diálogos cômicos em que, de um lado, Pascal se apresenta na pele de um falso ingênuo — Montalte, e do outro, as doutrinas que combate se encarnam em personagens ridículos. Nas oito cartas restantes, Pascal

(3) "Et vous semble-t-il que les Lettres Provinciales soient autre chose que des Comédies? Dites-moi, Messieurs, qu'est-ce qui se passe dans les Comédies? On y joue un Valet fourbe, un Bourgeois avare, un Marquis extravagant, et tout ce qu'il y a dans le monde de plus digne de risée. J'avoue que le Provincial a mieux choisi ses personnages, il les a cherchés dans les Couvents et dans la Sorbonne, il introduit sur la Scene tantôt des Jacobins, tantôt des Docteurs, et toujours des Jésuites; Combien de rôles leur fait-il jouer, tantôt il amène un Jésuite bon homme, tantôt un Jésuite méchant, et toujours un Jésuite ridicule." *Port-Royal — Lettres à l'auteur des Imaginaires...*, pág. 22.

(4) *Entretiens de Cleandre et d'Eudoxe*, pág. 14.

(5) "Les meilleures comédies de Molière n'ont pas plus de sel que les premières Provinciales; Bossuet n'a rien de plus sublime que les dernières." Voltaire, *Le siècle de Louis XIV*, pág. 434. Nouet observa e interpreta, a seu modo, a mudança de tom nas *Provinciales*: "J'aperçois du changement dans vostre maniere d'écrire: mais je n'y voy point d'amendement. Vous allez tousjours aux extremités; & apres avoir fait si longtemps le railleur, tout à coup vous voulez faire le Docteur." *Responses aux Lettres Publiées par le Secretaire de Port-Royal*, pág. 351/352.

despede suas cômicas ficções e passa a dirigir-se a personagens reais. É o riso que predomina em mais da metade das *Provinciais*.

Com êsse riso, Pascal montou duas comédias. A primeira é a da Sorbonne, relacionada com a discussão sôbre a graça. Nela, Pascal ridiculariza os doutores da Sorbonne, que tramavam a expulsão de seu ilustre par, Arnauld. Os tomistas são as principais vítimas dessa comédia, cujos melhores momentos se encontram na primeira carta: Montalte desmascara duas correntes contrárias que, a seu ver, para alijar uma terceira, se serviam de um rótulo que as conciliava apenas na aparência — como dois partidos políticos de doutrinas ou interêsses contrários, mas unidos maquiavêlicamente sob a mesma legenda, afim de destruir um adversário comum.

A segunda comédia é a dos jesuítas. Condenado Arnauld pela Sorbonne, Pascal assesta seu riso contra os jesuítas, figurando a casuística da Companhia em um ingênuo jesuíta, que é como um *bonhomme* de neve a receber sorridente as flechas de Montalte. Solicitado maliciosamente, o bom do jesuíta introduz Montalte na cidadela da casuística. É êle o grande personagem cômico das *Provinciais*. Não inspira terror nem compaixão: não é um herói trágico. Suas argúcias e sua situação incômoda só nos fazem rir. Nêle, não encontramos nem crimes nem generosidade. É um personagem cômico *malgré lui*. O que o marca é uma profunda ingenuidade, que não o deixa tornar-se odioso. O ódio destruiria a comédia. Sainte-Beuve o compara com personagens mais ou menos desagradáveis como Patelin, Macette, Tartuffe, Onuphre, reconhecendo, porém, sua ingenuidade. Na verdade, o casuísta de Pascal não é comparsa daqueles personagens. Intimamente, é reto e honesto. Se Montalte se mostra contrário às decisões dos casuístas, não odeia seu porta-voz. Êste ficaria melhor situado entre os maníacos de La Bruyère, entre o

florista, o amador de frutas, de medalhas, de estampas, o bibliófilo, etc. Como êstes, o casuísta de Pascal é um maníaco, um colecionador de casos e decisões. O prazer que experimenta ao passear pela biblioteca em busca de seus autores é de natureza semelhante à do florista que se extasia em meio de suas tulipas. E o que sente ao mostrar a Montalte, com todos os requintes de amador, as decisões dos casuístas, lembra o desvanecimento do "amateur de prunes": "Il vous mène à l'arbre, cueille artistement cette prune exquise; il l'ouvre, vous en donne une moitié et prend l'autre: "Quelle chair! dit-il; goutez-vous cela? cela est-il divin? voilà ce que vous ne trouverez pas ailleurs (6)!" O personagem de Pascal não se orgulha menos de suas preciosidades. É incansável em valorizar seus casos e os confrades que os estudaram: "...lisez la Somme des Pechez de Bauny (...) c'est un bon livre (6a)." "...voyez les lignes que j'ay marquées avec du crayon: elles sont toutes d'or (7)." "...ce principe merveilleux est notre grande methode (8)." "...je veux maintenant vous faire voir cette grande methode dans tout son lustre (9)." "...un beau livre du P. Barry de nostre Societé (10)." "...nostre grand et incomparable Molina (11)." "... nostre grand Molina (12)." "...écoutez Filiuccio, ce grand Jesuite de Rome (13)." "Nostre grand Filiuccio (14)..." "Nostre grand Hurtado de Mendoza (15)..." "...nostre

(6) *Les Caractères*, pág. 397.

(6a) BRUNSCHVICG major, t. IV, pág. 252.

(7) *Ibid.* pág. 253.

(8) *Ibid.* pág. 85.

(9) *Ibid.* t. V, pág. 86.

(10) *Ibid.* pág. 192.

(11) *Ibid.* pag. 148.

(12) *Ibid.* pág. 148 e 151.

(13) *Ibid.* t. IV, pág. 312/313.

(14) *Ibid.* t. IV, pág. 97, e t. V, pág. 152.

(15) *Ibid.* t. V, pág. 90.

sçavant Hurtado (16).” “...nos grands et célèbres Peres Tannerus et Emmanuel Sa (17).” “...nostre celebre Escobar (18).” “...ce grand Lessius (19).” “...nostre celebre P. l’Amy (20).” “...l’Amy (...) ce grand homme (21).” “Çaramouel nostre illustre defenseur (22).” “...nostre sçavant Castro Palao (23).” “...nostre sçavant Turrianus (24).” “...nostre Pere Valentia ce celebre Jesuite (25).” “...nostre P. Anroine Sirmond qui triomphe sur cette matiere dans son admirable livre (26).” O emprêgo enfático do demonstrativo, o possessivo a traír o júbilo de pertencer a uma sociedade ilustre, os epítetos encomiásticos referentes aos confrades (*grand, celebre, incomparable, sçavant*), ou a seus escritos e elucubrações (*bon livre, beau livre, admirable livre, principe merveilleux, grande methode*), tudo concorre para acentuar o perfil cômico do personagem, ao mesmo tempo ingênuo e vaidoso. Embora seja difícil, partindo dos retratos de Pascal, imaginar em seus traços fisionômicos a claridade de um riso, quem primeiro riu do jesuíta das *Provinciais* foi, sem dúvida, seu criador.

O jovial Montalte é quem puxa os cordões do casuísta-marionete. À candura, à vaidade, ao embotamento de seu interlocutor, Montalte opõe uma atitude que varia segundo os interesses e as circunstâncias. Seu objetivo é fazê-lo falar, acusar-se, comprometer-se. De acôr-

(16) Ibid. pág. 267.

(17) Ibid. pág. 95.

(18) Ibid. pág. 92.

(19) Ibid. pág. 99.

(20) Ibid. pág. 105.

(21) Ibid. pág. 106.

(22) Ibid.

(23) Ibid. pág. 137.

(24) Ibid. pág. 212.

(25) Ibid. pág. 268.

(26) Ibid. pág. 270.

do com a situação, mostra-se insinuante, pasmado, ignorante, indignado, laudativo. Descobre e alimenta o ridículo do casuísta, fazendo-nos rir às suas custas.

Essa comédia de Pascal é plenamente justificada pelo seu colaborador, Nicole, que mede a pertinência do riso pascaliano pela altura das queixas dos jesuítas: "Leurs cris & leurs plaintes marquent assez & la grandeur du mal & la nécessité du remède (27)." E segundo o próprio Pascal, o riso é o remédio mais indicado em certas ocasiões, pois, ao ver de Tertuliano, que êle cita: "Il y a beaucoup de choses qui meritent d'estre moquées et jouées de la sorte, de peur de leur donner du poids en les combattant serieusement (28)." Tôda a décima primeira carta, da qual são extraídas as linhas precedentes, não é mais do que uma fundamentada justificativa da comédia das *Provinciais*. Em defesa de sua zombaria, alude a exemplos dos Padres da Igreja, dos Santos e, até mesmo, de Deus. O que é preciso, são certas precauções que êle tomou e que os jesuítas desconhecariam em seus gracejos. Essa carta, em que Pascal discute com tanto empenho sôbre a admissibilidade do riso, merece ser arrolada no excurso em que, na *Literatura Européia e Idade Média Latina*, E. R. Curtius trata da Igreja e do riso (29). Mas, a justificativa contida na décima primeira carta constitui mais um ponto final que um

(27) *Les Provinciales ou Lettres Écrites par Louis de Montalte à un Provincial de ses Amis...*, t. III, pág. 31.

(28) BRUNSCHVIG major, t. V, pág. 314. Marcel AYMÉ, justificando-se de ter zombado da justiça em sua peça *La Tête des autres*, cita um lanço da undécima *Provincial*, que precede de umas duas páginas as linhas acima: "...Voilà pourquoi j'ai écrit 'La Tête des Autres'". Et à qui me reprochera d'avoir donné à sourire d'une institution vénérable, je répondrai en citant cette parole de Pascal: "Vous voyez, mes pères, que la moquerie est quelquefois plus propre à faire revenir les hommes de leurs égarements, et qu'elle est alors une action de justice, parce que, comme dit Jérémie, les actions de ceux qui errent sont dignes de risée." *Art-Lettres-Spectacles*, 1959, n.º 715.

(29) Cf. pág. 440/443.

incentivo, mais uma oração fúnebre que um panegírico. Depois dela, a zombaria será esporádica, ínfima. Diferente de Molière, que defendia sua comédia com outras comédias (30), Pascal ao defender a comédia das *Provinciais* recorre à seriedade. A arma do riso que usou com destreza até a décima carta, êle a deixa cair de suas mãos, para empunhar uma outra, não menos mortífera, mas de natureza bastante diferente. A eloquência sucede à zombaria.

Na realidade, o riso e a eloquência, não são duas feições estanques do gênio de Pascal, pois, como foi lembrado, depois da décima carta, ainda se encontra alguma comédia, e antes se nota alguma eloquência. É instrutivo, porém, observar como procede Pascal: nas primeiras cartas, há momentos em que o riso vem ao lado da eloquência; quando desejava levar na troça, servia-se êle de Montalte, que traduz seu lado molieresco; mas quando queria dizer uma palavra mais séria, lançava mão de um personagem mais sisudo, o jansenista, amigo de Montalte, que encarna seu lado “águia de Meaux”. A êste personagem cabe a pequena parte de eloquência ou seriedade das primeiras cartas; assim a parábola da segunda *Provincial*, e a erudição na quarta, na disputa com o jesuíta, são suas, e não de Montalte. Êste será o “homme d’esprit” que mantém a querela num clima de comicidade. Mais tarde, ao abandonar Pascal a comédia, o porta-voz de sua eloquência será Montalte. Mas êsse Montalte que se exaltará no fim da décima *Provincial*, e continuará falando veementemente em outras cartas, divergirá de tal modo do Montalte primitivo que chegará a identificar-se com seu severo amigo jansenista. Essa metamorfose torna patente o desvio de Pascal-Molière para Pascal-Bossuet. É outro personagem que fala, é a eloquência que passa a predominar.

(30) V. g., a querela em tórno de *L'École des Femmes*.

J. Steinmann dá uma explicação pouco satisfatória dessa mudança de registro (31). Notando êle que Pascal ri em umas cartas e se irrita em outras, confunde-se ao afirmar que, de uma lado, há um Pascal que ri das sutilezas ridículas dos casuístas, e do outro, um Pascal que protesta contra um plano de corrupção: as sutilezas inspirando a comédia, e o plano provocando a eloquência. Não é o que se depreende de uma sumária análise das *Provinciais*. No espírito de Pascal, as extravagâncias dos casuístas estão associadas ao suposto plano de abastardamento do cristianismo, e uma e outra coisa, êle as combate, primeiramente pelo riso, e depois, com a eloquência. Se o *complot* devesse, por si só, inspirar a eloquência, esta deveria surgir violentamente desde a quinta carta, onde é êle denunciado demoradamente. No entanto, no combate que segue essa denúncia, as armas empregadas por Pascal são as da comédia, e não as da eloquência. Mais tarde é que esta aparecerá para fustigar, tanto as extravagâncias como o *complot* de que fala Steinmann. Não é a matéria aventada a causa da mudança de tom. Para que a matéria tratada ocasionasse uma mudança no tom seria preciso que houvesse uma mudança na matéria. Mas é quase a mesma a que, nas primeiras cartas, provoca o riso, e que, nas últimas, torna

- (31) "Pourquoi, au lieu de simplement rire de ces excentricités, Pascal s'est-il fâché? Pourquoi a-t-il accusé les casuistes non seulement d'être tombés dans les subtilités ridicules des Sorbonnards, mais d'avoir nourri le dessein arrêté de corrompre le Christianisme? Car la violence de ton des dernières lettres ne s'expliquerait pas si Pascal n'avait affaire qu'à la sottise des professeurs de morale. Il flaire un complot, un scandale. Il le dénonce et la dénonciation se fait de plus en plus violente. Il poursuit les casuistes d'une haine personnelle. Il les fera condamner par l'Assemblée du Clergé et jusqu'à la fin persévérera dans cette attitude. Non seulement près de mourir il ne renie pas les *Provinciales*, mais à ses intimes il avoue l'année de sa mort que si c'était à refaire il les referait "plus fortes", entendez moins riantes, plus tragiques, plus violentes. Pourquoi? sinon parce que les casuistes, à ses yeux, obéissent au désir de restreindre, dans le monde des âmes qu'ils confessent, l'étendue du pêché et par là diminuent d'autant le royaume de la grâce." *Pascal*, pág. 153/154.

Pascal eloquente. Nestas, não faz mais do que retomar pontos vistos anteriormente. Houve mudança de tom, e não de matéria. O riso e a eloquência são duas armas para lutar contra as mesmas coisas, em dois momentos diferentes. O que Pascal combate com eloquência, já fôra antes castigado por seu riso.

Essa diferença no tratamento da mesma matéria, leva a buscar uma explicação, não tanto nas doutrinas que ora fazem rir, ora causam horror, mas nas disposições íntimas de Pascal, ao escrever suas cartas: tal exame, talvez, aclare um pouco o problema. Pascal ri de um jesuíta de sua lavra, incapaz de atentar contra seu criador. Pascal se irrita, não contra êsse filho de sua imaginação, mas contra jesuítas de carne e osso que se põem a responder-lhe.

Sentindo-se atacado, Pascal despede o seu *jesuíta*, abandona a comédia e se dirige diretamente aos jesuítas. A décima primeira carta deixa de ser uma *Lettre Escrite à un Provincial par un de ses Amys* para tornar-se uma *Lettre Escrite par l'Autheur des Lettres au Provincial aux Reverends Peres Jesuites*. Em vez de atacar, se defende. Sua defesa, porém, não será menos perigosa que sua ofensiva: "...j'espere en me deffendant, vous convaincre de plus d'impostures veritables, que vous ne m'en avez imputez de fausses (...) voyons qui se defendra le mieux (32)." Em outra página, mostra não sentir-se desajeitado na defesa; ao contrário, declara que seus adversários estão feridos por seus golpes: "Vous vous sentez frapper (sic) par une main invisible qui rend vos égaremens visibles à toute la terre (33)." No entanto, apesar do valor de qualquer iniciativa que tome, é preciso convir que Pascal deixa a ofensiva e passa à defesa. Fôra obrigado a fazer frente a vários ataques e contra-ataques dos jesuítas. A êstes faltava brilho, e às

(32) BRUNSCHVICG major, t. V, pág. 362/363.

(33) Ibid. t. VI, pág. 344.

vêzes, razão. Mas entravam na liça com vontade de bater-se.

Pascal é sensível não só aos ataques dos Jesuítas, mas ainda à opinião pública. Para responder a esta e àqueles, escreve a décima primeira carta, que inaugura as *Provinciais* endereçadas, sem rodeios, aos jesuítas. A apologia da comédia, que ela contém, responde a uma das principais acusações: o emprêgo indevido da zombaria (34). Pascal não se defende somente da acusação de ter zombado da Religião. Os jesuítas haviam atacado também outros pontos de suas cartas. Nouet, que respondia incansavelmente às *Provinciais*, julgando pertercerem a Arnauld, extraiu delas vinte e nove *imposturas*: *Impostures contenues dans les Lettres que les Jansenistes ont publiées contre les Jesuites*. Para replicar aos escritos de Nouet Pascal retorna a questões

- (34) "...il faut donner aux Lecteurs de ces infames Lettres du contrevenin, afin que le poison qu'on leur a presenté dans la coupe d'or de Babylone, ainsi que parle l'Ecriture, c'est à dire sous l'agrément de quelques paroles bouffones & railleuses, n'ait pas le malheureux éffet qu'ont pretendu ces Ecrivains heretiques, vrais empoisonneurs des Ames; & qu'ils n'ayent non plus succès dans leur calomnies, qu'ils en ont eu dans leur mauvaie doctrine." *Responses aux Lettres Publiées par le Secrétaire de Port-Royal...*, pág. 6. "...ces petits Bouffons, qui n'ont ny science, ny conscience, ny autorité." *Ib.* pág. 11. "...style railleur & bouffon." *Ibid.* pág. 16. "...c'est ainsi que les Demons s'efforcent par leur railleries, d'eluder la force des exorcismes, disant des paroles de bouffonneries pour exciter la populace à un rire dissolu, l'ennemy de la devotion, & la ruine de la religion: Mais c'est tout l'avantage de ce mauvais Ecrivain, qui n'ayant ny solidité, ny science, ny verité, a eu recours à son fort, qui est la bouffonnerie." *Ibid.* pág. 17. "Il n'y a sorte de railleries qui ne se trouve dans ses lettres, afin de servir au divertissement de toutes sortes de personnes. Il y en a de subtiles pour délasser les bons esprits, d'utiles pour interesser les riches, de basses pour amuser les valets et les servantes, d'impies pour contenter les libertins, de sacrileges pour faire danser les sorciers au sabat." *Ibid.* pág. 62/63. "Le Secrétaire de Port-Royal... s'est servy de son naturel de singe, pour contrefaire les moeurs d'un Pere Jesuite, qu'il feint estre son bon amy, afin que par ses tours de guenon, il puisse amuser les ames simples, et faire rire les esprits foibles... c'est un trivelin qui bouffonne sur le théâtre, et dans la douzième (carta), il semble qu'on contraint ce trivelin de quitter la farce,

tratadas durante a comédia: "... vous me traitez comme un imposteur insigne, et ainsi vous me forcez à repartir: mais vous sçavez que cela ne se peut faire, sans exposer de nouveau, et mesme sans découvrir plus à fond les points de vostre Morale; en quoy je doute que vous soiez bons politiques (35)." É essa volta a assuntos já vistos, provocada pelas respostas dos jesuítas, que fará desaparecer a jovialidade de Montalte e inspirará sua eloquência.

Além de defender sua comédia e rebater as imposturas que lhe eram atribuídas, Pascal deve defender-se da acusação de hereje, que devia agastá-lo profundamente. Essa acusação se nota em várias citações feitas anteriormente. Uma das mais incisivas é esta, feita por Annat: "...apres leurs quinze Lettres il y avoit de quoy se contenter, quand nous n'eussions fait autre cho-

pour apprendre le mestier de sauteur de corde." Apud BRUNSCHVICG major, t. VII, pág. 265.

Apesar de combaterem a veia cômica das *Provinciais*, os jesuítas recorrem também ao riso nas réplicas a Pascal: "...vous avez trop souvent le diable en la bouche: e (sic) le nom de ce Pere de mensonge vous est trop familier, & il est à craindre que l'ayant sans cesse sur la langue, il ne repande son venin dans vostre coeur" — escreve Nouet, um dos principais adversários de Pascal. *Responses aux Lettres Publiées par le Secrétaire de Port-Royal...*, pág. 264. Em outra página, aludindo a uma acusação de Pascal, segundo a qual seria permitido matar por causa de uma maçã, o mesmo responde: "Que vous estes artificieux & malin! Vous vous servez d'une pomme, comme le serpent, pour tromper les femmes: mais les sçavants se moquent de ces petites finesses: Ne faites point l'enfant devant les hommes sages: ne perdez point l'honneur pour une pomme." Ibid. pág. 355. Referindo-se ao trecho da oitava carta, em que Montalte confessava não ser nem doutor da Sorbonne, nem padre, nem eclesiástico, o autor da *Lettre écrite à une personne de condition*, faz o seguinte comentário: "Qui ne voit clairement par là, combien il est avantageux d'avoir commerce avec ces sçavants disciples de saint Augustin, qui ont des graces du Ciel si efficaces & si extraordinaires, qu'ils peuvent diriger les consciences sans estre Ecclesiastiques, discerner la lepre spirituelle des ames sans estre Prestres, enseigner la doctrine des moeurs sans estre Docteurs, & devenir Theologiens soudain qu'ils sont appris au Port-Royal à mettre des souliers en formc." Ibid. pág. 58.

(35) BRUNSCHVICG major, t. VI, pág. 362/363.

se que de dire quinze fois: ce sont des heretiques (36).” Era uma acusação tão forte como em nossos dias, de acôrdo com o momento ou a latitude, a pecha de comunista ou fascista. A obstinação com que, na décima sexta carta defende a Arnauld igualmente tachado de hereje, mostra indiretamente como era sensível nesse ponto. A décima sétima carta e a décima oitava, são destinadas a provar que não havia heresia jansenista.

Respondendo os jesuítas, de vários modos, às *Provinciais*, criou-se em tórno de Pascal uma atmosfera diferente da que o envolvia em suas primeiras cartas, o que só podia influir em seu ânimo. O sentir-se continuamente contrariado, o tom e o conteúdo das respostas do adversário, a acolhida que lhes dava parte do público, a acusação de heresia, o levaram a afastar-se da comédia. A euforia primitiva não podia subsistir. Os escritos dos jesuítas agiram de tal modo na marcha das *Provinciais* que Pascal não só abandona a comédia na décima, como, após a décima sexta, abandona igualmente a moral, que vinha tratando desde a quarta carta, para, sob a acusação insistente de heresia, concluí-las voltando ao problema da graça.

Quando no fim da décima carta, Montalte diz: “Il n’ya point de patience que vous ne mettiez à bout (37) . . .” — o agastamento de que se diz possuído, parece vir, não tanto das doutrinas que seu casuísta lhe exhibia, mas das respostas dos jesuítas. Se Pascal se preocupava em refutar antecipadamente possíveis críticas a trabalhos seus (38), é natural que as reais e contínuas objeções dos jesuítas às suas cartas o irritassem sobremodo. E se não tivesse havido as esquecidas e liliputianas refutações dos jesuítas, talvez não existisse a grande eloquência das *Provinciais*.

(36) Ibid. pág. 312.

(37) Ibid. t. V, pág. 272.

(38) Cf. Albert BÉGUIN, *Pascal par lui-même*, pág. 17.

singe, pour contrefaire les moeurs d’un Pere Jesuits, qu’il feint

II PARTE

ENTRE O JANSENISMO E O
MOLINISMO LITERÁRIOS

CAPÍTULO SEGUNDO

O ESTILO DE AUTORES JANSENISTAS

Em Port-Royal não se olhava com bons olhos o que pudesse agradar aos sentidos. Mère Angélique vai a ponto de condenar a música, por não ser necessária à piedade. A mesma religiosa se admira com o procedimento das carmelitas que, mais frugais e mais severas que as recolhidas de Port-Royal, gastavam no entanto fortunas em mandar fazer quadros. E uma vez, para não dar a certo cômodo um aspecto agradável, ordenou se estendesse, pelo avesso, uma tapeçaria que nêle se encontrava (1). De seu lado, Saint-Cyran teria condenado, sem titubear, a ascese literária de Flaubert (2) e de outros estilistas. Nesse apuro artístico, distinguiria êle

(1) Bernard DORIVAL, *Recherches et Débats*, n.º 13, pág. 187/188.

(2) "J'aime mon travail d'un amour frénétique et perversi comme un ascète; le cilice me gratte le ventre. Quelquefois quand je me trouve vide, quand l'expression se refuse, quand, après avoir griffonné de longues pages, je découvre n'avoir pas fait une phrase, je tombe sur mon divan et j'y reste hébété dans un marais intérieur d'ennui." Apud Claude CUÉNOT, *L'Oeuvre de Flaubert*, pág. 18. A confissão de outro estilista — Guez de Balzac — martirizado, como Flaubert, pela simples construção de uma frase nos faz compreender, tanto o suplício do romancista, como a condenação de Saint-Cyran: "Est-il possible, Monsieur, que nous travaillions à la structure et à la cadence d'une période, comme s'il y allait de nostre vie et de nostre salut, comme si, dans ce petit cercle de paroles, nous devions trouver le souverain bien et la dernière félicité...? Advouons la vérité, nous pourrions avoir part, mes compagnons et moy, parmi les Saints de J.-C., si nous avions apporté autant d'estude à la correction de nostre vie qu'à celle de nostre langage..." Apud Gaston GUILLAUMIE, *J. L. Guez de BALZAC et la Prose Française*, pág. 468.

a tríplice concupiscência, tão longamente considerada por seu amigo Jansênio (3). Seus conselhos sôbre a arte de escrever diferem profundamente do procedimento de Flaubert: "Il ne voulait pas qu'on s'amusât tant à épiloguer sur les paroles et à être plus longtemps à peser les mots qu'un avaricieux ne seroit à peser l'or à son trébuchet, parce que rien ne ralentit plus le mouvement de l'Esprit Saint que nous devons suivre. Il disait que cette grande justesse de paroles étoit plus propre aux Académiciens qu'aux défenseurs de la vérité; qu'il suffisoit presque qu'il n'y eut rien de choquant dans notre style (4)."

Sainte-Beuve diz que Port-Royal seguiu o método de Saint-Cyran (5). Ainda que as linhas supra-citadas não constituíssem um programa, e sim uma justificativa pessoal (6), não deixaram de influir nos escritores jansenistas. Mas essa influência não foi total (7). Arnauld

- (3) Cf. SAINTE-BEUVE, *Port-Royal*, t. II, pág. 160/161.
- (4) Testemunho de Lancelot apud SAINTE-BEUVE, *o. c.* t. II, pág. 84/85. Cf. P. JACQUINET, *Des Prédicateurs du XVIIe siècle avant Bossuet*, cap. VI.
- (5) "Et Port-Royal, en somme, a suivi cette méthode d'écrire suffisante et saine plus travaillée que châtiée." *O. c.* pág. 85.
- (6) "La phrase de Saint-Cyran, tant de fois citée, que rapporte Lancelot, ne constituait pas, nous semble-t-il, un programme, mais plutôt une excuse. Comme il arrive à bien des auteurs critiqués pour leur style, le premier Directeur de Port-Royal faisait comprendre qu'il ne voulait pas être jugé sur cela et que l'idée seule importait à ses yeux. Il n'aurait pas accepté sans protestation la responsabilité que fait peser sur lui Augustin Gazier: "C'est vraiment sa faute si les écrivains de Port-Royal ont en général le style triste et la phrase longue." J. CALVET, *La littérature religieuse de François de Sales à Fénelon*, pág. 233.
- (7) Não é só no domínio do estilo que não se segue incondicionalmente o exemplo de Saint-Cyran. Era êle também contrário ao emprêgo da zombaria: as *Enluminures de l'Almanach des Jésuites* de Saci, a *Réponse à la Lettre d'une personne de condition* de Arnauld e a *comédia* de Pascal, constituem um desvio do pensamento saint-cyraniano.

não consente em abandonar os recursos da retórica (8). Tanto êle, como outros, procuram escrever bem. Os cuidados estilísticos são sobremodo notórios nas traduções de vários port-royalistas. Na resolução da equação *fidelidade-beleza*, arrimados em inúmeros argumentos, se inclinam para a segunda. Le Maistre julgava que a excelência de uma tradução consistia em que ela fôsse mais bela que o original, se êste não sobressaísse pelo estilo e pela elegância; daí ser permitido, segundo êle, melhorar estilisticamente o original, contanto que se lhe não modificasse o sentido. Ademais, Le Maistre afirmava que a tradução, para ser perfeita, devia parecer uma produção original, e levar os leitores a indagar se a obra traduzida era tão bela quanto a tradução (9).

Mais de um escritor jansenista se preocupa com o estilo, quer escrever bem. Mas era inevitável que desconfiassem da natureza do prazer estético. As três consequências da queda primitiva: *libido sentiendi*, *libido sciendi*, *libido excellendi*, que se manifestam nas atividades humanas, deveriam vir à tona no domínio da arte. A condição de jansenistas e solitários deve ter influído na formação literária dos escritores de Port-Royal. Seu estilo não podia deixar de ressentir-se da *secura* jansenista: "Le stile est l'homme même (10)." Como os

- (8) Já no fim do século XVII, Goibaud des Bois, discípulo distante de Saint-Cyran e um dos refutadores das *provinciais* de Racine, se mostra contrário aos cuidados estilísticos e a tôda espécie de eloquência. Que Bossuet desaprovasse a des Bois, se compreende. Arnauld, porém, é menos esperado na reação a êsse discípulo de Saint-Cyran. Arnauld o refuta, tomando a defesa da eloquência e da retórica. Cf. J. CALVET, *o. c.* pág. 336.
- (9) Cf. Basil MUNTEANO, *Port-Royal et la stylistique de la traduction* in *Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises*, juin 1956, pág. 166.
- (10) O próprio Saint-Cyran desenvolve antecipadamente essa palavra de Buffon: "Il se fait une certaine transfusion sur le papier, de l'esprit et du coeur de celui qui écrit, qui est cause qu'on aperçoit pour ainsi dire, son image dans le tableau de la chose qu'il représente... Le moindre nuage qui se trouve dans notre coeur se répandra sur notre papier, comme une mauvaïse haleine qui

homens de Port-Royal fogem dos prazeres humanos, o prazer que se encontra nas letras foi cerceado, refletindo-se, insensivelmente, em seu estilo, tal desnudamento. Quem fôsse escrever deveria, de certo modo, penetrar na literatura como quem atravessava o severo jardim de Port-Royal — sem colhêr flôres, nem preocupar-se com perfumes: “J’admiraais avec quel soin il (o encarregado do jardim) rejetait ce qui n’est propre qu’à flatter les sens. On ne savait là ce que c’était que de cueillir des fleurs; et d’un seul coup d’oeil on remarquait que c’était les jardins de personnes pénitentes, où il ne fallait point chercher d’autres fleurs que les vertus de ceux qui les cultivaient (11).” Por menos risonho, porém, que fôsse o amanho estilístico dos jansenistas, não deixava de havê-lo, como em Arnauld, Nicole ou Le Maistre. E não foram poucos os elogios dirigidos aos escritos jansenistas, tratados por seus autores, como o jardim de Port-Royal.

Em *Artifices des Herétiques*, livro publicado no século XVII contra o jansenismo, no qual não se fala uma só vez em jansenismo, mas que é todo dirigido contra êle, se encontra um capítulo intitulado: “Ils se forment un stile agreable & des manieres douces et flatteuses”, cujo primeiro parágrafo nos afirma: “Les herétiques ont toujours soigneusement travaillé à acquérir toutes les graces du langage, parce que c’est une des choses qui sert le plus à seduire le commun (12).” Guez de Balzac, confessando sua admiração pelo estilo de Arnauld, confeccionou, segundo sua especialidade, uma elogiosa hipérbole: “Oh! que l’Église recevra de services de cette plume! Ce sera le bâton de sa vieillesse. . . et,

ternit toute la glace d’un miroir, et la moindre indisposition que nous aurons sera comme un ver qui passera dans cet écrit, et qui rongera le coeur de ceux qui le liront jusqu’à la fin du monde.” Apud SAINTE-BEUVE, *o. c. t. II*, pág. 86.

(11) Apud ID. *ibid.* t. V, pág. 260/261.

(12) Pág. 36/37.

s'il y a encore quelque hérésie à venir, qu'elle hâte de naitre, et que tous les monstres se déclarent, afin que cette fatale plume les exterminie (13).” Mme de Sévigné prefere Nicole: “Quel langage! quel ton dans l'arrangement des mots! On croit n'avoir lu de français qu'en ce livre. C'est admirable. C'est la même étoffe que Pascal. Je n'ai jamais vu écrire comme ces Messieurs-là (14).” A amável jansenista é inescotável em seus elogios a Nicole. Em sua carta de 4 de novembro de 1671, endereçada a Mme de Grignan, mostra uma admiração gastronômica pelos escritos do solitário: “Devinez ce que je fais: je recommence ce traité (são os *Essais de Morale*); je voudrais en faire un bouillon et l'avalier (15).” Em nossos dias, embora mais temperantes que Mme de Sévigné, Gonzague Truc (16) e Georges Mongrédién (17) não escondem sua admiração por Nicole.

Por outro lado, são inúmeras as restrições ao estilo jansenista. Bossuet, ao mesmo tempo em que elogia a severidade e a “grandeur” dos escritos oriundos de Port-Royal, reconhece sua falta de variedade: “Les livres et les préfaces de Mrs de Port-Royal sont bonnes à lire, parce qu'il y a de la gravité et de la grandeur. Mais, comme leur style a peu de variété, il suffit d'en avoir vu quelques pièces (18).” O jesuíta Vavasseur indicou os principais defeitos dos escritores jansenistas: frases

(13) Apud J. CALVET, *o. c.* pág. 224. Até Rapin elogia o estilo de Arnauld; cf. *Mémoires*, t. I, pág. 22.

(14) Apud Marcel ARLAND, *La prose française*, pág. 333.

(15) Joseph de Maistre não adere a essa deglutição estética. Referindo-se aos escritos jansenistas, escreve: “Je te vomirai, dit l'Écriture, en parlant de la tiédeur; j'en dirais autant en parlant à la médiocrité. Je ne sais comment le mauvais choque moins que le médiocre continu.” *L'Église Gallicane*, pág. 38.

(16) Cf. *Pascal — Son temps et le nôtre*, pág. 253.

(17) Cf. *La vie littéraire au XVIIe siècle*, pág. 182.

(18) *Oeuvres oratoires*, t. VII, pág. 15.

intermináveis, falta de variedade, estilo descolorido (19). Outro jesuíta, Bouhours, exime-os, irônicamente, da pecha de laconismo (20). Racine, em um momento de irritação contra seus antigos mestres, deu uma receita do estilo jansenista: "Remplissez vos lettres de longues et doctes périodes. Citez les Pères. Jetez-vous souvent sur les injures, et presque toujours sur les Antitheses. Vous estes appellés à ce stile (21)." Mais recentemente, Remy de Gourmont critica a falta de arte e o tom glacial dos escritores jansenistas (22) e André Thérive os considera pesados, verbosos, enfadonhos (23).

Dentre as críticas feitas ao estilo jansenista, uma das mais frequentes é a que se refere ao tamanho das frases. Havia, na época, a preocupação de determinar a compleição dos períodos, v. g., não ultrapassarem, em extensão, seis ou sete versos heróicos, levar-se em conta o fôlego do leitor (24). Vários escritores, como os jansenistas, não tinham, porém, tais cuidados. Le Maître continua a enfiar suas longas frases (25) e Nicole,

(19) Cf. SAINTE-BEUVE, *o. c. t.* III, pág. 50-51, e Antoine ADAM, *Histoire de la littérature française au XVIIe siècle*, II, pág. 176.

(20) "Il est vrai, dit Ariste, que ces écrivains si fameux ne peuvent être accusés de laconisme; ils aiment naturellement les discours vastes; les longues parenthèses leur plaisent beaucoup; les grandes périodes, et surtout celles qui par leur grandeur excessive suffoquent ceux qui les prononcent, comme parle un auteur grec, sont tout à fait de leur gout. La belle Vie de l'Archevêque de Brague commence par une période démesurée: il faut de bons poumons pour la lire tout d'une haleine et une grande attention pour la comprendre la première fois qu'on la lit... Pour ce qui regarde l'étendue des périodes, bien loin de les accourcir, ils y ajoutent des queues qui rendent le discours extrêmement long. Par exemple, après de grandes périodes qui lassent déjà assez d'elles-mêmes, ils mettent d'ordinaire quelque participe, comme étant certain que, etc., rien n'étant plus avantageux que, etc., ce qui ne sert pas à délasser les esprits et à reprendre haleine aux lecteurs." *Entretiens d'Ariste et d'Eudoxe*, pág. 129/131.

(21) *Port-Royal — Lettres à l'auteur des Imaginaires...*, pág. 16.

(22) Cf. *Le problème du style*, pág. 47-48.

(23) Cf. *Table Ronde*, décembre, 1954, pág. 184.

(24) Cf. Ferdinand BRUNOT, *Histoire de la langue française*, t. III, pág. 694, sq.

(25) Cf. ID. *ibid.* pág. 696.

talvez o melhor escritor de Port-Royal, não se mostra adversário de longuras. O que salta aos olhos, nas páginas de Nicole, é o comprimento das frases. Não são elas atravancadas e informes, como as do século precedente. Mas têm uma corpulência semelhante. Sua frase é naturalmente longa (26). Na verdade, *não pode éle ser acusado de laconismo*. Embora haja exemplos bastante maiores, tamanho de frase, encontradigo, em Nicole, é o seguinte: “Il ne faut, pour être coupable de tous ces crimes, qu’aimer les plaisirs, être un homme de bonne chere & de divertissemens, donner à ses sens ce qu’ils desirent, en un mot, mener la vie que mene dans le monde un grand nombre d’hommes & de femmes, & que presque tout le monde voudroit y mener; une vie de parties, de festins, de jeux, de spectacles; une vie occupée, ou de la préparation aux plaisirs, ou des plaisirs mêmes; & ce qui est pire, des plaisirs de la chair qui sont si sales et si honteux (27).” O tamanho excessivo de suas frases podia ser resgatado por certas qualidades exigidas, na época, para a frase oratória, como a disposição, a arrumação de seus elementos, oposições, repetições, que lhe emprestariam um movimento mais

(26) Sem muito trabalho, encontram-se, em suas páginas, frases deste porte: “En découvrant par la foi ces grandes vérités, que Dieu fait tout; que rien n’échappe à sa providence; que par tout ce qui arrive dans le monde, il exerce, ou sa miséricorde, ou sa justice; que les créatures n’ont de pouvoir que ce qu’il leur en donne; qu’elles ne sont que les instruments & les ministres de ses ordres; nous voyons en même-temps dans cette volonté, considérée comme la justice souveraine, qu’il est juste que Dieu règne, & que nous lui obéissions; que c’est à luy à nous contredire, & à nous à le suivre; que c’est à nous à nous conformer à sa volonté, & non pas vouloir qu’il s’accommode à la nôtre, & que cette volonté étant toujours juste & sainte, elle est aussi toujours adorable, toujours digne de soumission et d’amour, quoique les effects nous en soient quelquefois durs & pénibles, puisqu’il n’y a que des ames injustes qui puissent trouver à redire à la justice, & qu’ainsi la peine que nous avons quelquefois à nous y soumettre, est une preuve de notre injustice & de notre corruption, qui doit nous porter, non à nous en prendre à Dieu, mais à nous en prendre à nous-mêmes.” *L’Esprit de M. Nicole*, pág. 396/397.

(27) *Ibid.* pág. 196.

vivo (28). Seu período se lê sem dificuldade, porque é todo claro. Mas, longo, carente de nervo e vivacidade, a luz que o ilumina é sem lampejos e sem calor. O pensamento é límpido, mas se adianta em cansativa câmara lenta.

Os escritores de Port-Royal tiveram o mérito de apresentar uma prosa de qualidade superior à de muitos escritores da época, mas foram, em breve, superados pelos grandes prosadores do século. Em compensação, conseguiram conservar, por muito tempo ainda, aquela primitiva reputação.

O descrédito em que caíram os livros de Port-Royal, que não se reeditam mais, não deve levar-nos a esquecer o êxito que lograram ao terem vindo a lume (29). A grande voga das *Provinciais*, no século XVII, não ofuscou o brilho dos livros saídos de Port-Royal. As produções de Nicole e Arnauld não mere-

- (28) Essa disposição harmoniosa se encontra nos longos períodos de Guez de Balzac, bem caracterizados por Gaston GUILLAUMIE: "Dans ces longues périodes, chaque élément ou correspondant, qu'il appartienne à la protase ou à la catase, est traité comme une unité isolée, après laquelle on peut en quelque sorte respirer, comme sur un pallier, avant d'arriver au sommet ou plateau de la période et de redescendre ensuite par des arrêts analogues, symétriquement parallèles aux premiers." *O. c.* pág. 484. Essa construção equilibrada, que lembra a GUILLAUMIE a arquitetura estilo Luis XIV, constitue o "style périodique." Valéry, estudando a frase de Bossuet, não se expressa diferentemente: "Il (Bossuet) part puissamment du silence, anime peu à peu, enfle, élève, organise sa phrase, qui parfois s'édifie en voute, se soutient de propositions latérales distribuées à merveille autour de l'instant, se déclare et repousse ses incidentes qu'elle surmonte pour toucher enfin à sa clé, et redescendre après des prodiges de subordination et d'équilibre jusqu'au terme certain et à la résolution complète de ses forces." *Variété*, II pág. 41/42. Essa arquitetura harmoniosa das longas frases de Balzac e Bossuet não era do gosto do estilo jansenista.
- (29) É de notar que, no século XVII, não foram as peças de Racine as mais aplaudidas. Quinault, Pradon, Campistron, Thomas Corneille, viram muitas de suas peças consagradas pela admiração do público. O mais brilhante sucesso dramático daquela época foi *Timocrate* (1656); de Thomas Corneille, representado oitenta e duas vezes, sem interrupção. Cf. Daniel MORNET, *Histoire de la littérature française classique*, pág. 219.

ceram, junto ao público, estima inferior à das *Provinciais*. E, entre Pascal e Arnauld, os aplausos iam sobretudo ao segundo. Mas, enquanto as *Provinciais* encontram editores inúmeros e ilustres, quase tôda a copiosa produção de Port-Royal encahou no século XVIII, sendo editado um ou outro livro no século XIX. Aquela afirmação de Pascal: “Je ne suis pas de Port-Royal (30)” não suscita contestação, se se tratar do estilo dos solitários. Nesse domínio, Pascal podia estar entre êles, mas não era dêles.

A frase de Pascal tem, por vêzes, proporções avantajadas (31) e até mesmo uma construção incômoda (32). Mas, normalmente, sua frase é menor que a de Nicole e apresenta uma construção mais coesa e equilibrada: “Qu'on ne pretende pas de là neanmoins que les choses soient égales: car il y a cette extrême difference que la violence n'a qu'un cours borné par l'ordre de Dieu

(30) BRUNSCHVICG major, t. VI, pág. 342.

(31) “Certainement, mes Peres, vous avez sujet de craindre, que la difference de vos traitemens envers ceux qui ne different pas dans le rapport mais seulement dans l'estime qu'ils font de vostre doctrine, ne découvre le fond de vostre coeur, et ne fasse juger que vous avez pour principal objet de maintenir le credit et la gloire de vostre Compagnie; puisque tandis que vostre Theologie accomodate passe pour une sage condescendance, vous ne desavouez point ceux qui la publient, et vous louez au contraire comme contribuans a vostre dessein: mais quand on la fait passer pour un relâchement pernicieux, alors le mesme interest de vostre Societé vous engage à desavouer des maximes, qui vous font tort dans le monde: et ainsi vous les reconnoissez ou les renoncez, non pas selon la verité qui ne change jamais; mais selon les divers changemens des temps, suivant cette parole d'un ancien: *Omnia pro tempore, nihil pro veritate.*” BRUNSCHVICG major, t. V, pág. 367/368.

(32) “Concluons donc, mes Peres, que puisque vostre probabilité rend les bons sentimens de quelques-uns des vos auteurs inutiles à l'Église, et utiles seulement à vostre politique, ils ne servent qu'à nous monster par leur contrariété la duplicité de vôtre coeur, que vous nous avez parfaitement decouverte, en nous declarant d'une part que Vasquez et Suarez sont contraires à l'homicide; afin d'offrir deux chemins aux hommes, en detruisant la simplicité de l'Esprit de Dieu, qui maudit ceux qui sont doubles de coeur, et qui se preparent deux voyes”. BRUNSCHVICG major, t. VI, pág. 43.

qui en conduit les effets à la gloire de la verité qu'elle attaque; au lieu que la verité subsiste eternellement, et triomphe enfin de ses ennemis; parce qu'elle est eternelle et puissante comme Dieu mesme (33).” “Si vous disiez qu'on peut tuer un médisant selon les hommes, mais non pas selon Dieu, cela seroit moins insupportable; mais que ce qui est trop criminel pour estre souffert par les hommes, soit innocent et juste aux yeux de Dieu qui est la Justice mesme, qu'est-ce faire autre chose, sinon monstrier à tout le monde que par cet horrible renversement si contraire à l'esprit des Saints, vous estes hardis contre Dieu, et timides envers les hommes (34).” O que se nota nessas frases, e em outras, mais longas ou menores, é o inelutável de um pensamento que avança e o forte balizamento de sua marcha. Essa constituição, essa fibra diferenciam fortemente a frase de Pascal da de Nicole. Nem tôdas as frases das *Provinciais* são dotadas de evidente fôrça avassaladora. Mas, de modo geral sejam longas ou breves, nota-se nelas um movimento, uma densidade, inexistentes nos escritos jansenistas. É que o pensamento de Pascal é mais tenso, mais rápido, e avança através de um jôgo cerrado de oposições e repetições. É a atenção se vê, forte, mas agradavelmente, rechaçada entre os ecos e o repisar vitorioso de seu estilo: “A ceux qui voudront tuer, on presentera Lessius; à ceux qui ne le voudront pas, on produira Vasquez; afin que personne ne sorte mal content, et sans avoir pour soy un auteur grave. Lessius parlera en payen de l'homicide, et peut-estre en Chretien de l'aumosne: Vasquez parlera en payen de l'aumosne, et en Chrestien de l'homicide. Mais par le moyen de la probabilité que Vasquez et Lessius tiennent, et qui rend toutes vos opinions communes, ils se presteront leurs sentiment les uns aux autres, et seront obligez d'absoudre ceux qui auront agi selon les opi-

(33) Ibid. t. V, pág. 387.

(34) Ibid. t. VI, pág. 37/38.

nions que chacun d'eux condamne (35).” Tal dinamismo distancia a frase de Pascal da flacidez da frase jansenista. Ela é um instante em que o pensamento dá um passo decidido para provar ou contestar. É a clareza que nela se patenteia é proveniente de forte jôgo antitético. Estamos longe das golfadas de frases monótonas, iluminadas por uma luz fria, como nas páginas de Nicole.

Dois confrontos acentuarão a diferença entre Nicole e Pascal. Tratando dos perigos que cercam a vida espiritual, e da idéia bem jansenista do reduzido número dos eleitos, Nicole desenvolve uma longa e minuciosa comparação: “Ainsi le monde entier est un lieu de supplices, où l'on ne découvre par les yeux de la foi que des effets effroyables de la justice de Dieu, et si nous voulons le représenter par quelque image qui en approche, figurons-nous un lieu vaste, plein de tous les instruments de la cruauté des hommes, et rempli d'une part de bourreaux, et de l'autre d'un nombre infini de criminels abandonnés à leur rage. Représentons-nous que ces bourreaux se jettent sur ces misérables, qu'ils les tourmentent tous et qu'ils en font tous les jours périr un grand nombre par les plus cruels supplices; qu'il y en a seulement quelques-uns dont ils ont ordre d'épargner la vie; mais que ceux-ci même, n'étant pas assurés, ont sujet de craindre, etc... Quelle seroit la frayeur de ces misérables, qui seroient continuellement témoins des tourments les uns des autres, etc... Nous passons nos jours au milieu de ce carnage spirituel, et nous pouvons dire que nous nageons dans le sang des pécheurs, que nous en sommes tout couverts, et que ce monde qui nous porte est un fleuve de sang (36).” Pascal, ao tratar de assunto semelhante, procede muito diferentemente: “Qu'on s'imagine un nombre d'hommes dans les chaînes, et tous condamnés à la mort, dont les uns

(35) Ibid. pág. 41.

(36) Apud SAINTE-BEUVE, *o. c.*, t. IV, pág. 472.

étant chaque jour égorgés à la vue des autres, ceux qui restent voient leur propre condition dans celle de leurs semblables, et, se regardant les uns et les autres avec douleur et sans espérance, attendent leur tour. C'est l'image de la condition des hommes (37)." Em vez da monotonia lúgubre de Nicole, tem-se em Pascal um quadro vivo, duas frases apenas, — uma com poucas linhas, dinâmica, animada com intensa progressão dramática, a outra com poucas palavras, dando a chave do enigma. Pascal focaliza apenas o essencial, o que importava — a condição humana.

Em outra página, Nicole fala da hora do julgamento, em que os pecados mortais aparecerão em plena luz. Esta visão que podia ter algo de dantesco, não provoca o menor frêmito no estilo do solitário, não consegue mais que uma prefiguração do Butantan: "Qu'on s' imagine donc une chambre vaste, mais obscure, et qu'un homme travaille toute sa vie à la remplir de vipères et de serpents; qu'il y en apporte tous les jours grande quantité, et qu'il emploie même diverses personnes pour l'aider à en faire amas; mais que sitôt que ces serpents sont dans cette chambre, ils s'y assoupissent en s'entassant les uns sur les autres, en sorte qu'ils permettent même à cet homme de se coucher sur eux sans le piquer et sans lui faire aucun mal; que, cet état durant assez longtemps, cet homme s'y accoutume et n'apprehende rien de cet amas de serpents; mais lorsqu'il y pense le moins, les fenêtres de cette chambre venant à s'ouvrir tout d'un coup et à laisser entrer un grand jour, tous ces serpents se réveillent tout d'un coup et se jettent tous sur ce misérable, qu'ils le déchirent par leurs morsures, et qu'il n'y en ait aucun qui ne lui fasse sentir son venin. Quelque terrible que soit cette image, ce n'est qu'un foible crayon de ce que font ordinairement les hommes, et de ce qui leur arrive au jour de leur

(37) Lafuma, pág. 195.

mort (38).” Nas *Provinciais*, Pascal evoca o dia do julgamento final de modo bem diferente: em lugar de uma tenebrosa câmara lenta, um ritmo impetuoso que lembra um pugilato, um movimento enérgico que faz corcovear a frase: “. . . au dernier jour Vasquez condamnera Lessius sur ce point, comme Lessius condamnera Vasquez sur un autre, et que tous vos auteurs s’élèveront en jugement les uns contre les autres pour se condamner réciproquement dans leurs effroyables excès contre la loi de Jesus-Christ (39).”

O confronto de Arnauld com Pascal não é menos significativo, como se pode verificar nas colunas abaixo, em que vemos um mesmo trecho de Tertuliano, traduzido à esquerda, pelo primeiro, e à direita, pelo segundo:

Ce que je m’en vas faire . . . n’est qu’un jeu et une escarmouche avant un juste combat.

Ce que j’ay fait n’est qu’un jeu avant un veritable combat.

Je me contenteray de les effleurer et de leur montrer plustost les blessures qu’on leur peut faire, que je ne leur feray de veritables.

J’ay montré les blessures qu’on vous peut faire, plustost que je ne vous en ay fait.

Qu’il se trouve des endroits où le lecteur soit porté à RIRE il jugera aisément, que c’estoit les sujets mesmes, qui demandoient d’estre traitez de la sorte.

Que s’il se trouve des endroits où l’on soit excité à rire, c’est parceque les sujets mesmes y portoitent.

Il y a plusieurs choses qu’on est obligé de refuter en cette maniere: de peur qu’estant proposées en des termes graves et serieux, on ne leur donne du poids, et on ne les rende dignes de quelque respect.

Il y a beaucoup de choses qui meritent d’estre moquées et jouées de la sorte, de peur de leur donner du poids en les combattant serieusement.

Il n’y a rien qui soit plus deu à la vanité des hommes que d’estre RAILLEE. Et c’est proprement à la Verité qu’il convient de RAILLER, parce qu’elle est gaye, et de se jouer de ses ennemis, parce qu’elle est assurée de la victoire.

Rien n’est plus deu à la vanité que la risée, et c’est proprement à la Verité à qui il appartient de rire, parcequ’elle est guaye, et de se jouer de ses ennemis, parce qu’elle est assurée de la victoire.

(38) Apud SAINTE-BEUVE, *o. c.* pág. 472/473.

(39) BRUNSCHVICG major, t. VI, pág. 43.

Il faut seulement prendre garde, qu'elle ne se rende pas ridicule par ses railleries, si elles sont sans esprit et indignes d'elle.

Il est vray qu'il faut prendre garde que les railleries ne soient pas basses et indignes de la verité.

Mais partout où l'on pourra s'en servir avec adresse, c'est un devoir et une vertu que d'en user (40)."

Mais à cela près, quand on pourra s'en servir avec adresse c'est un devoir que d'en user (41)."

Enquanto Pascal, pela condensação e feição antitética da forma traduz melhor, e se aproxima da concisão latina do original (42), Arnauld dá ao mesmo texto uma tradução prolixa, jansenista. Desde a primeira frase, ressalta a superioridade de Pascal: rejeita a pesada perífrase de Arnauld e, eliminando o substantivo "escarmouche" e empregando o epíteto "veritable" em lugar de "juste", torna mais acerada a antítese de "jeu" e "combat." Semelhante tratamento se verifica nas demais frases.

Se Pascal escritor difere de Arnauld e Nicole, que se preocupavam em escrever bem, distancia-se muito mais ainda da retórica saint-cyraniana. Pascal não é um escritor espontâneo (43), fiado unicamente na inspiração. É antes um escritor refletido, cuidadoso, que se corrige e faz autocrítica e não despreza o concurso do tempo.

Sainte-Beuve empregava seis dias de trabalho intenso para escrever um artigo. Uma carta de Guez de

(40) Ibid. t. V, pág. 287/288.

(41) Ibid. pág. 314/315.

(42) "Congressionis lusionem deputa, Lector, ante pugnam. Ostendam, sed non imprimam vulnera. Si et ridebitur alicubi, materiis ipsis satisfiet. Multa sunt sic digna revinci, ne gravitate adorentur. Vanitati propriè festivitas cedit. Congruit et Veritati ridere quia laetans; de aemulis suis ludere, quia segura est. Curandum planè, ne risus ejus videatur si fuerit indignus. Caeterum ubicumque dignus risus, officium est..." BRUNSCHVICG major, t. V, pág. 288.

(43) Isto é, Pascal é um escritor espontâneo, mas insatisfeito. Escreve com facilidade, mas se corrige com pertinácia. É este o Pascal das *Provinciais*. Nos *rascunhos imortais* de sua Apologia é que se encontra a espontaneidade em estado puro.

Balzac custava, às vèzes, quinze dias de trabalho. Pascal não é menos exigente. Só entre a primeira e a segunda carta medciam seis dias (de 23 a 29 de janeiro de 1656). Entre a segunda e a terceira, o espaço é duas vèzes maior. Entre a décima quinta e a décima sexta se passam uns dez dias. Quase sempre, porém, o intervalo é superior a vinte dias: mais do que o tempo necessário para Sainte-Beuve escrever um artigo e Guez de Balzac burilar uma carta. Por isso, parece exagerada a afirmação de Steinmann: "Il écrit dans les pires conditions une oeuvre hâtive, composée au jour le jour (44)." É verdade que a matéria tratada por Pascal era bastante ingrata e exigia uma grande aplicação do espírito. Mas o crítico e o epistológrafo não contavam com a equipe solícita e competente como a que assistia à confecção das *Provinciais*.

Os cuidados, os escrúpulos que Pascal teve ao escrever suas cartas, Nicole no-los descreve em testemunho precioso. Em nota apensa à tradução latina das *Provinciais*, historia diferentes passos de sua composição. As quatro primeiras cartas foram escritas em, relativamente, pouco tempo: "...Montalte... fit presque avec la même promptitude la seconde, la troisième & la quatrième Lettres qui furent reçues avec encore plus d'applaudissement (45)." As restantes, porém, foram escritas com mais vagar: "Il ne composa plus ses Lettres avec la même vitesse qu'auparavant, mais avec une contention d'esprit, un soin, & un travail incroyable (46)." Essa preocupação dista muito daquela retórica de Saint-Cyran. A *libido excellendi* se revela quando Pascal escreve suas cartas. O autor das *Provinciais* é aquêl inventor que refaz os modelos de sua máquina de calcular, mais de cinquenta vèzes.

(44) Pascal, pág. 186.

(45) *Les Provinciales ou Lettres Écrites par Louis de Montalte à un de ses Amis...*, t. I, pág. IX.

(46) Ibid. pág. XII.

Nicole nos diz ainda: "Il étoit souvent vingt jours entiers sur une seule lettre. Il en recommençoit même quelques-unes jusqu'à sept ou huit fois afin de les mettre au degré de perfection où nous les voyons (47)." Pascal parece mais obedecer, antecipadamente, a *Art poétique* de Boileau, do que seguir Saint-Cyran:

"Vingt fois sur le métier, remettez votre ouvrage, Polissez-le sans cesse et le repolissez (48)."

Os escrúpulos de Pascal, ao escrever suas cartas, não denotam pobreza ou esterilidade. Havia, ao contrário, nêle muita espontaneidade, mas era dotado de uma dose muito forte de espírito crítico: "Autant qu'il a de vivacité, autant qu'il a de pénétration pour découvrir les moindres défauts dans les ouvrages d'esprit; souvent à peine trouve-t'il supportable ce qui fait presque l'admiration des autres (49)." O escritor esboçado nas linhas acima não difere do "esprit sublime" da segunda sátira de Boileau:

"Et, toujours mécontent de ce qu'il vient de faire,
Il plait à tout le monde, et ne saurait se plaire (50)."

Além dêsses cuidados, havia a dificuldade do assunto. Seus colaboradores forneciam todo material necessário; mas a própria colaboração trazia uma dificuldade, pois, em meio dessa cópia de textos, citações, argumentos fornecidos, cumpria escolher, separar e, sobretudo, ordenar. "De plus la matiere qu'il traitoit, avoit ses difficultez particulieres. Il falloit réunir comme dans un seul corps un grand nombre de passages tirez de divers auteurs & de differens endroits, dans les mêmes auteurs & les lier d'une maniere naturelle &

(47) Ibid.

(48) *Art poétique*, c. I, v. 172/173.

(49) *O. c.* pág. XII.

(50) *Satire II*, v. 93/94.

qui n'eut rien de forcé (51).” A segurança da doutrina preocupava também o polemista; não devia êle ser submergido pelo assunto; embora falasse comme *honnête-homme*, não lhe era permitido cometer enganos. Outra dificuldade devia ser evitada: associada à polêmica, estava a comédia que era preciso sustentar convenientemente: “Il falloit soutenir le caractère du Jesuite qu'il fait parler dans ses Lettres: ce qui demandoit de grandes précautions. Il falloit de même conserver celui de l'autre personne du dialogue, c'est-à-dire de Montalte lui-même, qui ne devoit pas approuver grossièrement les sentimens du Jesuite, ni aussi les condamner trop ouvertement, pour ne pas rendre le Jesuite plus reservé à découvrir le relâchement de ses Casuistes (52).”

Eis porque Pascal, ao escrever as *Provinciais*, se mostrava tão exigente e não desprezava o concurso do tempo. Se a décima-sexta carta é cansativa, foi porque o tempo escasso não permitiu um trabalho estilístico apurado: “Elles ne sont pas moins élégants ni moins châtiées que les précédentes, si on en excepte la seixième qu'il se hâta de publier, comme il le témoigne lui-même, à cause des recherches qu'on faisoit chez les Imprimeurs (53).” Esta carta é longa se a compararmos com as precedentes que tinham oito páginas, *in-4.º*, e ela, doze. É que aborda um assunto desagradável: o uso que Jansênio fizera de dinheiro pertencente ao colégio de Lovaina. E Pascal se alonga demasiadamente na defesa de Arnauld, acusado de heresia. “Cette Lettre est donc plus longue qu'il ne souhaitoit, mais je ne crois pas qu'elle le soit trop pour les Lecteurs”, explica Nicole (54). Pascal escreveu um post-scriptum significa-

(51) *O. c.* pág. XII/XIII.

(52) *Ibid.* pág. XIII.

(53) *Ibid.* pág. XIII/XIV.

(54) *Ibid.* pág. XIV.

tivo, nessa carta, que nos revela quanto o tempo era necessário ao acabamento de seus escritos e como a concisão, a condensação eram um de seus objetivos estilísticos: “Mes Reverends Peres, mes Lettres n’avoient pas accoustumé de se suivre de si près, ny d’estre si estendues. Le peu de temps que j’ay eu a esté cause de l’un et de l’autre. Je n’ay fait celle-cy plus longue que parce que je n’ay pas eu le loisir de la faire plus courte (55).” A importância do estofamento do tempo para a melhor confecção da carta e a afirmação de que o tamanho do escrito está, de certo modo, em razão inversa do tempo disponível, lembram os conselhos de Boileau:

“Qui ne sait se borner ne sut jamais écrire...
 Travaillez à loisir quelque ordre qui vous presse,
 Et ne vous piquez point d’une folle vitesse:
 Un style si rapide, et qui court en rimant,
 Marque moins trop d’esprit que peu de jugement...
 Ajoutez quelquefois, et souvent effacez (56).”

Do testemunho de Nicole não se depreende o *laisser aller* piedoso de Saint-Cyran, mas as atenções e os cuidados de um autor escrupuloso. Notam-se os “afres” do escritor, a elaboração difícil da obra-prima, Pascal como que acorrentado a seu trabalho que, segundo Nicole, foi realmente penoso. As notas do colaborador, historiador, comentador e tradutor das *Provinciales* nos dão essa impressão de trabalho cansativo e perseverante: *peine, contension d’esprit, soin, travail incroyable, fort travaillées*.

(55) BRUNSCHVIG major, t. VI, pág. 292. A última frase da citação acima se parece singularmente com este fecho de carta do Pe. Vieira: “Peço desculpar-me de ter sido longo, por não ter tempo de ser breve.” Apud MARQUES da CRUZ, *Português prático*, 5.^a série, pág. 127.

(56) *Art poétique*, I, v. 63, 163/166, 174.

Esse labor antisaint-cyraniano teve duas consequências. De um lado, foi êle proveitoso à causa jansenista: Daniel chega a ponto de afirmar a respeito das *Provinciais*: “Ce livre seul a fait plus de jansenistes que l’Augustin de Jansenius et tous les ouvrages de M. Arnauld (57).” Mas de outro lado, foi nocivo à literatura dos grandes escritores de Port-Royal, porque os expôs a um paralelo funesto: as *Provinciais* não trazem propriamente, à baila, novidades; o que Pascal diz nelas, Arnauld e outros já o tinham dito, longa e fastidiosamente; apropriando-se Pascal de material pré-existente e transformando, com seu estilo, numa obra de arte, o que antes era inexpressivo ou mesmo anti-estético, vemos realizada a palavra de Rivarol: “Le génie égorge ceux qu’il imite.”

(57) O. c. pág. 11.

CAPÍTULO TERCEIRO

O ESTILO DE AUTORES JESUÍTAS

Nas *Provinciais*, as críticas dirigidas a alguns jesuítas visam claramente seu modo de escrever. Isso não é de estranhar, pois em suas discussões, usa Pascal mostrar as impropriedades de linguagem dos adversários. Nas primeiras cartas, quando ainda não começara a terçar armas com os jesuítas, nós o vemos a analisar, com minúcia, o sentido das expressões “pouvoir prochain” e “grâce suffisante”. Em outras cartas, Pascal fustiga com suas observações autores da Companhia, ou que lhe eram devotados.

Rapin, em face dessas apreciações, tenta uma curiosa defesa de seus confrades: baseando-se numa crítica relativista, julga que as observações de Pascal atingem apenas a jesuítas flamengos. Levando em conta considerações de raça e clima, faz ver que um jesuíta flamengo difere de outro que não o seja, seguindo-se daí que o hábito não faz o estilo (1). Acha plausível e fina a crí-

- (1) “Mais a-t-il raison de railler tout ce qu'il y a de jesuites au monde du peu de finesse qu'ont les Flamands par la qualité de leur air natal et par l'état de leur tempérament...? Il a fait la même injustice que s'il faisoit les Italiens et les Espagnols de même humeur que les Flamands, parce qu'ils portent le même habit.” *Mémoires*, t. II, pág. 364. Em um de seus diálogos, Bouhours, escritor jesuíta do século XVII, leva também em conta o determinismo do clima: “Le Cardinal Du Perron disoit un jour, en parlant du Jésuite Gretzer: Il a bien de l'esprit pour un Allemand, comme si c'eut été un prodige qu'un Allemand fort spirituel. — J'avoue, interrompit Ariste, que les beaux esprits sont un peu plus rares dans les pays froids, parce que la nature y est plus languissante et plus morne, pour parler ainsi. — Avouez plutôt,

rica de Pascal a confrades seus, mas se queixa da generalização.

Com efeito, Pascal se refere a jesuítas de Flandres. O livro (2) editado em Antuérpia, por ocasião do primeiro centenário da Companhia de Jesus, mereceu de sua parte alguns reparos. Aquêles religiosos, reconfortados com a grande afluência de fiéis ao sacramento da penitência, não podem esconder sua satisfação. Em vez, porém, de a externarem com simpleza, com naturalidade, lançam mão de *acutetze*: "Alacriùs multò atque ardentius scelera jam expiantur, quam antè solebant committi... plurimi vix citiùs maculas contrahunt, quam eluunt (3)." Pascal exhibe em sua décima carta êsse pensamento engenhoso e, para realçar o estranho da coisa, deixa engastado, em meio de sua tradução, o advérbio "alacrius" (4). Em outra página do mesmo livro, Pascal destaca um elogio hiperbólico feito à Companhia (5).

De Flandres se passa para a Itália. O italiano Antonino Diana, que não é jesuíta, mas estima os autores jesuítas, Pascal no-lo mostra igualmente cultor do elogio hiperbólico: "...voyez Diana qui n'est pas de nostre Societé, quand il parle de Vasquez; il l'appelle *le Phenix des esprits*. Et quelquefois il dit *que Vasquez seul luy est autant que tout le reste des hommes ensemble. Instar omnium* (6)."

O espanhol Antonio Mendoza Escobar foi também atingido. Pascal não o considera apenas como casuísta:

fit Eugène, que le bel esprit, tel que vous l'avez défini, ne s'accommode point du tout avec les tempéraments grossiers et les corps massifs des peuples du Nord." *Entre:iens d'Eugène et d'Ariste*, pág. 180/181.

- (2) *Imago primi saeculi Societatis Je.u a Provincia Flandro-Belgica ejusdem Societatis repraesentata.*
- (3) Apud BRUNSCHVICG major, t .V, pág. 228.
- (4) Cf. ib. pág. 250.
- (5) Cf. BRUNSCHVICG major, t. IV, pág. 297/298.
- (6) Ibid. pág. 318.

algumas de suas observações visam o escritor. Logo que entra em cena, uma alegoria de sua lavra é ridicularizada por Pascal: “Quoy vous ne sçavez qui est Escobar de nostre Societé qui a compilé cette Theologie Morale de 24. de nos Peres, sur quoy il fait dans la preface une Allegorie de ce livre à *celuy de l'Apocalypse qui estoit scellé de sept sceaux*. Et il dit que JESUS l'offre ainsi scellé aux quatre animaux Suarez, Vasquez, Molina, Valentia, en presence 24. Jesuites qui representent les 24 Vieillards. Il leut toute cette Allegorie qu'il trouvoit bien juste, et par où il me donnoit une grande idée de l'excellence de cet ouvrage (7).” Por mais de uma vez, Pascal alude irônicamente à alegoria de Escobar (8). Outro espanhol, de imaginação talvez mais rica do que a de Escobar, é criticado igualmente por Pascal: João Caramuel Lobkowitz. Não pertence à Companhia, é cisterciense, mas é grande amigo dos jesuítas. Matemático e precoce como Pascal (com apenas doze anos compusera e publicara tábuas astronômicas), não tinha, porém, o equilíbrio de seu crítico: “ingenium habet ut octo, eloquentiam ut quinque, judicium ut duo (9).” Na sétima carta, Pascal expõe um extravagante caso de consciência, fruto das cogitações desse curioso personagem: “Sçavoir si les Jesuites peuvent tuer les Jansenistes (10)?” Contrariando a expectativa de Monatelte, a resposta é negativa. Para traduzir melhor seu pensamento, Caramuel se serve de uma comparação hiperbólica: “Les Jansenistes appellent les Jesuites Pelagiens: pourra-t'on les tuer pour cela? Non;

(7) Ibid. pág. 305/306.

(8) Cf. *ibid.* t. V, pág. 31 e 39.

(9) Apud VACANT, *Dictionnaire de Théologie Catholique*, fasc. XV, pág. 1711. “...rien n'est plus remuant et impétueux que ce personnage, en qui se découvre comme un rejeton attardé et abâtardi de l'humanisme: un prodige en son genre, mais à qui manque le seul grain de bon sens qui eut donné leur prix à ses qualités.” *Ibid.* fasc. CXIV-CXV, t. V, pág. 492.

(10) BRUNSCHVICG *major*, t. V, pág. 106.

d'autant que les Jansenistes n'obscurissent non plus l'eclat de la Societé, qu'un hibou celuy du soleil; au contraire, ils l'ont relevée, quoy que contre leur intention. Occidi non possunt, quia nocere non potuerunt (11)." A Pascal deve ter causado espécie o disparate do caso aliado à sobrançeria, à ênfase do estilo.

Mas Pascal não critica somente o modo de escrever de estrangeiros meridionais ou do Norte. Mais de um francês é objeto de seus reparos: Cellot (12), Barry (13), Garasse (14) e sobretudo Le Moyne (14a).

Le Moine é o escritor jesuíta cujo estilo causa mais estranheza a Pascal. Êle o faz sentir, com insistência, em suas críticas, vindo à tona seu antibarroquismo no combate a êsse religioso (15). Imbuído do pessimismo jansenista e sob a direção daquele Port-Royal que, para não dar ensancha aos sentidos, tinha um jardim inodoro, tapeçarias pêlo avesso, pouca pintura e pouca música, Pascal não podia deixar de escandalizar-se com o otimismo barroco, o grande crédito de confiança feito por Le Moyne à natureza humana, e o seu estilo todo florido.

Le Moyne escreveu um livro intitulado *Dévotion aisée*, que, afora os exageros do autor, não é mais que uma imitação da *Introduction à la vie dévote* de S. Francisco de Sales. Naquele tratado são condenadas as pin-

(11) Ibid. pág. 107/108.

(12) Cf. ibid. pág. 44.

(13) Cf. ibid. pág. 191.

(14) Cf. ibid. pág. 328.

(14a) Entre os poetas arrolados por Jean ROUSSET, em sua tese sôbre o barroco francês (*La Littérature de l'âge baroque en France*), Le Moyne figura com destaque.

(15) As críticas dirigidas por Pascal a Le Moyne se encontram, em resumo, nas linhas seguintes: "Direz-vous que la maniere si profane et si coquette dont vostre P. le Le Moyne a parlé de la pieté dans sa *dévotion aisée*, soit plus propre à donner du respect que du mépris pour l'idée qu'il forme de la vertu chrestienne? Tout son livre des *Peintures Morales* respire-t'il autre chose, et dans sa prose et dans ses vers, qu'un esprit plein de la vanité et des folies du monde?" BRUNSCHVICG major, t. V, pág. 325/326.

turas rebarbativas da virtude, pois, segundo êle, a virtude não deve causar medo. Se ela parece, às vêzes, esquiva e severa, é que haveria dois tipos de santos: de um lado, os macilentos, de aspecto abatido, amantes do silêncio e da soledade; do outro lado, aquêles que respiram alegria por todos os poros. A vida severa dos primeiros, e jovial, dos segundos se explica mais pela compleição física do que pela natureza da virtude. Le Moyne não se limita a afirmar a existência de santos joviais: critica os santos misantropos, seu contínuo espírito de renúncia, sua aversão à vida em sociedade, sua indiferença à beleza, seja na arte, na natureza ou na mulher. Dêsse modo, se os maus se apresentam, por vêzes, com pele de cordeiros, a ascese de Le Moyne teria como consequência apresentar cordeiros vestidos de lobos, isto é, santos com aparência apenas de pessoas do mundo.

Assim como a obscuridade do estilo de Claudel vem de sua concepção cristã da vida, segundo a qual não pode o crente exprimir-se em têrmos completamente claros, assim o estilo de Le Moyne está intimamente ligado à sua filosofia, e será uma tentativa de esparzir na literatura as flôres com que adorna a vida espiritual. Se Pascal nos descrevesse Madalena, êle o faria como Le Moyne não desejaria vê-la, isto é, macerada, olhar apagado, a beleza embaçada, a rezar e meditar melancòlicamente, numa gruta, como no-lo representa o quadro do pintor jansenista Philippe de Champaigne, se não a descrevesse mais severamente, como a Madalena de Donatelo, que se encontra no batistério de Florença, já avançada em idade e penitência, mais parecendo um agreste S. João Batista que uma mulher.

Le Moyne, ao contrário, tratando do mesmo personagem, no-lo apresentará dotado de uma "complexion plus heureuse" que não desmintas os ensinamentos da *Dévotion aisée*:

La Madelaine nouvellement convertie

Icy d'un repentir celebre et glorieux
 Madelaine, à soy-mesme indulgente et cruelle,
 Guerit de son peché la blessure mortelle
 Et par ses larmes tire un nouveau feu des cieux.

Son luxe converti devient religieux.
 L'esprit de ses parfums se fait devot comme elle.
 Ces rubis sont ardents de sa flame nouvelle
 Et ses perles en pleurs se changent à ses yeux.

Beaux yeux, sacrés canaux d'un précieux déluge,
 Innocens corrupteurs de vostre amoureux juge,
 Ne serez-vous jamais sans flames ny sans dards?

Au moins pour un moment faites cesser vos charmes:
 La terre fume encor du feu de vos regards,
 Et desjà vous brulez le ciel avec vos larmes (16).

- (16) Apud Paul OLIVIER, *Cent Poètes Lyriques, Précieux ou Burlesques*, pág. 41. Na vida de Madalena escrita pelo nobre genovês Antônio Júlio Brugnole Sales, e cuidadosamente traduzida para o português pelo religioso Antônio Lopes Cabral, se nota a mesma atmosfera barroca. A vida pecaminosa do personagem se desenrola através de uma requintada osquestração barroca. Seu postar-se diante do espelho, seu penteado, sua roupagem, suas joias, sua atitude em público, seus amores, são tratados de modo tão suntuoso, que a idéia de pecado quase não ousa mostrar-se, acanhada diante de tanta riqueza. Cf. *Revista de Língua Portuguesa*, n.º 19, setembro, 1922, pág. 201/216.

Cotin, poeta da mesma geração que Le Moyne, escreveu também um soneto sobre Madalena:

Celle qui pour autel eut les pieds de son maitre
 Et de ses yeux divins voyait les cieux ouverts
 Contemple en soupirant le tragique revers
 De son destin changé par le crime d'un traître.

Son teint pâle et défait, où l'effroi vient de naitre,
 De son esprit confus a les maux découverts;
 On y voit ses transports et ses tourments divers,
 Vautours infortunés que son coeur va repaitre.

Ses bras sont étendus et son chef est penché;
 On dirait qu'à la Croix son corps est attaché;
 Une extase amoureuse a fait cette merveille;

D'un excès de langueur la voilà qui s'endort,
 Et je la vois passer, si quelqu'un ne l'éveille,
 Du someil de l'amour au someil de la mort.

Apud *L'École*, n.º 7, 30/XII/1950.

Estamos longe da Madalena jansenista de Philippe de Champaigne e da Madalena de Donatelo. Trata-se, como adverte o título, de Madalena recém-convertida. Para não fazer uma pintura desagradável da santidade, Le Moyne a descreve ainda jovem e não consumida pela penitência, semelhante à de Ticiano.

Este soneto se enquadra nas críticas que, nas *Provinciais*, Pascal dirige a Le Moyne. Repugna-lhe essa quase escamoteada metamorfose da pecadora em santa, a idéia de um santo vestido com pele de lobo, o espírito conciliatório do humanismo devoto, manifestos no soneto de Le Moyne.

A conversão de Madalena é realçada com epítetos mais apropriados a uma heroína de Fronda: não têm as côres mortíferas da contrição, mas de uma façanha — *celebre, glorieux*. A seguir, dois outros adjetivos a qualificam antiteticamente: *indulgente et cruelle*. Essa adjetivação revela o clima indeciso do soneto, que permite passar, sem dificuldade, do amor humano para o amor divino. Madalena é indulgente consigo mesma, porque alcançará a salvação, mas é também cruel consigo mesma, porque, para alcançá-la, é preciso castigar os sentidos. O ponto de vista do autor é barroco: se o epíteto *indulgente* demonstra sua satisfação pela conversão, *cruelle* deixa escapar uma queixa, porque a penitência desfigurará a santa (17). A salvação e a concupiscência, essa antítese inexorável da vida espiritual e que se manifesta com paroxismo na teologia jansenista, aqui tem as proporções de uma graciosa antítese.

No segundo quarteto, o poeta em vez de penetrar nas disposições íntimas, no sentimento profundo da neo-convertida, naquilo que operou a comoção de sua alma,

(17) No sermão sôbre a Morte, de Bossuet, inexistente a idéia de crueldade em relação ao tratamento reservado à natureza decaída: "...elle (a carne) doit être réduite en poudre, parce qu'elle a servi au péché." *Oeuvres oratoires*, t. IV, pág. 280.

prefere estabelecer relações entre os adereços da pecadora e as virtudes de que está se revestindo: através do luxo e dos perfumes, percebe o esplendor e o odor de santidade; no vermelho dos rubis, vê o novo amor que a inflama, e as pérolas lhe fazem lembrar as lágrimas do arrependimento.

Os tercetos, sem examinar as linhas mestras da conversão, continuam em sua consideração periférica, naquilo que, por assim dizer, é apenas ornamento. O poeta não desce até o arrependimento sincero do personagem, e vê somente as lágrimas que êle faz correr. Daí a hipérbole: *Beaux yeux, sacrés canaux d'un précieux déluge* (18). O segundo verso do primeiro terceto, com sua adjetivação imprevista, traduz claramente a atmosfera sacro-profana em que se manifestam as relações da alma com Deus. Há nêle alguma coisa da Sta. Teresa de Bernini, em que, de um lado se nota, em sua expressão, um misto de amor humano e êxtase celeste, e do outro, na expressão do anjo, uma réplica adequada a êsses transportes: os olhos de Madalena são considerados *innocens corrupteurs*, e Deus, *amoreux juge*. No segundo terceto continua a mesma contaminação barroca: a palavra *charmes* se refere tanto aos olhos da pecadora, como aos da santa. Os antigos encantos são indicados no penúltimo verso, e os atuais, pelo último.

Essa poesia de Le Moyne é, como a *dévotion aisée*, uma manifestação da sensibilidade barroca, que Pascal rejeita. Le Moyne fixa em seus versos determinado momento de uma metamorfose, em que o ser que se modifi-

(18) O pranto de Madalena lembra o de S. Pedro arrependido, descrito hiperbolicamente pelo Malherbe barroco:

C'est alors que ses cris en tonnerres s'éclatent,
 Ses soupirs se font vents qui les chênes combattent;
 Et ses pleurs, qui tantôt descendaient mollement,
 Ressemblent un torrent qui, des hautes montagnes,
 Ravageant et noyant les voisins campagnes,
 Veut que tout l'univers ne soit qu'un élément.
Les Larmes de Saint Pierre in *Oeuvres de Malherbe*, pág. 81.

ca, apesar de apresentar os lineamentos da futura constituição, conserva ainda alguma coisa do que deixará de ser. Mais, talvez, do que na Sta. Teresa de Bernini, a Madalena de Le Moyne nos faz pensar na incipiente metamorfose de Dafne, do mesmo Bernini, na qual a ninfa ostenta mais a graça feminina que a insensibilidade vegetal.

Tanto entre os jansenistas se critica êsse estilo de Le Moyne, como até entre os jesuítas se dá razão às observações de Pascal (20). Mas, se Le Moyne tivesse tentado justificar seu modo de escrever, tão censurado nas *Provinciais*, teria feito menos uma defesa pessoal que da sensibilidade barroca. E Pascal, repudiando seu estilo, se revela antibarroco, porque Le Moyne é um representante lídimo do barroco francês.

- (20) Em 1644, Arnauld ridiculariza o estilo dêsse religioso: "...Le Pere Le Moine dans son style si fleury, que quelques envieux ont voulu malicieusement faire croire ressentir plus l'afféterie d'un petit Auteur de Roman et d'un petit Poete coquet, que la pieté serieuse d'un Religieux, et la sante gravité d'un Prestre..." Apud BRUNSCHVIGG major, t. V, pág. 179. Em 1652, um jansenista, em carta dirigida a Lingendes, Provincial dos jesuítas da provincia da França, assim se exprime, em referéncia à *Devotion aisée*: "Que pourrons-nous dire après cela, sinon que le P. Le Moine est un galand Poete, & dans lequel regne parfaitement, non pas l'esprit de l'Université & du College, qu'il abhorre comme un monstre mais l'esprit de la Cour & du grand Monde, qui est son veritable esprit particulier, afin de n'offencer pas la Société." *Apologie des Lettres Provinciales*..., t. II, pág. 326. Confrades de Le Moyne reprovam-lhe também o modo de escrever. Rapin justifica o objetivo da *Devotion aisée*, mas não contradiz as observações de Pascal referentes ao estilo do livro: "Il est vray que cet auteur n'a pas tout à fait gardé dans sa manière d'écrire le caractère d'un pere spirituel, qu'il avoit accoutumé son imagination aux expressions brillantes, étant de son génie moins orateur que poete, qu'il ne s'est pas toujours assez correctement exprimé pour un livre de dévotion, et qu'il a donné lieu, avec quelque sujet, aux bouffons de Port-Royal, de railler de sa manière d'écrire, où il y a des défauts." *Mémoires*, t. II, pág. 397. E, em seus *Entretiens de Cleandre et d'Eudoxe*, Daniel reconhece: "...c'est le défaut du Pere le Moyne de n'être pas assez naturel, de tourner & d'embellir tout ce qu'il dit, de vouloir avoir toujours de l'esprit, & de ne s'exprimer jamais simplement." Pág. 78.

III PARTE

TRAÇOS ESTILÍSTICOS DE PASCAL

CAPÍTULO QUARTO

A IMAGEM

Por mais de uma vez se observa o interêsse de Pascal pelo problema da imagem. Fora e antes das *Provinciais*, nós o vemos preocupado com sua utilização. Em significativo trecho dos *Pensamentos*, focaliza êle, em têrmos claros, a criação metafórica (1) e em sua polémica com o P. Noel, o primeiro dos jesuítas com que disputou (1647-1648), ao mesmo tempo em que combate a ciência trapalhona do adversário, lhe critica o estilo pretencioso e embrulhado. Pascal não admite o arbitrário metafórico do contendor que, entre outras coisas, escreve sem pestanejar: “La lumière ou plutôt l’illumination est un mouvement lumineux des rayons composés des corps lucides qui remplissent les corps transparents et ne sont pas lumineux que par d’autres corps lucides... Or cette illumination se trouve dans l’intervalle abandonné du vif-argent: il est donc

- (1) “Et ainsi, si nous (sommes) simples matériels, nous ne pouvons rien du tout connaître, et si nous sommes composés d’esprit et de matière, nous ne pouvons connaître parfaitement les choses simples, spirituelles ou corporelles. De là vient que presque tous les philosophes confondent les idées des choses, et parlent des choses corporelles spirituellement et des spirituelles corporellement. Car ils disent hardiment que les corps tendent en bas, qu’ils aspirent à leur centre, qu’ils fuient leur destruction, qu’ils craignent le vide, qu’ils (ont) des inclinations, des sympathies, des antipathies, qui sont toutes choses qui n’appartiennent qu’aux esprits. Et en parlant des esprits, ils les considèrent comme en un lieu, et leur attribuent le mouvement d’une place à une autre, qui sont choses qui n’appartiennent qu’aux corps.” Lafuma, pág. 220. No fragmento intitulado *Beauté poétique*, Pascal se refere ainda ao metafóriso (Cf. Lafuma, pág. 409).

nécessaire que ces intervalles soient un corps transparent. En effet, c'en est puisqu'il est un air raréfié (2)."

Nas *Provinciais* se vê o mesmo Pascal atento ao em-prêgo das imagens. De um lado, êle as censura, quando as considera abusivas: "La plaisante comparaison, luy dis-je, des choses du monde à celles de la conscience (3)", e do outro, acentua a justeza das que emprega: "... pour me servir d'une comparaison qui vous sera plus sensible (4)". Será preciso, pois, distinguir as imagens que não se coadunam com seu modo de ver, e as que lhe são próprias. As primeiras têm duas origens: são comparações extraídas de autores jesuítas, ou atribuídas ao "jesuíta" das *Provinciais*.

Daqueles autores, Pascal exhibe, dentre outras, as seguintes imagens: Le Moyne comparando o bater de asas dos anjos ao abanar de um leque (5); Garasse afirmando que a vaidade que se experimenta por méritos ou qualidades pessoais inexistentes, é um favor de Deus, semelhante à satisfação que experimentam as rãs com sua cantoria (6); Escobar comparando o *Liber Theologiae Moralis* ao livro do Apocalipse selado com sete selos, — quatro jesuítas ilustres aos quatro animais alados, — e os jesuítas compilados aos vinte e quatro anciãos (7); o livro *Imago primi saeculi* comparando os jesuítas a anjos, a "des esprits d'aigles", a "une troupe de Phenix (8)."

(2) Apud Fortunat STROWSKI, *Pascal et son temps*, II, pág. 93/94.

(3) BRUNSCHVIG major, t. V, pág. 311.

(4) Ibid. t. IV, pág. 163.

(5) Ibid. t. V, pág. 326/327.

(6) Ibid. pág. 200/201.

(7) Ibid. t. IV, pág. 305/306.

(8) Ibid. pág. 297/298. — Os autoelogios barrocos da *Imago primi saeculi* lembram a estrofe condoreira de CASTRO ALVES:

Quando o vento da Fé soprava Europa,
Como o tufão que impele ao ar a tropa
Das águias que pousavam no alcantil;
Do zimbório de Roma — a ventania
O bando dos Apost'los sacudia
Aos cerros do Brasil.

Jesuítas in Poesias Completas, pág. 63.

Além dessas imagens da lavra de escritores jesuítas, existem as do interlocutor de Montalte: preocupado em construir seu personagem de acôrdo com a *bienséance*, Pascal lhe atribui um estilo metafórico semelhante ao de certos escritores da Companhia, estilo que aprecia as imagens prolongadas: "Voicy nostre methode, où vous verrez le progresz d'une opinion nouvelle *depuis sa naissance jusqu'à sa maturité*. D'abord le Docteur grave qui l'a inventée l'expose au monde, et la jette comme une *semence pour prendre racine*. Elle est encore en cét estat; mais il faut que le temps *la meurisse* peu à peu. . . Je vous disais donc que quand le temps a ainsi *meuri* une opinion, alors elle est probable tout à fait (9)." Em

- (9) BRUNSCHVICG major, t. V, pág. 36/37. Essa imagem que traduz a idéia de nascimento, crescimento ou progresso, reaparece condignamente em obras em que existe uma atmosfera preciosa:

PHILAMINTE

A notre impatience offrez votre épigramme.

TRISSOTIN à Philaminte

Hélas! c'est un enfant tout nouveau-né, madame.

Son sort assurément a lieu de vous toucher,

Et c'est dans votre coeur que j'en viens d'accoucher.

PHILAMINTE

Pour le rendre cher, il suffit de son père.

TRISSOTIN

Votre approbation lui peut servir de mère!

MOLIÈRE, *Les Femmes Savantes*, III, I.

"Vous vous trompez, prodige de nos jours; un amour de votre façon ne reste pas longtemps au berceau; votre premier coup d'oeil a fait naître le mien, le second lui a donné des forces et le troisième l'a rendu garçon; tâchons de l'établir au plus vite; ayez soin de lui, puisque vous êtes sa mère." MARIVAUX, *Le Jeu de l'Amour et du Hasard*, II, III.

CHRISTIAN, même jeu.

L'amour grandit, bercé dans mon âme inquiète...

Que ce... cruel marmot prit pour barcelonnette!

ROXANE, s'avançant sur le balcon.

C'est mieux!... Mais, puisqu'il est cruel, vous futes sot

De ne pas, cet amour, l'étouffer au berceau!

CHRISTIAN, même jeu.

Aussi l'ai-je tenté, mais... tentative nulle:

Ce... nouveau-né..., madame, est un petit... Hercule.

ROSTAND, *Cyrano de Bergerac*, III, VII.

outra página das *Provinciais*, semelhante idéia de progresso, de evolução de uma doutrina, se estende num rasilho metafórico, que passa da nona para a décima carta: “Je veux donc vous entretenir la premiere fois à loisir en differant pour cela nostre entretien des *adoucissements* de la confession (10).” “Vous y verrez les *adoucissements* de la Confession... il a esté bien necessaire d’en *adoucir* les difficultez (da confissão)... comment *on a soulagé* les scrupules qui troubloient les consciences... comme il se trouve beaucoup de choses penibles dans la Confession, on a apporté des *adoucissements* à chacune... on a eu soin d’oster toute *l’amertume* et toute *l’aigreur* d’un remede si necessaire (11).” Na décima carta, Montalte alonga maliciosamente uma imagem de autor jesuíta, citada em latim e traduzida redundantemente por seu interlocutor: “...*nous sommes accablés et comme opprimez* sous la foule de nos penitens: Poenitentium numero *obruimur*, comme il est dit en l’Image de nostre premier siecle 1.3.c.8. Je sçay, luy dis-je, un moyen facile de vous *décharger* de cette presse. Ce seroit seulement, mon Pere, d’obliger les pecheurs à quitter les occasions prochaines. *Vous vous soulageriez* assez par cette seule invention. Nous ne cherchons pas ce *soulagement*, dit-il (12)...” Em outro lanço, uma imagem prolongada, de Montalte, constitui um “pastiche” irônico do modo de expressar-se de seu amigo jesuíta: como êste dissesse que bastava pronunciar algumas palavras para evitar a pecha de usurário, Montalte, imitando sua maneira hiperbólica de referir-se aos confrades, lhe pergunta: “Et quels sont donc *ces termes mystérieux*, mon Pere?... O mon Pere, luy dis-je, voila *des paroles bien puissantes!* Je vous proteste que si je ne sçavois qu’elles viennent de bonne part, je les pren-

(10) BRUNSCHVICG major, t. V, pág. 214.

(11) Ibid. pág. 249/251.

(12) Ibid. pág. 260/261.

droi pour quelques-uns de *ces mots enchantez* qui ont pouvoir de *rompre un charme*. Sans doute elles ont *quelque vertu occulte* pour chasser l'usure, que je n'entends pas (13).”

No entanto, Montalte e seu amigo jansenista, intérpretes de Pascal, costumam empregar imagens de cunho mais pascaliano, não constituindo elas uma acrobacia ou uma deleitação em redor do termo de referência, com prejuízo do termo comparado. Serão utilitárias e, dir-se-ia, didáticas.

Num primeiro grupo se encontrariam comparações que não são peças importantes de um raciocínio e possuem mesmo, em parte, um caráter lúdico: traduzem uma idéia com mais vida e mais relêvo. Seus termos de referência são variados: “. . . *cette solide* raison (13a)”. “. . . *la sphere* de la probabilité (14).” “Et ainsi admirez les *machines* du Molinismes. . . les inventions nouvelles qu'on *fabrique* tous les jours à nostre veue (15).” As imagens dinâmicas são das mais frequentes. Podem ter uma simples indicação de movimento: “Vous accordez aux hommes la substance grossiere des choses, et vous donnez à Dieu ce *mouvement* spirituel de l'intention (16).” Com mais sobriedade que seu interlocutor, Montalte se refere ao desenvolvimento das opiniões prováveis: “C'est ainsi que vous faites *croistre* peu à peu vos opinions (17).” O movimento pode ser vertical: “Voilà comment les opinions *s'élevent* peu à peu jusqu'au *comble* de la probabilité (18).” “Mais cette *base* estant affermie, il n'est pas difficile d'y *élever* le reste de vos maximes (19).” Ou se apresentará como uma corrida:

(13) Ibid. pág. 141/142.

(13a) Ibid. t. IV, pág. 143.

(14) Ibid. t. V, pág. 41.

(15) Ibid. t. IV, pág. 222.

(16) Ibid. t. V, pág. 87.

(17) Ibid. t. IV, pág. 32.

(18) Ibid. pág. 27.

(19) Ibid. pág. 31.

“... vous estes les Maistres de la campagne: Vous n’avez plus qu’à *courir*. Mais je prevois trois ou quatre inconveniens et de *puissantes barrieres* qui s’opposeront à votre *course* (20).” Além da corrida de obstáculo, haverá uma corrida desabalada, un levar de roldão: “*L’inclination* corrompue des hommes s’y porte d’elle mesme avec tant d’*impetuosité*, qu’il est incroyable qu’en *levant l’obstacle* de la conscience, *elle ne se repande* avec toute sa vehemence naturelle (21).” “... combien ce *torrent* qui a eu tant de *violence* et de durée, *estoit grossi* dans ces dernieres années (22).” O movimento pode ter ainda o sentido do mergulho: “... ceux qui sont *plongez* dans l’avarice (23).” Ou será o deitar por terra: “... un si visible *renversement* de l’Evangile (23a).” “... examiner si *vous avez renversé* la loy de Dieu qui defend l’homicide (24).” Ou será um rasgão: “... *il déchire* l’innocence de ces filles (25).” “... cét Ecclesiastique que vous voulez *déchirer* (26).” Enfim, as imagens dinâmicas se apresentam em quantidade nas *Provinciais*: “Le bon Pere *pressé* par tant de témoignages de l’Ecriture à laquelle il avoit eu recours, commença à *lascher pied*... *Vous reculez*, luy dis-je en l’interrompant, *vous reculez*, mon Pere (27).” “Voilà mon Pere le dernier *retranchement où se retirent* ceux qui ont voulu entrer en dispute (28).” “Son esprit est entierement *éloigné* de ces maximes seditieuses, qui *ouvrent la porte* aux soulevemens, ausquels les peuples sont si naturellement portez (29).”

(20) Ibid. t. IV, pág. 319.

(21) Ibid. t. IV, pág. 191.

(22) Ibid. t. IV, pág. 210.

(23) Ibid. pág. 258.

(23a) Ibid. t. V, pág. 370.

(24) Ibid. t. VI, pág. 34/35.

(25) Ibid. t. V, pág. 328.

(26) Ibid. t. VI, pág. 257.

(27) Ibid. t. IV, pág. 261.

(28) Ibid. pág. 262.

(29) Ibid. t. VI, pág. 148.

Quaisquer que tenham sido os t ermos de refer encia, as comparações acima, apesar de tornarem mais claro o pensamento e mais sugestivo, n ao constituem um passo decidido do raciocínio. N ao formam um elo forte da argumentação. Sua função n ao   tentar provar nem concluir. Mas in umeras outras possuem um car ater demonstrativo, enquadrando-se na argumentação, participando do raciocínio por analogia. A comparação, nesse caso, aparece como um dos instrumentos da discussão, ao lado de outros, como o recurso à autoridade, aos textos,   definição, etc. Ela será o *exemplum* (29a). Assim, procede Pascal, na undécima *Provincial*, quando, respondendo a seus adversários, diz estranhar o procedimento daqueles que se irritam com suas cartas que denunciam certos erros, e não se irritam contra os erros denunciados: "Estrange zele qui s'irrite contre ceux qui accusent des fautes publiques, et non pas contre ceux qui les commettent (30)." Para mostrar a incoer ncia dos que agiam déesse modo, alinha tr s compara  es: "Si ces personnes estoient en danger d'estre assassinées, s'offenseroient-elles de ce qu'on les avertiroit de l'embusche qu'on leur dresse, et au lieu de se détourner de leur chemin pour l'éviter, s'amuseroient-elles à se plaindre du peu de charité qu'on auroit eu de découvrir le dessein

(29a) Como no fragmento n.  390 (Lafuma, pág. 220), citado no com eo do capítulo, Pascal focalizou o problema da cria  o metafórica, em outro, examina o recurso ao *exemplum*: "Les exemples qu'on prend pour prouver d'autres choses, si on voulait prouver les exemples, on prendrait les autres choses pour en être les exemples; car, comme on croit toujours que la difficulté est à ce qu'on veut prouver, on trouve les exemples plus clairs et aidant à le montrer. Ainsi, quand on veut montrer une chose générale, il faut donner la règle particulière d'un cas; mais si on veut montrer un cas particulier, il faudra commencer par la règle (*générale*). Car on trouve toujours obscure la chose qu'on veut prouver, et claire celle qu'on emploie à la preuve; car, quand on propose une chose à prouver, d'abord on se remplit de cette imagination qu'elle est donc obscure, et, au contraire, que celle qui la doit prouver est claire, et ainsi on l'entend aisément (Lafuma, pág. 403/404)."

(30) BRUNSCHVICG major, t. V, pág. 319.

criminel de ces assassins? S'irritent-ils lors qu'on leur dit de ne manger pas d'une viande, parce qu'elle est empoisonnée; ou de n'aller pas dans une ville, par ce qu'il y a de la peste (31)?”

As principais comparações demonstrativas estão ligadas à discussão sobre a moral e sobre a graça. Seu caráter dialético é evidente.

Na primeira carta, ao procurar desvendar o sentido que se dava à expressão *pouvoir prochain*, Montalte emprega uma imagem sugerida pela navegação: “. . . avoir le *pouvoir prochain* de passer une rivière, c'est avoir un bateau, des bateliers, des rames, et le reste, en sorte que rien ne manque (32).” Essa imagem náutica não basta. Para abrir caminho à sua argumentação, Montalte se serve, logo depois, de uma imagem visual: “Et avoir le *pouvoir prochain* de voir, luy dis-je, c'est avoir bonne veue, et estre en plein jour. Car qui auroit bonne veue dans l'obscurité, n'auroit pas le *pouvoir prochain* de voir, selon vous, puis que la lumière luy manqueroit, sans quoy on ne voit point (33).”

Ao tratar da *grâce suficiente*, Montalte recorre a uma comparação alimentar, assimilando aquela graça a uma refeição: “. . . pour me servir d'une comparaison qui vous sera plus sensible, si l'on ne vous servoit à disner que deux onces de pain et un verre d'eau, seriez-vous content de vostre Prieur, qui vous diroit que cela seroit suffisant pour vous nourrir, sous pretexte qu'avec autre chose qu'il ne vous donneroit pas, vous auriez tout ce qui vous seroit nécessaire pour bien disner (34)?”

Para mostrar o imponderável que a Sorbonne tinha censurado em Arnauld, Pascal escreve: “Toute la Chrestienté avoit les yeux ouverts pour voir dans la Censure

(31) Ibid. pág. 319/320.

(32) Ibid. t. IV, pág. 135.

(33) Ibid.

(34) Ibid. pág. 163.

de ces Docteurs *ce point imperceptible* au commun des hommes (35).” Este ponto imperceptível, Pascal o *localiza* com um arabesco de grande precisão matemática: “La verité est si delicate, que si peu qu’on s’en retire, on tombe dans l’erreur: mais cette erreur est si deliée, que sans mesme s’en éloigner, on se trouve dans la verité (36).”

As imagens inspiradas pela medicina são das mais importantes. Algumas pertencem ao primeiro grupo: “...la lepre spirituelle, dont la corporelle n’est que la figure (37).” “Je vous plains, mes Peres, d’avoir recours à de tels remedes (38).” Outras, porém, constituem meios de persuasão: afim de pôr em relêvo as consequências das teorias defendidas por seu interlocutor, Montalte se serve da seguinte imagem: “Beny soyez-vous, mon Pere, qui justifiez ainsi les gens. Les autres apprennent à *guerir* les ames par des austeritez penibles: mais vous monstrez que celles qu’on auroit cru les plus desesperément *malades se portent bien* (39).” Nota-se idêntico procedimento na imagem que segue: “Quand nous soustenons la necessité de la grace efficace, nous luy donnons d’autres vertus pour objet. Ce n’est pas simplement pour *guerir* les vices par d’autres vices... (39a)” Em outra parte, para combater a opinião segundo a qual não haveria obrigação de declarar se o pecado de que se acusa, é de hábito, ou não, Montalte pergunta: “Comment, mon Pere, j’aymerois autant

(35) Ibid. pág. 211.

(36) Ibid. pág. 215. Nos *Pensamentos*, tratando de Deus, infinito e indivisível, Pascal nos fala, não de um ponto imperceptível, fugidio *infini de petitesse*, mas de um ponto animado por uma velocidade incrível, onipresente e indivisível: “C’est un point se mouvant partout et d’une vitesse infinie. Car il est un en tous lieux et est tout entier en chaque part (Lafuma, pág. 204).”

(37) BRUNSCHVICG major, t. V, pág. 381.

(38) Ibid. pág. 386.

(39) Ibid. t. IV, pág. 255/256.

(39a) Ibid. pág. 304.

dire qu'un Medecin n'a pas droit de demander à son malade, s'il y a longtemps qu'il a la fièvre (40)." O mais considerável exemplo de imagem medical é a parábola que se encontra na segunda carta, onde o jansenista, amigo de Montalte, procura mostrar a sem-razão do molinismo e do tomismo na doutrina da graça, e a coerência do jansenismo. A disposição em colunas do termo comparado e do termo de referência, porá mais em evidência o caráter didático do exemplo:

"Tous les fidelles demandent aux Theologiens, quel est le veritable estat de la nature depuis sa corruption. Saint Augustin et ses disciples respondent, qu'elle n'a plus la grace suffisante, qu'autant qu'il plaist à Dieu de le luy donner.

Les Jesuites sont venus ensuite, et disent que tous ont des graces effectivement suffisantes.

On consulte les Dominicains sur cette contrariété. Que font-ils là dessus? Ils s'unissent aux Jesuites. Ils font par cette union le plus grand nombre. Ils se separent de ceux qui nient ces graces suffisantes. Ils declarent que tous les hommes en ont, Que peut-on penser de là, sinon qu'ils autorisent les Jesuites?

"Voulez-vous une peinture de l'Eglise dans ces differens avis. Je la considere comme un homme, qui partant de son pais, pour faire un voyage, est recontré par des voleurs, qui le blessent de plusieurs coups, et le laissent à demy mort. Il envoye querir trois Medecins dans les villes voisines. Le premier, ayant sondé ses playes les juge mortelles, et luy declare qu'il n'y a que Dieu qui luy puisse rendre ses forces perdues.

Le second arrivant ensuite, voulut le flater, et luy dit qu'il avoit encore des forces suffisantes pour arriver en sa maison, et insulta contre le premier, qui s'opposoit à son avis, et forma le dessein de le perdre.

Le malade en cet estat douteux, apercevant de loin le troisieme, luy tend les mains, comme à celuy qui le devait determiner. Celuy-cy ayant consideré ses blessures, et sceu l'avis des deux premiers, embrasse le second, s'unir à luy, et tous deux ensemble se liguent contre le premier et le chassent honteusement, car ils estoient plus forts en nombre. Le malade juge à ce procedé qu'il est de l'avis du second, et luy demandant en effet, il luy declare affirmativement que ses forces sont suffisantes pour faire son voyage. Le blessé neantmoins ressentant sa foiblesse, luy demande à quoy il les jugeoit telles. C'est, luy dit-il, parce que vous avez en-

(40) Ibid. t. V, pág. 252.

Et puis ils adjoustant, que neantmoins ces graces suffisantes sont inutiles sans les efficaces, qui ne sont pas données à tous.

core vos jambes. Or les jambes sont les organes qui suffisent naturellement pour marcher.

Mais, luy dit le malade, ay-je toute la force necessaire pour m'en servir, car il me semble qu'elles sont inutiles dans ma langueur? Non certainement dit le Medecin, et vous ne marcherez jamais effectivement, si Dieu ne vous envoie son secours du Ciel pour vous soustenir et vous conduire. Et quoy, dit le malade, je n'ay donc pas en moy les forces suffisantes, et ausquelles il ne manque rien pour marcher effectivement? Vous en estes bien éloigné, luy dit-il. Vous estes donc, dit le blessé, d'avis contraire à vostre compagnon touchant mon veritable estat? Je vous l'avoue, luy repondit-il.

Que pensez-vous que dit le malade? Il se plaignit du procedé bizarre, et des termes ambigus de ce troisieme medecin. Il le blasma de s'estre uny au second à qui il estoit contraire de sentiment, et avec lequel il n'avoit qu'une conformité apparente, et d'avoir chassé le premier auquel il estoit conforme en effet. Et apres avoir fait essay de ses forces, et reconnu par experience la verité de sa foiblesse, il les renvoya tous deux: et rapellant le premier se mit entre ses mains; et suivant son conseil, il demanda à Dieu les forces qu'il confessoit n'avoir pas; il en receut misericorde, et par son secours arriva heureusement dans sa maison (41)."

Para desacreditar as doutrinas que combate, Pascal recorrerá a vários outros exemplos. Na décima segunda carta, de uma opinião sobre a simonia, extrai êle uma conclusão, que reforça com exemplos tirados da Escritura e animados com uma desenvolta *mise en scène* bur-

(41) Ibid. t. IV, pág. 166/169.

lesca: a simonia de Simão, o Mago e a de Giezi, comparadas com a opinião dos casuístas são generosamente absolvidas ou justificadas: “Et selon toutes ces maximes vous voyez, mes Peres, que la simonie sera si rare, qu’on en auroit exempté Simon mesme le magicien, qui vouloit acheter le S. Esprit, en quoy il est l’image des simoniaques qui achettent; et Giezi, qui receut de l’argent pour un miracle, en quoy il est la figure des simoniaques qui vendent. Car il est sans doute, que quand Simon dans les Actes *offrit de l’argent aux Apostres pour avoir leur puissance*, il ne se servit ny des termes d’acheter, ny de vendre, ny de prix, et qu’il ne fit autre chose que d’offrir de l’argent comme un motif pour se faire donner ce bien spirituel. Ce qui estant exempt de simonie selon vos Auteurs, il se fust bien garanti de l’anatheme de saint Pierre, s’il eust sceu leurs maximes. Et cette ignorance fit aussi grand tort à Giezi quand il fut frappé de la lepre par Elisée: car n’ayant receu l’argent de ce Prince guery miraculeusement, que comme une reconnoissance, et non pas comme un prix égal à la vertu divine qui avoit operé ce miracle, il eust obligé Elisée à le guerir sur peine de peché mortel; puisqu’il auroit agi selon tant de docteurs graves, et que vos Confesseurs sont obligez d’absoudre leurs penitens en pareil cas, et de les laver de la lepre spirituelle, dont la corporelle n’est que la figure (42).”

A história de Jean d’Alba (43) e a do *soufflet* de Compiègne (44) obedecem ao mesmo princípio. Tais

(42) Ibid. t. V, pág. 380/381.

(43) Na sexta carta, Pascal compara maliciosamente o procedimento de um fámulo dos jesuítas (Jean d’Alba) com a opinião de certos casuístas sobre a compensação oculta: “Ce malheureux estant interrogé, avoua qu’il avoit pris quelques plats d’estain à vos Peres, mais qu’il ne les avoit pas vomez pour cela, rapportant pour sa justification cette doctrine du P. Bauny qu’il presenta aux Juges, avec un escrit d’un de vos Peres, sous lequel il avoit étudié les cas de conscience qui luy avoit appris la mesme chose (BRUNSCHEVIG major, t. V, pág. 49).

(44) Esse caso se encontra na décima terceira carta. Pascal resume uma opinião do casuista Lésio a respeito do homicídio e a aplica,

exemplos constituem argumentos *ad hominem*. Encontram-se outros casos em que Pascal procede semelhantemente: de uma decisão barroca sôbre o modo de ouvir a missa, tira êle a seguinte conclusão: "Certainement, mon Pere, on entendra la Messe dans Nostre-Dame en un instant par ce moyen (45)." Na décima terceira carta, diz que a consequência de certas opiniões dos casuístas seria "mettre à tous les Chrestiens le poignard à la main pour tuer ceux qui les auront offensez (46)."

Encontram-se nas *Provinciais* imagens nitidamente lúdicas e outras nitidamente oratórias, podendo algumas ser bivalentes. Mas tanto as demonstrativas, por definição, como as lúdicas, não são gratuitas. As primeiras, além de tornar mais palpável a idéia, tentam persuadir. As segundas, que não se entrosam na argumentação propriamente dita, mas na exposição, dão mais relêvo ao pensamento. Em umas e outras, o têrmo comparado é mais importante que o têrmo de comparação. A busca de referências é comandada pelo desejo de ser claro e de convencer, e não pela vontade de brilhar. As comparações se incorporam à matéria, em vez de a esconderem, como ornamentos barrocos. São utilitárias. Por isso, Pascal não perde tempo com aproximações engenhosas e requintadas. Não há sombra de adivinhação. Elas constituem uma arma, e não um enfeite. O espaço entre seus têrmos não é vencido por um esvoaçar inútil, mas por um vôo direto e seguro.

cheio de malícia, a um jesuíta que, numa discussão, dera um murro num oficial do rei, — o que, de acôrdo com Léssio, podia merecer um revide funesto (Cf. BRUNSCHVICG major, t. V. pág. 26/27).

(45) BRUNSCHVICG major, t. V, pág. 213.

(46) Ibid. t. VI, pág. 39. Esse *punhal* aparecerá em outra página das *Provinciais*: "Luy portera-t'on incontinent le poignard dans le sein?" Ibid. pág. 149.

CAPÍTULO QUINTO

A REPETIÇÃO

Na *Querelle des Anciens et des Modernes*, o *tupinambá* Ch. Perrault (1), para evidenciar a preeminência do século de Luís XIV sobre a Antiguidade, afirmou, entre outras coisas, que as *Provinciais* eram superiores aos diálogos de Platão, Luciano e Cícero (2). A tese do campeão dos *Modernos*, que contava com a oposição de La Fontaine, Boileau e Racine, mereceu uma *refutação* de Daniel, no que concerne ao elogio feito a Pascal. Em seus *Entretiens de Cleandre et d'Eudoxe*, numa longa e miúda crítica da primeira *Provincial*, Daniel contradiz os rasgados elogios de Perrault. Um dos *senões* apontados por êle é a repetição de palavras ou expressões.

- (1) *Tupinambás*, segundo Boileau, eram Ch. Perrault e os partidários dos *modernos*:

“J'ai traité de Topinambous
Tous ces beaux censeurs, je l'avoue,
Qui, de l'antiquité si follement jaloux,
Aiment tout ce qu'on hait, blâment tout ce qu'on loue:
Et l'Académie, entre nous,
Souffrant chez soi de si grands fous,
Me semble un peu Topinamboue.”
Oeuvres de Boileau Despréaux, t. I, p. 298.

- (2)

LE PRESIDENT

“J'avoue que ces Lettres sont enjouées & divertissantes: mais voulez-vous faire entrer en comparaison dix-huit petits papiers volans, avec les Dialogues de Platon, de Lucien & de Ciceron, qui sont plusieurs gros volumes.”

L'ABBÉ

“Le nombre & la grosseur des volumes n'y fait rien. S'il y a plus de sel dans ces dix-huit Lettres que dans tous les Dialogues de Platon; plus de fine & delicate raillerie, que dans ceux de

A primeira se encontra logo no comêço da carta em lide: “Dès l’entrée, en quatre ou cinq lignes, j’y trouve deux fois le même mot et le même tour de phrase pour exprimer la même chose. *J’ay pensé que le SUJET des disputes de Sorbonne étoit bien important. On ne peut croire qu’il n’y en ait un SUJET bien extraordinaire.* Ce mot extraordinaire dans la même signification s’y trouve aussi deux fois en deux lignes; *des choses si EXTRAORDINAIRES, un sujet bien EXTRAORDINAIRE.* J’aime mieux attribuer cela à un peu de négligence de l’Auteur, qu’à une disette d’expression; si ce n’est peut-être que cette répétition soit en grace & que Monsieur Pascal ne l’ait affectée comme un ornement (3).” Mais adiante, Daniel aponta outros casos de repetição: “Prenez garde à ces deux phrases, *la question de Fait consiste à sçavoir si Monsieur Arnauld est téméraire pour avoir dit: & trois ou quatre lignes après, la question est de sçavoir s’il a pu sans témérité témoigner par-là* (4)...” “... pourquoi ici *trouver & trouvée* dans une même ligne, *refuser & refusée* dans la même phrase sans nulle nécessité? outre ces deux *c’étoit, que C’ETOIT une chose, puisque C’ETOIT un moyen* (5).” “C’est aux dernières paroles de la période que je m’attache: *à ce refus bizarre que l’on fait, &.* Premièrement ces deux *qui* si proches l’un de l’autre, donc (sic) l’un se rapporte au *refus bizarre*, & l’autre à *personne*: & ces mots *veus & veues* dans une même ligne, ont je ne sçay qui blesse l’oreille; *le refus bizarre QUI est tel que je n’ay encore VEU personne QUI m’ait*

Lucien, mais une raillerie toujours pure & honnête; s’il y a plus de force & plus d’art dans ces raisonnemens que dans ceux de Cicéron: enfin si l’art du Dialogue s’y trouve tout entier, la petitesse de leur volume ne doit-elle pas plutôt leur être un sujet de louange que de reproche? Disons la vérité. Nous n’avons rien de plus beau dans ce genre d’écrire.” *Parallele des Anciens & des Modernes*, tom. 2. p. 121, apud DANIEL, *o. c.*, p. 3/4.

(3) DANIEL, *o. c.* pág. 201/202.

(4) ID. *ibid.* pág. 202/203.

(5) ID. *ibid.* pág. 205.

dit les avoir VEUES (6).” Em outra parte, Daniel faz uma curiosa observação a respeito de um verbo conjugado em vários tempos e pessoas, no espaço de poucas linhas: “Dans l’espace de six lignes qui suivent’ vous trouvez ce verbe *connoitre*, conjugué par tout (sic) les temps & toutes les personnes. *le ne connois pas un: Si vous ne connoissez point quelqu’un, l’en connus en effet quelques-uns: Voyez si vous ne connoissez: l’en connus aussi (7).*” Depois de uma de suas observações a respeito das repetições encontradas na primeira carta, Daniel, revelando seu pensamento sôbre a matéria, sentenciamos: “Je sçai bien qu’on peut, & meme qu’on doit quelquefois répéter la même chose, & y donner un nouveau jour pour la faire mieux concevoir: mais alors il faut varier la maniere de la proposer; ou si l’on se sert du même tour, il faut corriger ce qu’il y a en cela de choquant par certaines particules destinées à cet usage (8).”

Antes de Daniel (9), mas sem intenções estilísticas, Nouet, em plena polêmica com Pascal, aludiu ao emprêgo repetido da palavra *diable*, em uma página das *Provinciais*: “...vous avez trop souvent le diable en la bouche: e (sic) le nom de ce Pere de mensonge vous

(6) ID. *ibid.* pág. 207.

(7) ID. *ibid.* pág. 212.

(8) ID. *ibid.* pág. 203.

(9) Daniel teria podido acrescentar outros exemplos de repetição: “Je ne *sçavois* pas que vous eussiez le pouvoir d’ordonner sur peine de damnation. Je croyois que vous ne *sçaviez* qu’oster les pechez; je ne pensois pas que vous en *sceussiez* en introduire.” BRUNSCHEVICG major, t. IV, pág. 315. “Au contraire, nous avons bien voulu que d’autres que les Jesuites *puissent* rendre leurs opinions probables, afin qu’on ne *puisse* pas nous les imputer toutes.” *Ibid.*, pág. 318. Na primeira carta, em que Daniel assinala a conjugação de *comaitre*, o verbo *dire*, com *prédire*, só em dois parágrafos, aparece treze vêzes: “Je dis... un homme qui dit... me dit mon docteur... luy dis-je... dit il... Mais je leur dis... le disciple de Monsieur le Moine, qui luy dit... le dire de part et d’autre, sans dire ce qu’il signifie... Je penetray par là dans leur dessein, et leur dis... j’ose vous predire... Les Jacobins diront... Monsieur le Moine dira...” *Ibid.* pág. 139/141.

est trop familier, & il est à craindre que l'ayant sans cesse sur la langue, il ne repande son venin dans vostre coeur (10).” E acrescenta em nota, ao pé da página: “Il a mis le nom du diable jusqu'à sept fois dans cette seule page.”

Não foram apenas possíveis críticas à sua máquina de calcular que mereceram uma refutação antecipada. Boa parte das críticas à repetição, Pascal a repele semelhantemente. De antemão, e num fragmento bastante conhecido, Pascal esclarece o que pensa da repetição: “Quand dans un discours se trouvent des mots répétés, et qu'essayant de les corriger, on les trouve si propres qu'on gâterait le discours, il les faut laisser, c'en est la marque; et c'est là la part de l'envie, qui est aveugle, et qui ne sait pas que cette répétition n'est pas fautive en cet endroit; car il n'y a point de règle générale (11).” Por esta explicação se vê que a repetição, em Pascal, é muitas vezes intencional, dando-se ela para que o pensamento permaneça claro e enérgico. E, à maneira de Boileau que, ao mesmo tempo em que trata da cesura do alexandrino, dá um exemplo (12), Pascal combina o exemplo com a regra, repetindo duas vezes as palavras *discours* e *trouver* (13).

- (10) *Responses aux Lettres Publiées par le Secrétaire de Port-Royal*, pág. 354.
- (11) *Lafuma*, pág. 416. Ao contrário de Pascal, para quem a repetição podia ser um sinal de justeza do pensamento, em Flaubert era antes um indício de inexactidão: “Quand je découvre une mauvaise assonance ou une répétition dans une de mes phrases, je suis sûr que je patauge dans le faux.” Apud Claude CUÉNOT in *L'Œuvre de Flaubert*, pág. 10.
- (12) “Que toujours dans vos vers, le sens, coupant les mots, Suspende l'hémistiche, en marque le repos.” *Art poétique*, I, v. 105/106.
- (13) Como a palavra *discours* é repetida com o mesmo sentido, o mesmo não acontecendo a *trouver*, Brunschvicg julga que esta última repetição teria sido uma negligência, pois não se enquadra na justificativa de Pascal. Cf. BRUNSCHVICG minor, pág. 338. É de notar que, na primeira Provincial, Daniel assinala a repetição de *trouver*. O. c. pág. 205.

Será preciso, então, distinguir em Pascal as repetições devidas a um descuido, e as repetições nitidamente conscientes, exigidas pela clareza ou resultantes de apuro estilístico.

Há exemplos que se enquadram sem dificuldade na justificativa de Pascal, que não é uma simples opinião sua, mas um cuidado da época: o recurso à repetição, em nome da clareza, mesmo com prejuízo, às vezes da elegância (14). É com êsse intuito, certamente, que Pascal comete as seguintes repetições: “Quel horrible langage, qui en disant que des Auteurs tiennent une *opinion damnable*, est en mesme temps une decision en faveur de cette *opinion damnable*, et qui autorise en conscience tout ce qu’il ne fait que rapporter (15).” “Nous sçavons maintenant que l’erreur qu’ils ont eü dessein de *condamner* souz ces termes du *sens* de Jansenius, n’est autre chose que le *sens* de Calvin, et qu’ainsi nous demeurons dans l’obeïssance à leurs Decrets, en *condamnant* avec eux ce *sens* de Calvin qu’ils ont voulu *condamner* (16).” “Et si une opinion est toute ensemble et moins *probable* et moins *seure*, sera-t’il permis de la suivre, en quittant ce que l’on croit estre plus *probable* et plus *seur* (17).” “Voilà, mon Pere, comment agissent ceux qui n’en veulent qu’aux *erreurs*, et non pas aux *personnes*; au lieu que vous qui en voulez

(14) “Il y avait d’ailleurs chez ces grammairiens (do francês clássico) des goûts quelque peu contradictoires. S’ils exigeaient la plus rigoureuse clarté, ils voulaient non moins fermement de l’élégance. Ils demandaient aux écrivains, au nom de la clarté, toutes les répétitions utiles; au nom de l’élégance, ils les proscrivaient. C’était au talent à se tirer d’affaire. Ils ont imposé au génie de notre langue, ou du moins, à son génie scolaire, ce double souci des constructions régulières par la répétition de tous les mots nécessaires et l’horreur des répétitions de mots. Mais jamais la clarté n’a été sacrifiée dans les multiples et méticuleuses discussions où l’on a cherché des moyens de conciliation.” Daniel MORNET, *La clarté française*, pág. 318.

(15) BRUNSCHVICG major, t. VI, pág. 39.

(16) Ibid. t. VII, pág. 27.

(17) Ibid. pág. 312.

aux *personnes* plus qu'aux *erreurs*, vous trouvez que ce n'est rien de condamner les *erreurs*, si on ne condamne les *personnes* à qui vous voulez les imputer (18)." Por vêzes, a repetição incansável das mesmas palavras não é mais do que uma exigência do assunto tratado, v. g., as expressões *pouvoir prochain* na primeira carta, e *grace suffisante* na segunda.

A repetição, em determinados casos, é, não das mesmas palavras, mas de cognatos: "Ce sont des disputes de *Theologiens* et non pas de *Theologie* (19)." "...il estoit bien *estonné* de mon *estonnement* (20)." "*L'uniformité* de vos expressions, jointe à cette *union* de party, n'est-elle pas une interpretation manifeste, et une confirmation de l'*uniformité* de vos sentimens (21)." "Leur *censure* toute *censurable* qu'elle est (22)..." "Et n'est-il pas veritable, que si on luy faisoit justice, il ne se garantiroit pas d'une *censure*, quoyque pour s'en defendre il se servist de cette raison, qui n'est pas elle moins *censurable*, qu'il rapporte au livre III (23)." Outras vêzes, são largos trechos que se repetem. Entre êstes, podem mediar linhas ou páginas. Na quinta carta, umas poucas linhas separam a seguinte repetição:

"Car si cela estoit, ils n'en souffriroient pas qui y fussent si contraires (24)."

"Car si cela estoit, ils n'en souffriroient pas qui y fussent si opposez (25)."

A distância é de uma ou duas páginas, em outro exemplo da mesma carta:

(18) Ibid. t. VII, pág. 39.

(19) Ibid. t. IV, pág. 225.

(20) Ibid. pág. 269.

(21) Ibid. pág. 166.

(22) Ibid. pág. 217/218.

(23) Ibid. t. V, pág. 327.

(24) Ibid. t. IV, pág. 299.

(25) Ibid.

“...quand vous dites que tous les justes ont toujours le pouvoir prochain d'observer les Commandemens, vous entendez qu'ils ont toujours toute la grace necessaire pour les accomplir, en sorte qu'il ne leur manque rien de la part de Dieu (26).”

“... quand vous dites que tous les justes ont toujours le pouvoir prochain pour prier Dieu, vous entendez qu'ils ont besoin d'un autre secours pour prier, sans quoy ils ne prieront jamais (27).”

Na sétima carta, Pascal retomará expressões que empregara na carta precedente:

“Mais, adjousta, le Pere, nostre P. Bauny, a encore bien appris aux valets à rendre ces devoirs là innocemment à leurs Maistres, en faisant qu'ils portent *leur intention*, non pas aux pechez dont ils sont les *entremetteurs*, mais seulement au gain qui leur en revient (28).”

“Car lors que je vous ay fait entendre, comment les valets peuvent faire en conscience de certains messages fascheux, n'avez-vous pas pris garde, que c'estoit seulement en detournant *leur intention* du mal, dont ils sont les *entremetteurs*, pour la porter au gain qui leur en revient (29).”

O que se nota, em certos casos, é mais que uma simples economia de meios, ou um simples desejo de clareza: um cuidado de estilo em vista de determinado efeito. Ironia, como no seguinte trocadilho: “Je vous laisse cependant dans la liberté de tenir pour le mot de *prochain*, ou non, car j'aime trop mon *prochain* pour le persecuter sous ce pretexte (30)”, ou no exemplo já citado: “Leur *censure* toute *censurable* qu'elle est...” Ou repisar enfático: “Je ne vous reproche pas de *craindre les Juges*; mais de *ne craindre que les Juges*; et non pas le *Juge des Juges* (31).” “C'est une estrange et longue guerre où *la violence* essaye d'opprimer *la verité*. Tous les efforts de *la violence* ne peuvent affoiblir *la verité*, et ne servent qu'à la relever davantage. Toutes les lumieres de *la verité* ne peuvent rien pour arrester *la violence*, et ne font que l'irriter encore plus.

(26) Ibid. pág. 135.

(27) Ibid. pág. 137.

(28) Ibid. t. V, pág. 47.

(29) Ibid. pág. 85.

(30) Ibid. t. IV, pág. 144

(31) Ibid. t. VI, pág. 37.

Quand *la force* combat *la force*, la plus puissante détruit la moindre: quand on oppose les *discours* aux *discours*, ceux qui sont véritables et convaincans confondent et dissipent ceux qui n'ont que la vanité et le mensonge: mais *la violence* et *la vérité* ne peuvent rien l'une sur l'autre. Qu'on ne pretende pas de là néanmoins que les choses soient égales: car il y a cette extrême difference, que *la violence* n'a qu'un cours borné par l'ordre de Dieu, qui en conduit les effets à la gloire de *la vérité* qu'elle attaque; au lieu que *la vérité* subsiste *eternellement*, et triomphe enfin de ses ennemis; parce qu'elle est *eternelle* et puissante comme Dieu mesme (32)."

O gosto pela repetição, apontado por Daniel et Nouet, é, na verdade, notório, como se vê nos exemplos acima. Em certos casos, a repetição não obedece a nenhuma simetria, não se enquadrando em movimentos de frase harmônicos. Mas em outros casos se observa uma clara disposição simétrica. No capítulo seguinte se verá como a repetição constitui um dos elementos da simetria pascaliana.

(32) Ibid. t. V, pág. 386/387.

CAPÍTULO SEXTO

TRÊS PLANOS NA SIMETRIA PASCALIANA

A leitura de uma página de Pascal não lembra o fluir remansoso de um rio desprovido de canais ou afluentes: uma rede imperiosa e complexa de simetrias, ao contrário, eis o curso natural do seu pensamento. Para estudar tal estilo, talvez seja aconselhável tomar três pontos de referência. Esse tríplice enfoque não dará inteiramente conta da riqueza da simetria pascaliana, mas nos indicará três planos em que ela se apresenta. No primeiro plano se distinguirá a simetria do primeiro grau que se dá no interior da oração ou da frase simples: repetem-se simetricamente substantivos, adjetivos qualificativos, advérbios; em outro plano se distinguirá a simetria do segundo grau que tem por campo próprio a frase complexa, repartindo-se nela, ordenadamente, porções da mesma natureza, ou conexas; no terceiro plano, a simetria do terceiro grau, que depende da arrumação das frases de um parágrafo .

SIMETRIA DO 1.º GRAU

No interior da oração ou da frase simples é frequente a geminação de certas palavras: substantivos, adjetivos qualificativos, advérbios. São pequenos dípticos que enxameiam inúmeras páginas das *Provinciais*.

I. — SIMETRIA DO SUBSTANTIVO

O substantivo, em várias de suas funções, vem frequentemente conjugado a outros substantivos. É intro-

duzido, ou não, por preposições, e quase ligado pelo connectivo ET.

“où est { la foy
et la tradition (1)?”

“...la doctrine des opinions probables qui est { la source
et la base (2).”

“C'est { le fondement
et l'A. b. c. de nostre Morale (3).”

“...calomnier { les Vierges
et les Prestres (4).”

“...former { des desirs
et des vœux pour leur damnation (5).”

“...j'admire { leur prudence
et leur politique (6).”

“...vous y verrez { et leur repugnance
et une contradiction si grossiere (7).”

“...si l'on ne vous servoit à disner que { deux onces de pain
et un verre d'eau (8).”

“Et cependant { l'amour
et le respect qu'ils ont (9).”

“...vous voyez assez { la grandeur
et la difficulté de cette entreprise (10).”

“pour rendre { le salut aisé
et la devotion facile (11).”

(1) BRUNSCHVICG major, t. IV, pág. 214.

(2) Ibid. pág. 303.

(3) Ibid. pág. 310.

(4) Ibid. t. V, pág. 330.

(5) Ibid.

(6) Ibid. t. IV, pág. 219.

(7) Ibid. pág. 133.

(8) Ibid. pág. 163.

(9) Ibid. t. VI, pag. 262.

(10) Ibid. t. V, pág. 84.

(11) Ibid. pág. 159.

- “...les jansenistes qui ne se brouillent, { ny avec la foy,
ny avec la raison (12).”
- “...les plus terribles expressions { contre Arius
qu'on pourroit former { et contre l'Antechrist mesme (13).”
- “...rire { des erreurs
{ et des egaremens des hommes (14).”
- “...il se plaint { du procedé bizarre
{ et des termes ambigus (15).”
- “...on peut sans peril douter { du pouvoir prochain
{ et de cette grace suffisante (16).”
- “...ne parler qu'avec { verité
{ et discretion (17).”
- “Et que voulez-vous dire { par vostre demy-heure
{ et par vostre sable (18).”
- “...ils citent nos Peres { à toute heure,
{ et avec éloge (19).”
- “...exposer ... avec { la mesme sincerité
{ et la mesme ouverture de coeur (20).”
- “O la bonne voye pour estre heureux { en ce monde
{ et en l'autre (21).”
- “...est-ce { par grimasse
{ et par feinte (22).”
- “...le coeur { de pierre
{ et de glace...

(12) Ibid. t. IV, pág. 164.

(13) Ibid. pág. 214.

(14) Ibid. t. V, pág. 313.

(15) Ibid. t. IV, pág. 169.

(16) Ibid. pág. 174.

(17) Ibid. t. V, pág. 328.

(18) Ibid. t. IV, pág. 162.

(19) Ibid. pág. 318.

(20) Ibid. t. V, pág. 252.

(21) Ibid. t. IV, pág. 256.

(22) Ibid. t. VI, pág. 162.

- changé en coeur { de chair
et d'amour (23).”
- “...la pure doctrine { de saint Thomas
et de saint Augustin leur Maistre (24).”
- “...tous leurs devoirs { envers Dieu
et envers les hommes (25).”
- “...un esprit plein { de la vanité
et des folies du monde (26)?”
- “...une matiere aussi importante { à toute la Morale
et à la conduite mesme des ames (27).”

II. — SIMETRIA DO ADJETIVO QUALIFICATIVO

O adjetivo qualificativo, à semelhança do substantivo, se apresenta muitas vêzes geminado. Vem êle justposto a um substantivo, ou é ligado ao sujeito ou complemento por meio de um verbo.

- “...cette Censure { si celebre,
et si attendue (28).”
- “...les expressions { les plus canoniques
et les plus saintes (29).”
- “...des crimes { si grands
et si faux (30).”
- “...la maniere { si profane
et si coquette (31).”

(23) Ibid. t. VI, pág. 281.

(24) Ibid. t. IV, pág. 129.

(25) Ibid. t. V, pág. 87.

(26) Ibid. t. V, pág. 326.

(27) Ibid. t. IV, pág. 268.

(28) Ibid. pág. 213.

(29) Ibid. t. VI, pág. 262.

(30) Ibid. pág. 281.

(31) Ibid. t. V, pág. 325/326.

- “...ces expressions { extravagantes
et impies (32).”
- “...user des mots { equivoques
et captieux (33).”
- “...ils ne pouvaient rien faire { de plus judicieux
ny de plus seur (34).”
- “...comme s'il n'estoit deffendu d'estre { blasphemateur
et impie qu'en prose (35).”
- “...ces filles, dont la vie est { si pure
et si austere (36).”
- “Vous estes { libre
et particulier (37).”
- “C'est à dire qu'elle est { suffisante de nom
et insuffisante en effet (38).”
- “Ce not me fut { nouveau
et inconnu (39).”
- “...son livre n'est pas { si rare,
ny si gros (40).”
- “...tant il est { ingenieux
et subtil (41).”
- “Vous estes { hardis contre Dieu,
et timides envers les hommes (42).”
- “...il la rend { efficace
ou inefficace (43).”

(32) Ibid. t. VI, pág. 203.

(33) Ibid. t. IV, pág. 141.

(34) Ibid. pág. 219.

(35) Ibid. t. V, pág. 327.

(36) Ibid. pág. 328.

(37) Ibid. t. IV, pág. 169.

(38) Ibid. pág. 163.

(39) Ibid. pág. 130.

(40) Ibid. pág. 123.

(41) Ibid. t. V, pág. 42.

(42) Ibid. t. VI, pág. 37.

(43) Ibid. t. IV, pág. 157.

"...passer leur opinion { pour ridicule
et insoutenable (44)."

"...nous l'anathématisons comme { herétique
et impie (45)."

III. — SIMETRIA DO ADVÉRBIO

Nota-se também nas *Provinciais* o redôbro do advérbio, mas em número menor que a repetição simétrica de substantivos e adjetivos.

"...on les accusoit { ouvertement
et publiquement (46)."

"...calomnier les Vierges et les Prestres { fausement
et scandaleusement (47)."

"Est-ce là agir { sincerement
et cordialement (48)."

"...on n'y voit rien qui ne soit { si clairement
et formellement exprimé (49)."

"...pour la porter et l'attacher { uniquement
et invariablement à Dieu (50)."

IV. DA SIMETRIA PARA A ACUMULAÇÃO

Nos diferentes exemplos de simetria do primeiro grau, vistos acima, está evidente o ritmo binário, que é o ritmo que anima insistentemente as *Provinciais*. Na verdade, quando há repetição de substantivos, adjetivos, advérbios, é ela sobretudo de dois elementos. É êsse menear que predomina. No entanto, a simetria do pri-

(44) Ibid. pág. 159.

(45) Ibid. pág. 128.

(46) Ibid. pág. 210.

(47) Ibid. t. V, pág. 330.

(48) Ibid. t. IV, pág. 165.

(49) Ibid. pág. 211.

(50) Ibid. pág. 304.

Qu'ont fait vos Peres {
 Annat,
 Caussin,
 Pintereau,
 et le Moine (59)"

"...sans que vous aiez encore icy pour autoriser toujours ces
 maximes diaboliques {
 ny les loix,
 ny canons,
 ny autoritez de l'Ecriture ou des Peres,
 ny d'aucun Saint (60)"

"Rappelez dans vostre memoire {
 les cabales,
 les factions,
 les erreurs,
 les schismes,
 les attentats (61)"

"...favoriser {
 les Juges corrompus,
 les Usuriers,
 les Banqueroutiers,
 les Larrons,
 les femmes perdues,
 et les sorciers (62)"

"Mais vous recherchez à
 dessein ces mots de {
 droit divin,
 droit positif,
 droit naturel,
 tribunal interieur et exterieur,
 cas exprimez dans le Droit,
 presumption externe,
 et les autres qui sont peu connus (63)"

"Croira-t'on sur vostre parole,
 que ceux qui sont plongez {
 dans l'avarice,
 dans l'impudicité,
 dans les blasphemes,
 dans le duel,
 dans la vengeance,
 dans les vols,
 dans les sacrileges,

(59) Ibid. t. V, pág. 331.

(60) Ibid. t. VI, pág. 142.

(61) Ibid. t. IV, pág. 210.

(62) Ibid. t. V, pág. 136.

(63) Ibid. pág. 377.

ayent des veritables desirs d'embrasser { la chastereté,
l'humilité,
et les autres vertus Chrestiennes (64)?”

“...l'on assemble tous les plus terribles termes { de poison,
de peste,
d'horreur,
de temerité,
d'impieté,
de blaspheme,
d'abomination,
d'execration,
d'anatheme,
d'heresie (65)”

{ “Toutes les femmes, qui font la moitié du monde,
tous les gens de la Cour
tous les gens de la guerre,
tous les Magistrats,
tous les gens de Palais,
les Marchands,
les Artisans,
tout le Peuple;
enfin toutes sortes d'hommes, excepté les Dominicains,
entendent par le mot de suffisant ce qui enferme tout le necessaire (66).”

“Cette grace victorieuse qui a esté attendue par les Patriarches,
predite par les Prophetes,
apportée par Jesus-Christ,
presché par Saint Paul,
expliquée par saint Augustin le plus grand des Peres,
maintenue par ceux qui l'ont suivy,
confirmée par saint Bernard le dernier des Peres,
soustenuë par saint Thomas l'Ange de l'école,
transmise de luy à vostre Ordre,
appuyée par tant de vos Peres,
et si glorieusement deffendue par vos Religieux sous les Papes Clement et Paul:

Cette grace efficace (67)...”

(64) Ibid. t. IV, pág. 258.

(65) Ibid. pág. 214.

(66) Ibid. pág. 166.

(67) Ibid. pág. 172/173.

“...vous m'appellez }
 Impie,
 Bouffon,
 Ignorant,
 Farceur,
 Imposteur,
 Calomniateur,
 Fourbe,
 Heretique,
 Calvinisté deguisé,
 Disciple de Du-Moulin,
 Possédé d'une legion de Diables,
 et tout ce qu'il vous plaist (68).”

C'est }
 Villalobos, Conink, Llamas,
 Achokier, Dealkozer,
 Dellacruz, Veracruz,
 Ugolin, Tambourin,
 Fernandez, Martinez, Suarez, Henriquez, Vasquez, Lopez,
 Gomez, Sanchez,
 De Vechis, De Grassiz, De Grassalis, de Pitiaginis, De Gra-
 phaeis,
 Squilanti, Bizozeri,
 Barcola, De Bobadilla, Simancha, Perez de Lara, Aldretta,
 Lorca, De Scarcia, Quaranta, Scophra,
 Pedrezza, Cabrezza,
 Bisbe, Dias, De Clavasio, Villagut, Adam à Manden, Iribarne,
 Binsfeld, Volfangi à Vorberg, Vosthery, Strevesdorf
 (69).”

(68) Ibid. t. V, pág. 361.

(69) Ibid. t. IV, pág. 317. É notório o caráter molieresco dessa ladainha de quarenta e cinco nomes de casuístas. Pascal os leu num livro de Diana, no qual vinham arrolados alfabeticamente. Para tornar cômicos êsses nomes flamengos, espanhóis e italianos, Pascal os redistribuiu, segundo um duplo jôgo fônico, fazendo-os rimar uns com os outros, ou juntando os mais disparatados. O caráter cômico dessa acumulação foi notado por Nouet em sua *Dixneuvième Imposture des Jansenistes*: “...c'est une faute de jugement, d'avoir fait le dénombrement ridicule des Atheurs Catholiques que vous avez affecté sur la fin de vostre cinquième Lettre, parce que vous nous avez obligez par là de chercher parmy les heretiques le nom de ceux qui vous ont inspiré cette haine, & de vous demander, si tous ces gens que vous voyez icy: Luther, Usser, Bucer, Tayler, Keiser, Groper, Tamber, Wittaker, Herman, Tileman, Calagan, Hus, Throrp, Vright, Hork, Schuch, Crau, Whyght, Esch, Hall, Hun, Fryth, Hesch, Hork, Pourceau, Thorauu, Moutarde, Naviere, Coniu, Philpot, Testuot, Iansen, Holden, Hitten, Suffen, Houuenden, Zanchius, Brandius, Scharpius; si dis-je tous ces gens-là, que les Calvinistes mettent pourtant dans leurs Bibliothèques comme leurs Ecrivains, ou dans leur Mar-

Em alguns dos exemplos supracitados, há acentuada simetria. As mais das vezes, porém, o que existe é acumulação, que poderá ter vários sentidos: ora desempenha um papel simplesmente recapitulativo; ora terá uma força corroboradora, constituindo uma como que série maciça de golpes que derrotem o adversário. Como também seu caráter poderá ser nitidamente cômico.

Embora haja exemplos de acumulação, e alguns bastante expressivos, não é ela o que distingue particularmente o estilo das *Provinciais*. A simetria do primeiro grau, ternária, e sobretudo binária, é mais frequente e mais característica. Ela se enxerta, às vezes, na simetria do segundo grau.

SIMETRIA DO 2.º GRAU

A simetria do segundo grau, mais encorpada do que a do primeiro grau, está intimamente ligada à estrutura da frase complexa. Dá-se ela, quando, por justaposição, coordenação ou subordinação, se equilibram porções da frase.

Ver-se-á, pelos exemplos, que a simetria do segundo grau afeta, algumas vezes, um pequeno trecho da frase. Mas se manifesta, também, de ponta a ponta, fazendo da prótase e da apódose duas metades perfeitas.

I. — SIMETRIA POR JUSTAPOSIÇÃO

Com a justaposição, os elementos que se equilibram não são sustentados por conectivos: o que lhes serve de fiel é a vírgula, o ponto e vírgula, os dois pontos. A

tyrologe comme leurs Saints, estoient veritablement Chrestiens." Pág. 177/178. Ao apresentar esta lista de nomes de protestantes e jansenistas, Nouet procede como Pascal: os distribui de acôrdo com a homofonia terminal, ou segundo a aspereza das sonoridades. Nouet e Pascal se revelam, nesse ponto, herdeiros de venerável tradição: a fantasia verbal. Cf. R. GARAPON, *La fantaisie verbale et le comique dans le théâtre français*, passim.

repetição, já estudada, vem reforçá-la, frequentemente.

*"Je vous ay éclaircy du premier par la précédente:
je vous parleray du second dans celle-cy (70)."*

*"Vous avez receu dans l'Eglise le nom de l'ennemy:
c'est y avoir receu l'ennemy mesme (71)."*

*"...ce n'est pas là une heresie:
c'est une opinion orthodoxe (72)..."*

*"A ceux qui voudront tuer, on presentera Lessius;
à ceux qui ne le voudront pas, on produira Vasquez (73)."*

*"Il faut estre aussi humble que ces humbles calomniés,
pour le souffrir avec patience;*

*il faut estre aussi méchant que de si méchants calomniateurs,
pour le croire (74)."*

Da simetria para a acumulação

A justaposição não é apenas dupla. Pode apresentar-se mais rica, alinhando três, quatro, cinco ou mais lanços da frase, vindo, por vêzes, o último, ligado por coordenação. Passa-se então da simetria para a acumulação.

*"Nous les voyons,
nous le sçavons,
nous le sentons (75)."*

*"...souvenez-vous
QUE le premier crime des hommes corrompus a esté un homicide en la
personne du premier juste;
QUE leur plus grand crime a esté un homicide en la personne du chef
de tous les justes;
et QUE l'homicide est le seul crime qui destruit tout ensemble l'Estat,
l'Eglise, la nature, et la pieté (76)."*

(70) BRUNSCHVICG major, t. IV, pág. 156/157.

(71) Ibid. pág. 171/172.

(72) Ibid. pág. 127.

(73) Ibid. t. VI, pág. 41.

(74) Ibid. pág. 258.

(75) Ibid. t. IV, pág. 259.

(76) Ibid. t. VI, pág. 156.

“...il est aisé de faire connoistre à ceux qui ne le sçauraient pas
 QUE cette pratique est juste,
 QU'elle est commune aux Peres de l'Eglise,

et QU'elle est autorisée $\left\{ \begin{array}{l} \text{par l'Escriture,} \\ \text{et par l'exemple} \end{array} \right. \left\{ \begin{array}{l} \text{des plus grands Saints} \\ \text{et de Dieu meime (77).} \end{array} \right.$

“...comment seroit-il veritable

QUE Dieu seul en connoist $\left\{ \begin{array}{l} \text{et la grandeur} \\ \text{et le nombre?} \end{array} \right.$

QUE personne ne sçait qu'il est digne $\left\{ \begin{array}{l} \text{d'amour} \\ \text{ou de haine,} \end{array} \right.$

et QUE les plus Saints $\left\{ \begin{array}{l} \text{dans la crainte} \\ \text{et dans le tremblement (78).} \end{array} \right.$

“Je n'espere rien du monde;
 je n'en apprehende rien;
 je n'en veux rien;

je n'ay besoin par la grace de Dieu $\left\{ \begin{array}{l} \text{ny du bien,} \\ \text{ny de l'autorité de personne (79)} \end{array} \right.$

“Et ainsi admirez les machines du Molinisme, qui font dans l'Eglise de si prodigeux renversemens:

QUE ce qui est catholique dans les Peres, devient heretique dans Arnauld:
 QUE ce qui estoit heretique dans les Semipelagiens, devient orthodoxe dans les escrits des Jesuites:

QUE la doctrine si ancienne de S. Augustin est une nouveauté insupportable,

et QUE les inventions nouvelles qu'on fabrique tous les jours à nostre veue, passent pour l'ancienne foy de l'Eglise (80).”

“...il y a mille gens
 qui n'ont point ces desirs;
 qui pechent sans regret,
 qui pechent avec joye,
 qui en font vanité (81).”

(77) Ibid. t. V, pág. 310.

(78) Ibid. t. IV, pág. 263.

(79) Ibid. t. VI, pág. 344.

(80) Ibid. t. IV, pág. 222.

(81) Ibid. pág. 257.

"Non, mes Peres;
 la vie des hommes est trop importante;
 on y agit avec plus de respect;
 les loix ne l'ont pas soumise à toutes sortes de personnes;
 mais seulement aux juges dont on a examiné $\left\{ \begin{array}{l} \text{la probité} \\ \text{et la suffisance (82).} \end{array} \right.$ "

"Mais il me rebuta rudement, et me dit
 QUE ce n'estoit pas là le point;
 QU'il y en avoit de ceux de son costé qui tenoient que la grace n'est
 pas donnée à tous:
 QUE les Examineurs mesmes avoient dit en pleine Sorbonne, que cette
 opinion est problematique:
 et QU'il estoit luy mesme dans ce sentiment (83)."
 "...vous aurez beau dire que vous entendez par là une grace qui est
 insuffisante,
 vous ne serez point écoutez:
 Vostre explication seroit odieuse dans le monde: on y parle plus sence-
 rement des choses moins importantes:
 les Jesuites triompheront:
 ce sera leur grace suffisante en effet, et non pas la vostre qui ne l'est
 que de nom, qui passera pour estable;
 et on fera un article de foy du contraire de vostre creance (84)."
 "Tout le monde sçait, mes Peres, que l'heresie de Genève consiste
 essentiellement, comme vous le rapportez vous-mesme à croire
 QUE Jesus-Christ n'est point enfermé dans ce Sacrement:
 QU'il est impossible qu'il soit en plusieurs lieux:
 QU'il n'est vrayment que dans le Ciel,
 et QUE ce n'est que là où on le doit adorer, et non pas sur l'autel:
 QUE la substance du pain demeure:
 QUE les corps de Jesus-Christ n'entre point dans la bouche, ny dans
 la poitrine:
 QU'il n'est mangé que par la foy,
 et QU'ainsi les méchans ne le mangent point;
 et QUE la Messe n'est point un sacrifice, mais une abomination (85)."

Depois desta longa série, vem outra catadupa de proposições subordinadas (vinte e uma), introduzidas pela conjunção QUE e suspensas ao verbo declarativo da principal.

(82) Ibid. t. VI, pág. 149/150.

(83) Ibid. t. IV, pág. 125/126.

(84) Ibid. pág. 172.

(85) Ibid. t. VI, 263. Esse exemplo, como a página que o segue, tem uma construção bastante pesada: trata-se da décima sexta carta, em cuja feitura Pascal não tivera tempo de aplicar-se.

II. — SIMETRIA POR COORDENAÇÃO

Em vez do tampão de silêncio, — impôsto pela ausência de ligação —, que caracteriza a simetria precedente, na simetria por coordenação o nexos se realiza graças a conjunções coordenativas. Dois fatores concorrem para enriquecê-la: a repetição e a simetria do primeiro grau. O enxerto da repetição não lhe modifica a estrutura, porém torna mais tensa a dicotomia. A inserção do primeiro grau a esgalha, acrescentando-lhe uma simetria suplementar. A combinação da repetição, das simetrias do primeiro e segundo grau confere a determinadas páginas das *Provinciais* um trançado fortemente simétrico.

A simetria por coordenação se apresenta das seguintes maneiras: simples, associada à repetição, associada à simetria do primeiro grau, associada à própria simetria do segundo grau, e associada, ao mesmo tempo, à simetria do primeiro e segundo grau.

1.^o — *Coordenação simples*

Na simetria do segundo grau por coordenação simples, há somente duas porções de frases que se equilibram sem a presença de repetições que lhe dêem mais têmpera, ou a existência de simetrias auxiliares.

“...il est très informé des questions du temps
ET sait le secret des Jesuites (86)”

“...des voleurs { qui le blessent de plusieurs coups,
ET le laissent à demy-mort (87).”

“Mon amy Janseniste prenoit ce discours à bon presage,
ET me croyoit desjà gagné (88).”

“...j'ay sceu depuis { que leur rencontre n'est pas rare,
ET qu'ils sont continuellement meslez les uns
avec les autres (89).”

(86) Ibid. t. IV, pág. 156.

(87) Ibid. pág. 167.

(88) Ibid. pág. 164/165.

(89) Ibid. pág. 139.

"...selon vous { les Jansenistes sont Catholiques
ET Monsieur le Moine heretique (90)..."

"...une grace efficace { qui n'est pas donnée à tous,
ET qui determine leur volonté à prier (91)."

"Tous les efforts de violence { ne peuvent affoiblir la verité
ET ne servent qu'à la relever
davantage (92)."

"Je vous fais un recit,
ET vous contestez contre moy (92a)."

"Vous accordez aux hommes la substance grossiere des choses
ET vous donnez à Dieu ce mouvement spirituel de l'intention (93)."

2.^o — *Associada à repetição*

As repetições, estudadas no capítulo precedente, podem reforçar a simetria do segundo grau.

"...si elle suffit, il n'en faut pas davantage pour agir,
ET si elle ne suffit pas, elle n'est pas suffisante (94)."

"C'est à dire, luy dis-je { que tous ont assez de grace
ET que tous n'en ont pas assez (95)."

"O grands venerateurs de ce saint mystere, dont le zele s'em-
ploye { à persecuter ceux qui l'honorent par tant de communions saintes,
ET à flatter ceux qui le deshonorent par tant de communions
sacrileges (95)?"

Estrange zele { qui s'irrite contre ceux qui accusent des fautes publiques,
ET non pas contre ceux qui les commettent (97)."

"...son Epoux { sait bien repandre son sang pour les autres,
MAIS non pas repandre pour elle celui des autres (98)

(90) Ibid. pág. 138.

(91) Ibid. pág. 137.

(92) Ibid. t. V, pág. 386.

(92a) Ibid. pág. 36.

(93) Ibid. pág. 87.

(94) Ibid. pág. 158.

(95) Ibid. pág. 162/163.

(96) Ibid. t. IV, pág. 282.

(97) Ibid. t. V, pág. 319.

(98) Ibid. t. VI, pág. 145.

"...voilà le *moyen* de vous faire *croire* jusqu'à ce qu'on vous *réponde*;
MAIS c'est aussi le *moyen* qu'on ne vous *croie* jamais plus, après qu'on
vous aura *répondu* (99)."

"Vous ne leur attribuez pas ces erreurs *dans la creance* qu'ils les
soutiennent,
MAIS *dans la creance* qu'ils vous font tort (100)."

Ce que je diray ici { ne sera pas *pour monst* leur innocence,
MAIS *pour monst* votre malice (101)."

"Ce seroit une *impiété de manquer de respect pour les veritez que*
l'esprit de Dieu a révélées,

MAIS *ce seroit une autre impiété de manquer de mepris pour les faus-*
setez que l'esprit de l'homme leur oppose (102)."

"Reginaldus *n'a pas* peut estre *violé* la *loy qui défend de nuire* à l'Estat;
MAIS *il a violé* certainement *celle qui défend de tuer* (103)."

3.^o — Associada à simetria do 1.^o grau

A aliança da coordenação com a simetria do primeiro grau torna mais ramificada a frase pascaliana.

"...les Jansenistes { qui ne se brouillent, { ny avec la foy,
ET qui se sauvent tout ensemble { ny avec la raison,
de la folie
et de l'erreur
(103a)."

"Car je sçay { que c'est le propre { de la haine
et de l'animosité
ET qu'on ne doit jamais le faire (104)."

"...une conduite { qui peche contre chacune de ces regles
et qui porte veritablement de caractere de
l'esprit { de bouffonnerie,
d'envie
et de haine (105)."

(99) Ibid. pág. 200.

(100) Ibid. pág. 280.

(101) Ibid. pág. 258.

(102) Ibid. t. V, pág. 309.

(103) Ibid. t. VI, pág. 35.

(103a) Ibid. t. IV, pág. 164.

(104) Ibid. t. V, pág. 323/324.

(105) Ibid. pág. 325.

4.^o — *Associada à própria simetria do 2.^o grau*

Assim como a simetria por coordenação é prolongada com ramificações do primeiro grau, assim também pode ela ser prolongada pela simetria do segundo grau.

“Prevenez ces menaces, mon Pere,

ET prenez garde { que Dieu ne change ce flambeau de sa place,
 { ET ne vous laisse { dans les tenebres
 { et sans couronne (106).”

“Il le blasma

{ de s'estre uny au second { à qui il estoit contraire de sentiment,
 { ET avec lequel il n'avoit qu'une
 { ET d'avoir chassé le premier auquel il estoit conforme en effet (107).”
 { conformité apparente,

“J'admiray sur ces passages de voir

{ que la pieté du Roy employe sa puissance { à deffendre
 { ET à abolir le duel en
 { ses Estats;
 { ET que la pieté des Jesuites occupe leur subtilité { à la permettre,
 { ET à l'autoriser
 { dans l'Eglise
 (108).”

5.^o — *Associada à repetição, à simetria do 1.^o e 2.^o grau*

Os exemplos desta simetria constituem verdadeiros “morceaux de bravoure.” Além do martelar das repetições, a frase se apresenta com ramificações do primeiro ou segundo grau, ou com uma e outra, ao mesmo tempo.

“...parce que c'est la rendre (a justiça humana), semblable à celle de Dieu,

{ qui est impuissant pour faire le mal,
 { et tout puissant pour faire le bien;

(106) Ibid. t. IV, pág. 174.

(107) Ibid. pág. 169.

(108) Ibid. t. V, pág. 92.

ET *que c'est la distinguer de celle des hommes*

{ *qui sont impuissans pour le bien*
ET n'ont de *puissance que pour le mal* (109)."

"...*parce qu'il y a deux choses dans les veritez de nostre Religion*

{ *une beauté divine qui les rend aimables*
ET *une sainte majesté qui les rend venerables;*

ET *qu'il y a aussi deux choses dans les erreurs;*

{ *l'impieté qui les rend horribles,*
ET *l'impertinence qui les rend ridicules* (110)."

"Vous *croyez avoir* { *la force*
et l'impunité,

MAIS *je croy avoir* { *la verité*
et l'innocence (111)."

"Et c'est pourquoy *Jesus-Christ est appelé* { *le Roy*
et le Dieu du monde

parce qu'il a partout { *des sujets*
et des adoreteurs,

ET *le diable est aussi appelé dans l'Escriture* { *le Prince du monde*
et le Dieu du siecle,

parce qu'il a partout { *des suppots*
et des esclaves (112)."

III. — SIMETRIA POR SUBORDINAÇÃO

Até aqui, o nexa da simetria foi, de um lado, o silêncio, significado pela vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, e do outro, uma conjunção coordenativa. As conjunções de subordinação também concorrem para a simetria da frase. Elas articulam de modo preemptó-

(109) Ibid. t. VI, pág. 133/134.

(110) Ibid. t. V, pág. 309.

(111) Ibid. pág. 386.

(112) Ibid. t. VI, pág. 125/153.

rio o pensamento de Pascal. Sua presença na frase é frequentemente um indício de que dois t \hat{e} rmos de uma rela \tilde{c} o se organizar \tilde{a} o com grande energia e largo e exato equil \tilde{b} rio. Sejam de causa, tempo, consequ \tilde{e} ncia, condi \tilde{c} o, oposi \tilde{c} o, de compara \tilde{c} o sobretudo, as rela \tilde{c} oes estabelecidas pelas conjun \tilde{c} oes de subordina \tilde{c} o t \hat{e} m um cunho nitidamente pascaliano: conex \tilde{e} oes justas, sem a menor folga ou indecis \tilde{a} o, de car \hat{a} ter, dir-se-ia, matem \hat{a} tico, apresentando seus t \hat{e} rmos como um positivo ao lado do negativo. Enxertam-se, \hat{a} s v \hat{e} zes, nessa vigorosa simetria, a repeti \tilde{c} o e outras simetrias. Da $\hat{ı}$ v \hat{a} rios trechos que s \hat{a} o outros tantos "morceaux de bravoure."

Causa

"...ils ont jug \hat{e} } plus \hat{a} propos
et plus facile de censurer que de repartir,

PARCE QU'il leur est bien plus ais \hat{e} de trouver des Moines que des raisons (113)."

Tempo

"...je leur demande si EN MESME TEMPS QU'ils se plaignent de ce qu'on a trait \hat{e} de la sorte des Religieux, ils se plaignent encore davantage de ce que des Religieux ont trait \hat{e} la verit \hat{e} de la sorte (114)."

"QUAND vous dites que tous les justes ont toujours le pouvoir prochain d'observer les Commandemens, vous entendez qu'ils ont toujours la grace necessaire pour les accomplir (115)."

"...vous estes d'accord \hat{a} cause des termes communs dont vous usez,

QUAND vous estes contraires dans le sens (116)."

(113) Ibid. t. IV, p \acute{a} g. 217.

(114) Ibid. t. V, p \acute{a} g. 319.

(115) Ibid. t. IV, p \acute{a} g. 135.

(116) Ibid. p \acute{a} g. 138.

Consequência

“Et cette restriction rabaisse SI peu leur puissance,
QU'elle la relève au contraire beaucoup davantage (117).”

“Et il est SI veritable que les Justes *pechent* en cette sorte,
QU'il est rare que les grands Saints *pechent* autrement (118).”

Condição

“...on peut tuer les médisans *en seurété de conscience*,
POURVEU QUE ce soit *en seurété* de sa personne (119).”

“SI vous n'avez pas de sens commun,
je ne puis vous en donner (120).”

“...QUAND la Censure *seroit* faite,
la paix ne *seroit* pas établie (121).”

Oposição

“...ils ont tout ce qui est *nécessaire pour prier Dieu* de les assister

SANS QU'il soit *nécessaire* qu'ils ayent aucune nouvelle grace
de Dieu *pour prier* (122).”

“S'ils sont *conformes* aux Jesuites par un terme qui n'a pas de sens,
ils leur sont *contraires* et *conformes* aux Jansenistes dans la substan-
ce de la chose (123).”

“Il doit se faire connoistre pour deffendre son innocence,
AU LIEU QUE je dois demeurer dans l'obscurité pour ne pas perdre
ma reputation (124).”

“Car *vous avez bien trouvé* des expediens *pour rendre* la con-
fession douce,

AU LIEU QUE *vous n'en avez point trouvé* pour rendre la resti-
tution agreable (125).”

(117) Ibid. t. VI, pág. 133.

(118) Ibid. t. IV, pág. 264.

(119) Ibid. t. V, pág. 102.

(120) Ibid. t. VI, pág. 273.

(121) Ibid. t. IV, pág. 140/141.

(122) Ibid. pág. 136.

(123) Ibid. pág. 158.

(124) Ibid. pág. 209.

(125) Ibid. t. V, pág. 379.

“ET AU LIEU QUE vous *travaillez* à entretenir dans les *bonnes*
 { l’ambition qui fait qu’on n’ait jamais de *superflu*
 et l’avarice qui refuse de *donner* quand on *en auroit*,
 les Saints *ont travaillé* au contraire à porter les *bonnes*
 { à donner leur *superflu*
 et à leur faire connoître qu’ils *en auront* beaucoup (126).”

Comparaçãõ

“...*en me moquant* de vostre Morale, j’ay esté AUSSI *éloigné*
de me moquer des choses *saintes*,

QUE la *doctrine* de vos Casuistes est *éloignée* de la *doctrine sainte*
 de l’Evangile (127).”

“...*ils seront* donc AUSSI *seurs* selon Vasquez d’*avoir* assez d’*ambition*
 pour n’*avoir point* de *superflu*,

QU’il est *seur* selon l’Evangile de n’*avoir point* d’*ambition* pour
 donner l’aumosne de son *superflu* (128).”

“...comment il se peut faire que l’expression de M. Arnauld soit
 AUTANT differente de celle des Peres,

{ QUE la verité l’est de l’erreur,
 et la foy de l’heresie (129).”

“Voila un crime que Dieu *seul est capable* de punir
 COMME vous *seuls estes capables* de le commettre (130).”

“...COMME les veritez chrestiennes *sont dignes* { d’amour
 et de respect,

les erreurs qui leur sont contraires *sont dignes* { de mepris
 et de haine (131).”

(126) Ibid. pág. 372.

(127) Ibid. pág. 309.

(128) Ibid. pág. 30/31.

(129) Ibid. t. IV, pág. 212.

(130) Ibid. t. VI, pág. 258.

(131) Ibid. t. V, pág. 309.

"...COMME *les saints* ont toujours pour la vérité

ces deux sentiments { d'amour
et de crainte,

ET QUE *leur* sagesse est toute comprise entre

{ la crainte, qui en est le principe,
et l'amour qui en est la fin.

les Saints ont aussi pour l'erreur

ces deux sentiments de haine
et de mépris,

ET *leur* zèle s'emploie également

{ à repousser avec force la malice impies
et à confondre avec risée { leur égarement
et leur folie (132)."

"Et je ne sçay mesme si on n'auroit pas MOINS de dépit de se voir tuer brutalement *par des gens* emportez

QUE de se sentir poignarder consciencieusement *par des gens* devots (133)."

"...j'espere en me defendant vous convaincre de PLUS d'impostures véritables

QUE vous ne m'en imputé de fausses (134)."

"...vous avez PLUS de sujet de *vous* louer de *ma* retenue,
QUE de *vous* plaindre de *mon* indiscretion (135)."

"...il y aura PLUS de dispute pour l'expliquer,
QUE pour l'introduire (136)."

"...on fut PLUS scandalisé de la reconciliation,
QUE de la querelle (137)."

"Je vois sans comparaison plus de gens justifiez | par cette ignorance,
et cet oubly de Dieu,

(132) Ibid. pág. 309/310.

(133) Ibid. pág. 107/108.

(134) Ibid. pág. 362.

(135) Ibid. pág. 324.

(136) Ibid. t. IV, pág. 141.

(137) Ibid. t. VI, pág. 196.

QUE { par la Grace,
et les Sacramens (138).”

“...ils est BIEN PLUS juste de conserver à tant de personnes que vous avez decriées, *la reputation* de piété, *qu'ils ne meritent pas* de perdre,

QUE de vous laisser *la reputation* de sincerité *que vous ne meritez pas d'avoir* (139).”

“Les Chrestiens { *font-ils PLUS d'estat* des biens de la terre
ou *font-ils MOINS d'es:at* de la vie des hommes,

QUE n'en *ont fait* { les idolatres
et les infideles (140).”

SIMETRIA DO 3.º GRAU

Viu-se primeiramente que palavras da mesma categoria se colocavam simetricamente no interior da proposição ou da frase simples. Depois, que, no interior da frase complexa, em vez de simples palavras, eram porções da mesma natureza, ou de natureza conexas, que se dispunham ordenadamente. Com a simetria do terceiro grau, as proporções se avantajam: seu campo é mais vasto que a proposição e a frase: é o parágrafo. Dentro dêste, as frases é que se apresentam simetricamente. Podem elas enriquecer-se com a repetição e as simetrias do primeiro e segundo grau.

Esta simetria depende sobretudo de dois elementos, com predominância, ora de um, ora de outro. A repetição anafórica é um dêles, a repetição insistente de uma palavra ou expressão através de frases componentes do parágrafo. Na perspectiva do parágrafo, esta palavra ou expressão realiza uma simetria fônica, e no interior de cada frase constitui o núcleo em torno do qual se organiza o pensamento.

(138) Ibid. t. IV, pág. 153/154.

(139) Ibid. t. VI, pág. 211.

(140) Ibid. pág. 137.

"...*Combien* y en aura-t'il *peu* qui la lisent?
Combien peu de ceux qui la liront, qui l'entendent?
Combien peu qui apperçoivent qu'elle ne satisfait pont aux objections (141)."

"...*pourquoy* auroient-elles pris pour le principal objet de leur pieté ce *Sacremem* qu'elles auroient en abomination?"

Pourquoy auroient-elles joint à leur regle l'institution du *S. Sacrement*?

Pourquoy auroient-elles demandé et obtenu de Rome la confirmation de cette institution, et le pouvoir de dire tous les jeudys l'office du *S. Sacrement*, où la foy de l'Eglise est si parfaitement exprimée, si elles avoient conjuré avec Genève d'abolir cette foy de l'Eglise.

Pourquoy se seroient-elles obligées par une devotion particuliere approuvée aussi par le Pape, d'avoir sans cesse nuit et jour des Religieuses en presence de cette sainte hostie, pour reparer par leurs adorations perpetuelles envers ce sacrifice perpetuel l'impiété de l'heresie qui l'a voulu aneantir.

Dites-moy donc, mes Peres, si vous le pouvez, *pourquoy* de tous les mysteres de nostre religion *elles auroient* laissé ceux qu'elles croyent, pour choisir celui qu'elles ne croyoient pas?

Et *pourquoy elles se seroient* devouées d'une maniere si pleine et si entiere à ce mystere de nostre foy, si elles le prenoient, comme les heretiques, pour le mystere d'iniquité (142)..."

"*On vous défie* d'en montrer aucun qui permette de tuer pour defendre son bien seulement..."

On vous défie d'en montrer aucun qui permette de tuer

{ pour l'honneur,
 { pour un soufflet,
 { pour une injurie et une médisance

On vous défie d'en montrer aucun qui permette de tuer

{ les témoins,
 { les juges,
 { et les Magistrats (143)..."

O outro elemento já não é um refrão a congraçar frases do parágrafo, mas a harmonia que existe no interior dessas frases, a proporção dos diversos membros de que são constituídas. São duas, três e mais frases suces-

(141) Ibid. t. IV, pág. 218.

(142) Ibid. t. VI, pág. 261.

(143) Ibid. pág. 147/148.

sivas, cada uma fortemente equilibrada, trazendo, por vêzes, consigo além dos recursos da repetição, as diferentes modalidades das simetrias do primeiro e segundo grau.

"A) Car, mes Peres, puisque vous m'obligez d'entrer en ce discours, je vous prie de considerer, que (a) *comme les veritez chretiennes sont dignes d'amour et de respect, les erreurs qui leur sont contraires sont dignes de mepris et de haine*; (b) *parce qu'il y a deux choses dans les veritez de nostre Religion; une beauté divine qui les rend aimables, et une sainte majesté qui les rend venerables; et qu'il y a aussi deux choses dans les erreurs; l'impieté qui les rend horribles, et l'impertinence qui les rend ridicules.*

B) Et c'est pourquoy (a) *comme les Saints ont toujours pour la verité ces deux sentimens d'amour et de crainte, et que leur sagesse est toute comprise entre la crainte, qui en est le principe, et l'amour qui en est la fin*, (b) *les Saints ont aussi pour l'erreur ces deux sentimens de haine et de mepris, et leur zele s'employe egalement à repousser avec force la malice des impies, et à confondre avec risée leur egarement et leur folie (144)."*

A	}	(a)	{	comme les veritez	{	d'amour
						et de respect
				les erreurs	}	de mepris et de haine
B	}	(a)	{	comme les Saints ont toujours	{	d'amour
						et de crainte
				et que leur sagesse	{	la crainte et l'amour
B	}	(b)	{	les Saints ont aussi	{	de haine
						et de mepris
				et leur zele	}	à repousser et à confondre
						leur egarement et leur folie

(144) Ibid. t. V, pág. 309/310. O grifo utilizado neste exemplo, como nos dois seguintes, não é para indicar repetição, mas a correspondência com os esquemas.

"A) *Les injures que vous me dites* n'éclairciront pas nos differens, *et les menaces que vous me faites* en tant de façons ne m'empescheront pas de me defendre. B) *Vous croyez avoir la force et l'impunité: mais je croy avoir la verité et l'innocence...* C) *Tous les efforts* de la violence *ne peuvent* affoiblir la verité, *et ne servent* qu'à la relever davanatge. D) *Toutes les lumieres* de la verité *ne peuvent* rien pour arrester la violence, *et ne font* que l'irriter encore plus. E) *Quand la force combat* la force, la plus puissante destruit la moindre: *quand l'on oppose* les discours aux discours, ceux qui sont *veritables et convainquans confondent et dissipent* ceux qui n'ont que *la vanité et le mensonge*: mais la violence et la verité ne peuvent rien l'une sur l'autre. F) Qu'on ne pretende pas de là neanmoins que les choses soient égales: car *il y a cette extreme difference, que la violence n'a qu'un cours* borné par l'ordre de Dieu, qui en conduit les effets à la gloire de la verité qu'elle attaque; *au lieu que la verité subsiste* eternellement, *et triomphe* enfin de ses ennemis; parce qu'elle est eternelle et puissante comme Dieu mesme (145)."

A { Les injures que vous me dites
et les menaces que vous me faites

B { Vous croyez avoir { la force
et l'impunité
mais je croy avoir { la verité
et l'innocence

C { Tous les efforts { ne peuvent
et ne servent

D { Toutes les lumieres { ne peuvent
et ne font

E { Quand la force combat
quand l'on oppose { veritables { confondent { la vanité
et convainquans { et dissipent { et le mensonge

F { il y a cette extreme difference { que la violence n'a qu'un cours
au lieu que la verité { subsiste
et triomphe

A associação da simetria advinda da repetição e da que se baseia na sequência de frases equilibradas, já notória nas linhas que precedem, se apresenta, por vêzes, mais acentuadamente:

“A) Il y a deux peuples et deux mondes répandus sur toute la terre, selon S. Augustin: le monde des enfans de Dieu, qui forme un corps dont Jesus-Christ est le Chef et le Roy; et le monde ennemy de Dieu, dont le diable est le chef et le Roy. B) Et c'est pourquoy Jesus-Christ est appellé le Roy et le Dieu du monde ; parce qu'il a partout des sujets et des adorateurs: et le diable est aussi appellé dans l'Ecriture le Prince du monde et le Dieu de ce siecle; parce qu'il a par tout des supposts et des esclaves. C) Jesus-Christ a mis dans l'Eglise qui est son empire, les loix qu'il luy a plu selon sa sagesse eternelle; et le diable a mis dans le monde, qui est son royaume, les loix qu'il a voulu y establir. D) Jesus-Christ a mis l'honneur à souffrir; le diable à ne point souffrir. E) Jesus-Christ a dit à ceux qui reçoivent un soufflet; de tendre l'autre joue; et le diable a dit à ceux à qui on veut donner un soufflet, de tuer ceux qui leur voudront faire cette injure. F) Jesus-Christ declare heureux ceux qui participent à son ignominie; et le diable declare malheureux ceux qui sont dans l'ignominie; G) J. Christ dit: Malheur à vous quand les hommes diront du bien de vous; et le diable dit: Malheur à ceux dont le monde ne parle pas avec estime (146).”

- A - Il y a deux peuples et deux mondes $\left\{ \begin{array}{l} \text{le monde} \left\{ \begin{array}{l} \text{le Chef} \\ \text{et le Roy} \end{array} \right. \\ \text{et le monde} \left\{ \begin{array}{l} \text{le chef} \\ \text{et le Roy} \end{array} \right. \end{array} \right.$
- B $\left\{ \begin{array}{l} \text{Jesus-Christ est appellé} \left\{ \begin{array}{l} \text{le Roy} \\ \text{et le Dieu} \end{array} \right. \left\{ \begin{array}{l} \text{des sujets} \\ \text{et des adorateurs} \end{array} \right. \\ \text{et le diable est aussi appelle} \left\{ \begin{array}{l} \text{le Prince du monde} \\ \text{et le Dieu de ce siecle} \end{array} \right. \left\{ \begin{array}{l} \text{des supposts} \\ \text{et des esclaves} \end{array} \right. \end{array} \right.$
- C $\left\{ \begin{array}{l} \text{Jesus-Christ a mis dans l'Eglise} \\ \text{et le diable a mis dans le monde} \end{array} \right.$
- D $\left\{ \begin{array}{l} \text{Jesus-Christ a mis l'honneur à souffrir} \\ \text{le diable à ne point souffrir} \end{array} \right.$
- E $\left\{ \begin{array}{l} \text{Jesus-Christ a dit à ceux qui reçoivent un soufflet} \\ \text{et le diable a dit à ceux à qui on veut donner un soufflet} \end{array} \right.$
- F $\left\{ \begin{array}{l} \text{Jesus-Christ declare heureux} \\ \text{et le diable declare malheureux} \end{array} \right.$
- G $\left\{ \begin{array}{l} \text{J. Christ dit: Malheur} \\ \text{et le diable dit: Malheur} \end{array} \right.$

Por seu caráter, dir-se-ia, épico, por sua estrutura complexa, apropriada a momentos de grande eloquência, a simetria do terceiro grau não se encontra amiúde (147). A do primeiro grau, ao contrário, se depara quase a cada passo; mas é de tamanho reduzido. Geralmente seus componentes se parecem mais do que se opõem:

"... former { des desirs
et des vœux pour leur damnation (148)."

"...user des mots { equivoques
et capiteux (149)."

Com o redôbro de adjetivos qualificativos acontece haver antítese:

"Vous estes { hardis contre Dieu,
et timides envers les hommes 150)."

Sinonímica e inserindo-se nos dois braços da simetria do segundo grau, dá lugar a sinônimos antitéticos:

(147) "L'éloquence continue ennue." *Pensées*, éd. Lafuma, pág. 415.

(148) BRUNSCHVICG major, t. V, pág. 330. O emprêgo de sinônimos neste exemplo e no seguinte não destoa do ensinamento de Vaugelas: "... les paroles estant les images des pensées, il faut que pour bien représenter ces pensées là, on se gouverne comme les peintres, qui ne se contentent pas souvent d'un coup de pinceau pour faire la ressemblance d'un trait de visage, mais en donnent encore un second coup, qui fortifie le premier, et rend la ressemblance parfaite. Ainsi en est-il des synonymes... La première parole a desja esbauché ou tracé la ressemblance de ce qu'elle représente, mais le synonyme est comme un second coup de pinceau qui acheve l'image." Apud F. Brunot, *Histoire de la langue française des origines à 1900*, t. III, pág. 705.

(149) BRUNSCHVICG major, t. VI, pág. 203.

(150) *Ibid.* pág. 37. Félix Boillot, ao estudar o papel do adjetivo no francês, declara ser difícil encontrar, juntos, dois adjetivos contrários, caracterizando o mundo abstrato: "Il va de soi qu'il est difficile de trouver deux adjectifs de caractère abstrait et se contredisant: nous n'en avons pas relevé au cours de cette étude, ce n'est pas à dire qu'on n'en pourrait découvrir." (*Le Français Moderne*, xx, [1952], pág. 196). No exemplo acima se nota essa caracterização antitética. Na poesia preciosa e barroca não é difícil encontrar outros exemplos: "Beaux yeux, toujours cruels et toujours adorables." Sarasin apud R. BRAY, *La Préciosité et les*

“...les Jansenistes

}	qui ne se brouillent,	{ ny avec la foy
		{ ny avec la raison,
	et qui se sauvent tout ensemble	{ de la folie
		{ et de l'erreur 151.”

A simetria do segundo grau que, de um lado, corre grandemente para a simetria do terceiro grau, e que, do outro, é beneficiada pela presença da simetria do primeiro grau, parece a mais característica das três. Encontra-se ela em frases curtas:

“Vous avez reçu dans l'Eglise le nom de l'ennemy: c'est y avoir reçu l'ennemy mesme (152).”

“Je vous fais un recit, et vous contestez contre moy (153).”

Com mais frequência, porém, se encontra em frases mais longas, pois é, sobretudo, a simetria do estilo periódico chegado à perfeição:

“Et au lieu que vous travaillez à entretenir dans les hommes l'ambition qui fait qu'on n'ait jamais de superflu, et l'avarice qui refuse de donner quand on en auroit, les Saints ont travaillé au contraire à porter les hommes à donner leur superflu et à leur faire connoistre qu'ils en auront beaucoup (154).”

Além do enxêrto da simetria do primeiro grau, observa-se nessa simetria o refôrço trazido pela repetição que, além de suas virtudes fônicas, se presta a acentuar um jôgo delicado de relações lógicas, sobretudo de oposições. Graças a seu próprio ritmo e ao frequente auxílio da simetria do primeiro grau e da repetição, a simetria do segundo grau constitui um dos moldes mais costumeiros do pensamento pascaliano.

Précieux, pág. 195. — “Madelaine, à soy-même indulgente et cruelle.” *Le Moyne* apud Paul OLIVIER, *Cent Poètes Lyriques, Précieux ou Burlesques*, pág. 41. A diferença entre o exemplo de Pascal e os de *Le Moyne* e *Sarasin*, é que no primeiro não há a menor sombra de adivinhação: além de cada adjetivo ser explicado por um complemento, ambos são bastante esclarecidos pelo contexto. Os dois outros, porém, em vez de elucidarem, de pronto, o leitor, exigem dêle uma decifração.

(151) BHUNSCHVICG major, t. IV, pág. 164.

(152) *Ibid.* pág. 171/172.

(153) *Ibid.* t. V, pág. 36.

(154) *Ibid.* pág. 372.

Le Moyne

“Je nie pas qu'il ne se voye des devots

qui sont $\left\{ \begin{array}{l} \text{pasles} \\ \text{et melancoliques} \end{array} \right.$

qui aiment $\left\{ \begin{array}{l} \text{le silence} \\ \text{et le retraite} \end{array} \right.$

et qui n'ont que $\left\{ \begin{array}{l} \text{du sang dans les veines,} \\ \text{et de la terre sur le visage (3).} \end{array} \right.$

Balzac

“Ils ont considéré (les amis) non pas comme $\left\{ \begin{array}{l} \text{les jouets} \\ \text{et les amusements} \end{array} \right.$

du sage en peinture, mais comme $\left\{ \begin{array}{l} \text{les aides} \\ \text{et les appuis} \end{array} \right.$
d'un homme du monde (4).”

A simetria é ensinada e encarecida desde o comêço do século, e antes. Malherbe propugnava por ela, na composição dos períodos. Não permitia usar paralelamente dois sujeitos ou complementos de categoria gramatical diferente: a simetria exigia que uns e outros fôsem partes semelhantes do discurso. Por isso, condena as seguintes construções: “Que m'a servi la peine que j'ay prise... Et perdre à l'ouir le peu de ma franchise.” — “...il entendit bêler les brebis et les mugissements des taureaux (5).” Para estabelecer a simetria

(3) Apud Pascal in BRUNSHVIG major, t. V, pág. 197.

(4) Apud G. GUILLAUMIE, *J. L. Guez de Balzac et la prose française*, pág. 472.

(5) Apud F. BRUNOT, *Histoire de la langue française des origines à 1900*, t. III, première partie, pág. 701. Essa simetria, cuja ausência Malherbe criticava em versos de Desportes, é ensinada, comumente, em nossos dias, em livros escolares. Cf. A. VANNIER, *La clarté française*, pág. 177, sq.

no período, Malherbe formula regras rigorosas. Em obediência a elas, critica êste verso: “Mon teint pâle et ma voix, mon oeil pleurant sans cesse. . .” — porque, se *teint* e *oeil* são seguidos de epítetos, *voix* deveria sê-lo igualmente (6).

Com efeito, certo ar de família aparenta o estilo de Pascal com o de muitos escritores do século XVII: a arquitetura sólida da frase, as articulações lógicas do pensamento rigorosamente assinaladas pelos pronomes relativos e pelas conjunções, um menear largo e harmonioso. Mas, assim como as *unidades* serviram mais às intenções de Racine do que se impuseram a êle, assim também a simetria em Pascal parece menos um fruto da “ligação das coisas simultâneas” do que um molde natural de seu espírito. A arrumação da frase em Pascal será mais que uma simples disposição equilibrada de palavras: ela parece estar intimamente ligada ao fenômeno da criação. Ao escrever, Pascal desfia seu pensamento por oposição de noções. Suas idéias, em grande parte, se desenvolvem por contraste. É essa dupla focalização que, geralmente, comanda os conjuntos simétricos nas *Provinciais*. No princípio, está a aproximação de duas idéias que se opõem ou associam, e que inspiram, cada uma, prolongamentos simétricos. Dêsse modo, os vastos conjuntos harmônicos não são mais do que a decorrência, a expansão de um par de idéias inicial. Acontece, porém, que Pascal considera, em vez de duas, três idéias, simultâneamente, que dão origem a desenvolvimentos simétricos (7). O mais comum, porém, é a dupla apreensão. Não é preciso que duas coisas se apresentem em razão de estreita afinidade. Pode tratar-se de simples coincidência. Basta, no comêço, uma dualidade meramente ocasional para que se abram perspectivas si-

(6) Apud F. BRUNOT, *ib.* pág. 702.

(7) Cf. BRUNSCHVICG *major*, t. IV, pág. 164 e t. VI, pág. 152/153.

métricas, como no primeiro parágrafo da terceira *Provinciale*, onde Pascal acusa ter recebido uma carta de seu suposto correspondente, e a censura de Arnauld. Eis o primeiro impulso que comandará um desenvolvimento paralelo: “Je viens de recevoir vostre lettre, et en mesme temps l'on m'a apporté une copie manuscrite de la censure, Je me suis trouvé aussi bien traité dans l'une, que M. Arnauld l'est mal dans l'autre. Je crains qu'il n'y ait de l'excez des deux costez, et que nous ne soyons pas assez connus de nos juges. Je m'assure que si nous l'estions davantage M. Arnauld meritoit l'approbation de la Sorbonne, et moy la censure de l'Academie. Ainsi nos interests sont tout contraires. Il doit se faire connoistre pour deffendre son innocence, au lieu que je dois demeurer dans l'obscurité pour ne pas perdre ma reputation. De sorte que ne pouvant paroistre, je vous remets le soin de m'acquiter envers mes celebres approbateurs; et je prens celuy de vous informer des nouvelles de la censure (8).”

Pode acontecer que a geminação inicial seja um tanto factícia: lê-se, por exemplo, no comêço da décima carta: “Vous marquez en particulier le contrat Mohatra, et l'histoire de Jean d'Alba (9).” Êstes dois itens são seguidos de dois desenvolvimentos paralelos “Vous semble-t'il, que le mohatra soit une chose si venerable, que ce soit un blaspheme de n'en pas parler avec respect; et les leçons du P. Bauny pour le larcin, qui porterent Jean d'Alba à le pratiquer contre vous-mesmes, sont-elles si sacrées que vous aiez droit de traiter d'impies ceux qui s'en mocquent (10).” À primeira vista, tem-se a impressão de que a dualidade do enfoque: “le contract Mohatra” e “l'histoire de Jean d'Alba”, foi fornecida pelos adversários, Pascal não fazendo mais que reproduzi-la.

(8) Ibid. t. IV, pág. 209/210.

(9) Ibid. t. V, pág. 308.

(10) Ibid.

Reportando-se, porém, ao escrito a que se refere Pascal, ver-se-á que a particularização não existe, e que, além dêsses dois pontos, há outros, que não são lembrados (11).

O movimento binário no processo de elaboração do pensamento pascaliano se patenteia a cada passo. E, em muitos casos, os dois pontos de apôio, que funcionam como um trampolim, são indicados numéricamente: “Mais, luy dit-il, il y a *deux* choses dans ce mot de grace suffisante (12)...” “Ignorez-vous ces *deux* choses(13)...” “Il faudroit respondre, me dit-il, que toutes ces *deux* voyes sont seures selon le mesme Evangile (14)...” “Quoy de *deux* personnes qui font les mesmes choses (15)...” “...afin de conserver tout ensemble *deux* choses aussi opposées en apparence (16)...” “...il y a *deux* loix à observer (17)...” “...si ces *deux* conditions ne sont jointes (18)...” “Ces *deux* genres d’hommes partagent tous les hommes. Il y a *deux* peuples et *deux* mondes répandus sur la terre (19)...” Em geral, estas indicações numéricas anunciam consideráveis conjuntos simétricos. Mas não é preciso que apareça o número *dois*. Nas grandes massas simétricas está um pensamento dicotônico e, frequentemente, antirético (19a): um acareamento da verdade com a violência remata a décima segunda carta; a justificação do emprêgo da zom-

(11) *Responses aux Lettres Provinciales...* pág. 62.

(12) BRUNSCHVICG major, t. IV, pág. 165.

(13) Ibid. pág. 216.

(14) Ibid. t. V, pág. 31.

(15) Ibid. pág. 37.

(16) Ibid. pág. 84.

(17) Ibid. t. VI, pág. 35.

(18) Ibid. pág. 134/135.

(19) Ibid. t. VI, pág. 153.

(19a) Dentre as numerosíssimas antíteses pascalianas, é de notar certas alianças de palavras, de cunho nitidamente irônico. W. v. Wartburg assinala êsse mesmo procedimento em Voltaire: “Voltaire sait aussi condamner, combattre ses adversaires par le rapprochement inattendu de deux termes qui semblent s’exclure l’un l’autre: forme

baria se faz com a oposição do rir da religião com o rir dos erros; o confronto da cidade de Deus com a cidade do mundo ocupa largo trecho da décima quarta *Provincial*.

Por êsses frequentes confrontos, a marcha do estilo de Pascal é como uma série de combates singulares. Se o estilo de Balzac lembra a Thibaudet a marcha, o tropel do exército de Napoleão (20), o de Pascal talvez lembre a esgrima dos heróis de Dumas (21). Os três exemplos, aludidos acima, ilustram êsse estilo de duelista. No primeiro, em que Pascal emprega até a palavra *guerra*, está retrçado o combate entre a verdade

plus aigue de l'antithèse; ses oeuvres fourmillent d'exemples; on n'a que l'embaras du choix:

"Un jeune jacobin, nommé Jacques Clément
Dans le bourg de St-Cloud une lettre présente
A Henry de Valois, et vertueusement
Un couteau pointu dans l'estomac lui plante."

Ce rapprochement condamne d'un coup non seulement le meurtrier, mais aussi et surtout ceux qui en font un saint et un martyr..." *Evolution et structure de la langue française*, pág. 220. Pascal não é menos hábil que Voltaire no emprêgo dessas maliciosas antíteses: "...le privilege que vous avez de mentir..." BRUNSCHVICG major, t. VI, pág. 198. "Voilà, mon Père, luy dis-je, un pieux guet apend." Ibid. t. V, pág. 93. "...on peut tuer le monde en conscience." Ibid. pág. 100. "...et n'en faut pas davantage avec une direction d'intention, pour expédier un homme en seureté de conscience... Et je ne sçay mesme si on n'auoit pas moins de depit de se voir tuer brutalement par des gens importez que de se sentir poignarder consciencieusement par des gens devots." Ibid. pág. 107/108. A facada *virtuosa* de Voltaire talvez seja uma reminiscência da punhalada *conscienciosa* de Pascal.

- (20) "Il (o estilo de Balzac) s'avance dans un piétinement de chevaux et d'hommes en marche, puissant et non musical. Et l'oreille elle-même finit par reconnaître que c'est la Grande Armée qui passe." *Histoire de la littérature française de 1789 à nos jours*, pág. 238.
- (21) O tom mesmo de certas palavras de Pascal tem algo do romanesco e do "panache" d'esses heróis: "Vous vous sentez frapper par une main invisible... Je ne vous crains ny pour moy, ny pour aucun autre... Vous ne pouvez me saisir de quelque costé que vous tentiez... Et ainsi peut-estre n'eutes-vous jamais affaire à une personne qui fust si hors de vos atteintes, et si propre à combattre vos erreurs..." BRUNSCHVICG major, t. VI, pág. 344/345.

e a violência: "... C'est une estrange et longue guerre, que celle où la violence essaye d'opprimer la verité. Tous les efforts de la violence ne peuvent affoiblir la verité, et ne servent qu'à la relever davantage. Toutes les lumieres de la verité ne peuvent rien pour arrester la violence, et ne font que l'irriter encore plus. Quand la force combat la force, la plus puissante destruit la moindre: quand l'on oppose les discours aux discours, ceux qui sont veritables et convainquans confondent et dissipent ceux qui n'ont que la vanité et le mensonge: mais la violence et la verité ne peuvent rien l'une sur l'autre (22)..."

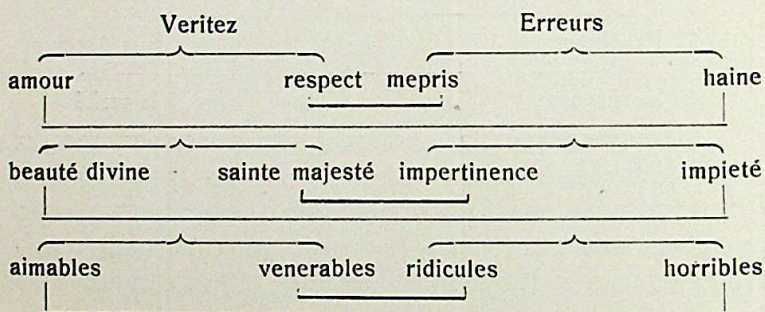
1. la violence	la verité
2. tous les efforts de la violence	la verité
3. toutes les lumieres de la verité	la violence
4. la force	la force
5. les discours	aux discours
6. la violence	la verité

O esquema acima, com suas seis oposições, mostra como progride por contraste o pensamento de Pascal. Primeiramente está a afirmação de que a violência não pode oprimir a verdade (1.^a oposição). Outros confrontos farão sentir a inutilidade de tal pretensão: dois confrontos com antagonistas de natureza diferente, e dois, com lutadores pertencentes à mesma *ordem*. A verdade e a violência não podem medir-se uma com a outra: se a violência tomar a iniciativa (2.^a oposição), a verdade nada sofrerá, ao contrário, ficará mais firme; se a iniciativa couber à verdade (3.^a oposição), a violência se exacerbará. Na quarta oposição, Pascal opera no terreno da violência, lançando a força contra a

fôrça: o combate é possível e haverá um vencedor. Na quinta oposição, passa-se para o terreno da verdade, vencendo as melhores razões. O fim dessa caminhada será a sexta oposição que conclui pela inutilidade do combate da violência com a verdade.

O segundo exemplo não é menos significativo. Nêle se encontrará, de novo, a verdade, não já em face da violência, mas do êrro:

“Car, mes Peres, puisque vous m’obligez d’entrer en ce discours, je vous prie de considerer, que comme les veritez chrestiennes sont dignes d’amour et de respect, les erreurs qui leur sont contraires sont dignes de mepris et de haine; parce qu’il y a deux choses dans les veritez de nostre Religion; une beauté divine que les rend aimables, et une sainte majesté qui les rend venerables; et qu’il y a aussi deux choses dans les erreurs; l’impieté qui les rend horribles, et l’impertinence qui les rend ridicules (23).”

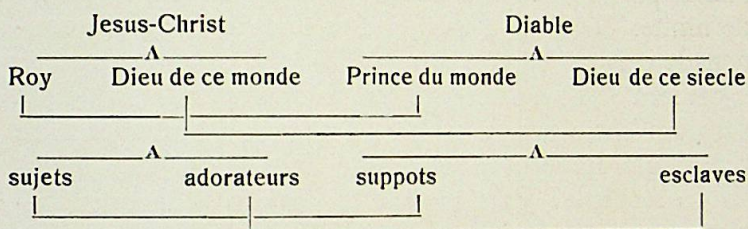


O esquema põe, mais uma vez, à mostra o anti-tetismo do pensamento pascaliano. A comêço, está a oposição da verdade ao êrro, oposição que se ramificará simètricamente, pois, em relação à verdade, Pascal também distingue e opõe: o amor e o respeito que se lhe devem; e em relação, também, ao êrro, Pascal procede semelhantemente: ao êrro são devidos dois senti-

(23) Ibid. pág. 309.

mentos diferentes: ódio e desprezo. Num sentido, pois, há distinção entre *amor* e *respeito*, e entre *desprezo* e *ódio*. E, em outro sentido, há oposição entre *amor* e *ódio*, e entre *respeito* e *desprezo*. O mesmo se dá com as palavras restantes: cada palavra participa de dois confrontos, um, seja no campo da verdade, seja no campo do erro, e o outro, proveniente da oposição dos dois campos.

O terceiro exemplo é, igualmente, ilustrativo. Na página em que Pascal opõe as duas cidades, se encontra o seguinte paralelo: “Et c’est pourquoy Jesus-Christ est appellé le Roy et le Dieu du monde; parce qu’il a partout des sujets et des adorateurs: et le diable est aussi appellé dans l’Ecriture le Prince du monde et le Dieu de ce siecle, parce qu’il a partout des supots et des esclaves (24).”



A princípio está a oposição de Jesus Cristo ao diabo. Cada um, porém, dos oponentes ensejará uma bifurcação: em Jesus Cristo, Pascal distingue *le Roy* e *le Dieu de ce monde*, e no diabo, *le Prince du monde* e *le Dieu de ce siecle*. Êste segundo confronto é reforçado, de um lado, por *sujets*, atribuído a *Roy*, e *adorateurs*, atribuído a *Dieu de ce monde*, e do outro lado, por *supots*, relacionado com *Prince du monde* e *esclaves*, relacionado com *Dieu de ce siecle*.

Nessas simetrias, de acentuado vigor expressivo, se nota uma extrema precisão no emprêgo do vocabulário:

(24) Ibid. t. VI, pág. 153.

as palavras funcionam quase com a justeza de expressões matemáticas. Aliás, a presença do matemático é clara em mais de uma simetria. Certas relações são tão justas que é possível representá-las matematicamente: “... en me moquant de vostre Morale, j’ai esté aussi éloigné de me moquer des choses saintes, que la doctrine de vos Casuistes est éloignée de la doctrine de l’Evangile (25).”

- a = en me moquant de vostre Morale
 b = j’ay esté aussi éloigné de me moquer des choses saintes
 c = que la doctrine de vos Casuistes
 d = est éloignée de la doctrine sainte de l’Evangile

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d}$$

Outro exemplo da presença da matemática na simetria pascaliana é aquêle em que é utilizado o conceito de limite. Segundo Pascal, a doutrina de Arnauld, condenada pela Sorbonne, não diferia da doutrina da Igreja. Qual será então a diferença que os doutores da Sorbonne acharam entre uma e outra? Trata-se, a seus olhos, de um ponto imperceptível, sendo imperceptível a heresia de Arnauld. Para mostrar a posição, a seu ver, insustentável, dos condenadores dêsse infinitésimo, recorre ao conceito de limite: a verdade, segundo a Sorbonne, tende de tal modo a seu limite, isto é, ao êrro, à doutrina de Arnauld, dêle difere tão pouco, que qualquer pequeno avanço nos faz cair nêle. Por outro lado, uma vez nesse êrro, mesmo sem procurar avizinhar-nos mais de seu limite, — a verdade, nós já nos achamos, nela. Êsse raciocínio se consubstancia numa frase tôda precisa e equilibrada: “... la verité est si delicate, que si peu qu’on s’en retire, on tombe dans l’erreur; mais cette erreur est si deliée, que sans mesme s’en éloigner, on se trouve dans la verité (25a).”

(25) Ibid. t. V, pág. 309.

(25a) Ibid. t. IV, pág. 215.

Na simetria pascaliana se nota uma atitude fortemente racional. Cada palavra, individualmente, é utilizada segundo um sentido exato, e, no desenrolar da frase, constitui um elo de inelutável relação lógica. A densidade e a tensão que daí resultam, eis o que distingue essa simetria da simetria de um Guez de Balzac, mais adiposa que vigorosa, mais sonora que significativa, e o que dá a certas páginas das *Provinciais* uma energia tal que só em Corneille, talvez, se encontre semelhante. Por esse lado, as *Provinciais* conseguem dar aquêlo prazer que Julien Benda diz não encontrar na literatura moderna: "La présente société française demande aux oeuvres d'art qu'elles lui fassent éprouver des émotions et des sensations: elle entend ne plus connaitre par elle aucune espèce de plaisir intellectuel (26)." Com effeito, a arte das *Provinciais* dista muito da moderna sensualidade linguística (27). Enquanto em Pascal as palavras são empregadas em função de seu sentido inteligível e de sua clareza e vêm encadeadas rigorosamente, a partir do romantismo, as palavras se empregam, frequentemente, mais em função de sua música ou coloração do que de seu significado. A simetria pascaliana informa um estilo mais apropriado a debates intelectuais do que a incontidas efusões sentimentais, ou à descrição pitoresca da natureza. Ela constitui uma peça importante na máquina dialética das *Provinciais*.

Claudiel, criticando o verso clássico francês, lhe chama de "Appareil à peser les idées (28)." Sem sen-

(26) *Belphégor*, pág. 1.

(27) "Par ses sonorités, elle (a linguagem poética dos românticos) agissait sur les sens. retentissait par l'oreille sur notre sensibilité, y provoquait des vibrations lointaines et prolongées. En outre, le mot parlait aux yeux, les emplissait de lumière, de couleurs, de formes, par où l'imagination était transportée dans un monde sans fin de réalités et de rêves. Pour la première fois l'esprit français était initié à une sorte de sensualité linguistique, l'art poétique ayant rejoint l'art musical et la peinture." F. BRUNOT in *Le Romantisme et les Lettres*, pág. 39.

(28) *Positions et Propositions*, t. I, pág. 23.

tido pejorativo, pode-se designar assim a simetria de Pascal. A feitura dessas frases severamente construídas lembra, com efeito, a fabricação de sua máquina de calcular, tanto nos cuidados da construção como em seus propósitos: um instrumento perfeito que possibilitasse atingir com facilidade determinado objetivo. Com sua máquina aritmética, Pascal pretendia facilitar os cálculos aos quais seu pai, em virtude do emprêgo, era obrigado. Com suas páginas trabalhadas, Pascal quer convencer e persuadir, de pronto, o leitor. Sente-se nelas u'a mão peremptória, como que a empurrar-nos através de um caminho todo balizado.

CONCLUSAO

CONCLUSÃO

Bossuet e Voltaire representariam duas faces do gênio francês, devendo Pascal ser associado ao primeiro: eis o sentir de Brunetière (1). Êste julgamento, porém, é retificado pela leitura das *Provinciais*, que acusam, de certo modo, em seu autor, tanto a gravidade e a elevação de um, como a malícia e a zombaria do outro. Uma consideração, pois, mais detida do riso pascaliano mostrará que Pascal reúne em si aquelas duas formas do gênio francês que, em grandes escritores como Bossuet e Voltaire, se encontram separadas, e, ao mesmo tempo, rebaterá a imagem romântica de um Pascal torturado de angústia. Nas *Provinciais*, há grandes rasgos de eloquência e momentos de comicidade molieresca ou voltairiana. O riso será alimentado, sobretudo, pelo jesuíta criado por Pascal, e a gravidade será provocada, em boa parte, por jesuítas autênticos.

Considerado como escritor, Pascal se distancia de seus amigos, como de seus contendores. Afasta-se da arte de escrever de Saint-Cyran e da prática dos principais autores jansenistas. Embora não pudesse ter feito as *Provinciais* sem o concurso de seus amigos, estilisticamente, pouco tem de comum com êles. O grande escritor de Port-Royal, Nicole, mutila os *Pensamentos* e imita mal as *Provinciais*. O aparato barroco de Le Moyne não lhe é menos estranho que a monotonia de Nicole. Sua crítica demorada ao estilo daquele religioso faz vir à tona o antibarroquismo pascaliano.

(1) Cf. *Études critiques sur l'histoire de la littérature française*, t. I, pág. 254 e t. V, pág. 299.

O que se nota em Pascal escritor é uma atividade aplicada e consciente, um conhecimento perfeito dos recursos de que lança mão, uma inteira segurança de meios. A simples repetição de palavras ou expressões, ou o emprêgo de imagens, mereceram de sua parte uma atenta consideração. Senhor de seu estilo, e escrevendo para convencer, arruma suas frases com êsse objetivo. Não é seu desejo entreter o leitor com um estilo melodioso ou pitoresco, mas dominá-lo, subjugá-lo, através de um roteiro bem traçado. Daí seu tom despótico. Aplica-se a seu estilo a concepção jansenista da graça eficaz, aquela que determina e violenta a vontade: um estilo eficaz. Suas frases, das mais simples até as mais ricamente simétricas, fàcilmente compreendidas pelo leitor, são construídas para dominá-lo. Não lhe cabe investigar entre-linhas, completar o sentido do autor, perder-se em múltiplas interpretações, mas acomodar-se satisfeito. Estamos bem longe daquela "Dictée de la pensée en l'absence de tout contrôle exercé par la raison, en dehors de toute préoccupation esthétique ou moral (2)." É êsse contrôle da razão e essas preocupações, que fazem das *Provinciais*, uma das obras mais perfeitas da literatura francesa.

(2) André BRETON apud Philippe VAN TIEGHEM, *Petite histoire des grandes doctrines littéraires en France*, pág. 294.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, Antoine: *Histoire de la littérature française au XVIIe siècle*, 5. vol. Paris, 1948-1956.
- : *Sur les Pensées de Pascal*, L'Information Littéraire, n.º 1, 1957.
- ALBALAT, Antoine: *L'art d'écrire en vingt leçons*, Paris, 1899.
- : *Le travail du style enseigné par les corrections manuscrites des grands écrivains*, Paris, 1905.
- ALONSO, Amado: *Matéria y forma en poesia*, Madrid, 1955.
- ALQUIÉ, Ferdinand: *Pascal et la critique contemporaine*, Critique, novembre, 1957.
- ARLAND, Marcel: *La prose française*, Paris, 1951.
- Artifices des Hérétiques, (Les)*, Paris, 1681.
- AUDIAT, Pierre: *La biographie de l'oeuvre littéraire*, Paris, 1924.
- AYMÉ, Marcel: *J'ai écrit la Tête des Autres parce que je ne crois pas à la justice*, Arts-Lettres-Spectacles, n.º 715, 1959.
- BADY, René: *Introduction à l'étude de la littérature française*, Fribourg, 1943.
- BALLY, Ch.: *Linguistique générale et linguistique française*, Berne, 1944, 2.^a ed.
- : *Traité de stylistique française*, Paris, 1951, 3.^a ed.
- BAUDIN, Émile: *La philosophie de Pascal*, 3 vol. Neuchâtel, 1946-1947.
- BAYET, Albert: *Les Provinciales de Pascal*, Paris, 1946.
- BAYLLY, Auguste: *L'école classique française*, Paris, 1947, 5.^a ed.
- BÉGUIN, Albert: *Pascal par lui-même*, Paris, 1952.
- BERTRAND, J.: *Blaise Pascal*, Paris, 1891.
- BOILEAU: *Oeuvres de...*, 2 vol. Paris, Pierre Didot et Firmin Didot, An VII (1800).
- BOILLOT, Félix: *Du rôle de l'adjectif en français*, Le Français Moderne, t. XX, n.º 2, 3, 4 (1952), t. XXI, n.º 1, (1953).
- : *Images et métaphores*, ibid. t. XXII, n.º 1, (1954).
- BOSSUET: *Oeuvres oratoires*, 7 vol. Bruges, 1926.

- BOUHOURS: *Entretiens d'Ariste et d'Eugène*, Paris, 1920.
- BOUTROUX, Paul: *Pascal*, Paris, 1900.
- BRAY, René: *La préciosité et les précieux*, Paris, 1948.
 —: *La formation de la doctrine classique en France*, Paris.
- BRUNEAU, Charles: *Petite histoire de la langue française*, 2 vol. Paris, 1955-1958.
 —: *L'image dans notre langue*, Mélanges offertes à Albert Dauzat, Paris, 1951.
- BRUNETIÈRE, Ferdinand: *Études critiques sur la littérature française*, 9 vol. Paris, 1880-1907.
- BRUNOT, Ferdinand: *Histoire de la langue française*, t. III, 2 vol. Paris, 1909-1911.
 —: *La Pensée et la langue*, Paris, 1953, 3a ed.
 —: *Les Romantiques et la langue poétique*, Le Romantisme et les Lettres, Paris, 1929.
- BRUNOT, Ferdinand & BRUNEAU, Charles: *Grammaire historique de la langue française*, Paris, 1949, 3a ed.
- BRUNSCHVICG, Léon: *Blaise Pascal*, Paris, 1953.
- BUSSON, Henri: *La pensée religieuse française de Charron à Pascal*, Paris, 1933.
 —: *La religion des classiques*, Paris, 1948.
- CALVET, Jean: *La littérature religieuse de François de Sales à Fénelon*, Paris, 1956, 2a ed..
- CHAMPROUX, Charles: *Faut-il vraiment nous abêtir avec Pascal?* Le Français Moderne, t. XXV, n.º 2, 1957.
- CART, Adrien: *La nomenclature littéraire*, L'Information Littéraire, n.º 5, 1949.
- CASTRO ALVES, Antônio de: *Poesias Completas*, ed. J. A. Haddad, Rio de Janeiro, 1952.
- CAYROU, Gaston: *Le français classique*, Paris, 4a. ed.
- CERNY, Vaclav: *Le Baroque et la Littérature Française*, Critique, n.º 107-110, 1956.
- CHAIX-RUY, Jules: *Pascal et Port-Royal*, Paris, 1930.
- CHAPELAIN, Jean: *Opuscules Critiques*, Paris, 1936.
- CHATEAUBRIAND: *Le Génie du Christianisme*, Garnier, Paris, s. d.
- CHEREL, Albert: *La prose poétique française*, Paris, 1940.

- CHEVALIER, Jacques: *Pascal*, Paris, 1922.
- CLAUDEL, Paul: *Positions et Propositions*, 2 vol. Paris, 1942.
- COGNET, Louis: *État présent des travaux sur Port-Royal et le Jansénisme*, L'Information Littéraire, n.º 4, 1957.
- COHEN, Marcel: *Histoire d'une langue: le Français*, Paris, 1950.
— : *Grammaire et Style*, Paris, 1954.
- COUSIN, Victor: *Littérature, t. I, Blaise Pascal*, 4a ed. s. d.
- COUTINHO, Afrânio: *O Barroco Francês*, A Tarde, Salvador, 3-I-1959.
- CRESSON, André: *Pascal, sa vie, son oeuvre, sa philosophie*, Paris, 1947.
- CRESSOT, Marcel: *Le style et ses techniques*, Paris, 1947.
— : *Une langue d'art: la langue de Phèdre*, Le Français Moderne, t. X, n.º 3, 1942.
- CURTIUS, Ernst Robert: *Literatura européia e idade média latina*, trad. Rio de Janeiro, 1957. (Título do original alemão: *Europaiche literatur und lateinische mittelalter*).
- DANIEL: *Entretiens de Cléandre et d'Eudoxe*, Bruxelles, 1697.
- DAUZAT, Albert: *Le Génie de la langue française*, Paris, 1944, 2.ª ed.
— : *Précis d'Histoire de la langue française et du Vocabulaire français*, Paris, 1949.
- DÉDÉYAN, Charles: *Position littéraire du Baroque*, L'Information Littéraire, n.º 4, 1950.
- DENIS, Maurice: *Histoire de l'Art Religieux*, 2 vol. Paris, 1939.
- DEMOREST, Jean: *Dans Pascal — Essai en partant de son style*, Paris, 1953.
- DORIVAL, Bernard: *Pour et contre le Jansénisme*, Recherches et Débats, n.º 13, 1955.
— : *Pascal et les Provinciales*, Paris, 1956.
- DU BOS, Charles: *Le langage de Pascal*, Revue Hebdomadaire, t. VII, 1923.
- FAGUET, Émile: *Dix-septième siècle — Études et Portraits littéraires*, Paris, s. d.
- FARIAS, Otávio de: *Fronteiras da santidade*, São Paulo, 1940.
- FIGUEIREDO, Jakson de: *Pascal e a Inquietação Moderna*, 1922.
- FRAISSE, Simone: *Pascal et l'homme moderne*, Esprit, outubro, 1957.
- GALICHET, Georges: *Physiologie de la langue française*, Paris, 1949.
— : *Essai de grammaire psychologique du français moderne*, Paris, 1950, 2a ed.

- GARAPON, Robert: *La fantaisie verbale et le comique dans le théâtre français*, Paris, 1957.
- GAUTIER, René: *Deux aspects du style classique — Bossuet et Voltaire*, La Rochelle, 1936.
- GAZIER, Auguste: *Mélanges de Littérature et d'Histoire*, Paris, 1904.
- : *Histoire générale du mouvement janséniste*, Paris, 1924, 5a ed.
 - : *Pascal et les écrivains de Port-Royal*, Histoire de la langue et de la littérature française des origines à 1900, publiée sous la direction de Petit de Julleville, t. IV, pág. 560 sq. Paris, 1896 sq. 8 vol.).
- GAZIER, Cécile: *Les Messieurs de Port-Royal*, Paris, 1932, 2a ed.
- GILSON, Étienne: *Les idées et les lettres*, Paris, 1932.
- GIRAUD, Victor: *La vie héroïque de Blaise Pascal*, s. d.
- : *Pascal — L'homme, l'oeuvre, l'influence*, Paris, 1905, 3a ed.
 - : *Blaise Pascal — Études d'histoire*, Paris, 1910.
- GOURMONT, Rémy de: *Le problème du style*, Paris, 1938, 16a ed.
- : *Le Chemin de Velours*, Paris, 16a ed.
 - : *Esthétique de la langue française*, Paris, 1955, ed. Le Club du meilleur livre français.
- GRAND, G.: *Les Pensées de Pascal*, Paris, s. d.
- GUARDINI, Romano: *Pascal ou le drame de la conscience chrétienne*, trad. Paris, 1951. (Título da edição original: *Christiches Bewusstseîn Versuche uber Pascal*).
- GUERLIN DE GUER, Charles: *Le lexique du XVIIe siècle*, Le Français Moderne, t. I, n.º 1, (1933).
- GUILLAUMIE, Gaston: *J. L. Guez de Balzac et la prose française*, Paris, 1927.
- GUIRAUD, Pierre: *La stylistique*, Paris, 1954.
- HATZFELD, Ar.: *Pascal*, Paris, 1901.
- HATZFELD, DARMESTETER & THOMAS: *Dictionnaire de la langue française du XVIIe siècle à nos jours*, 2 vol. Paris.
- HATZFELD, Helmut: *Literature trough Art — A New Approach to French Literature*, New York, 1952.
- : *Bibliografía crítica de la nueva estilística*, trad., Madrid, 1955.
- HAUTECOEUR, Louis: *Littérature e: peinture en France du XVIIe au XVIIIe siècle*, Paris, 1942.

- HENRIOT, Émile: *Du baroque en littérature*, Le Monde — Sélection hebdomadaire, 20 oct. — 5 nov. 1953.
- Histoire abrégée de la vie et des ouvrages de Monsieur Arnauld, Ci devant imprimée sous le titre de Question Curieuse &c.* Cologne, 1695.
- HUGUET, Edmond: *L'évolution du sens des mots depuis le XVI^e siècle*, Paris, 1934.
- HYTIER, Jean: *Introduction aux Provinciales* in *Oeuvres de Blaise Pascal*, t. I, Paris, s. d.
- JACQUINET, P.: *Des Prédicateurs du XVII^e siècle avant Bossuet*, Paris, 1885.
- JOVY, E.: *Pascal inédit*, 5 vol. Vitry-le-François, 1908-1912.
- : *Études pascaliennes*, 7 vol. Paris, 1927-1936.
- JUNGO, Michel: *Le vocabulaire de Pascal*. Paris, 1950.
- KAYSER, Wolfgang: *Interpretación y análisis de la obra literaria*, Madrid, 1954.
- KONRAD, H.: *Études sur la métaphore*, Paris, 1939.
- LA BROISE, R. de: *Bossuet et la Bible*, Paris, 1890.
- LA BRUYÈRE: *Le Caractères*, ed. Servois & Rébelliau, Paris, 1906, 8a. ed.
- LAFUMA, Louis: *Recherches pascaliennes*, Paris, 1949.
- : *Controverses pascaliennes*, Paris, 1952.
- LANSON, Gustave: *Choix de Lettres du XVII^e siècle*, Paris, s. d.
- : *Pascal*, Grande Encyclopédie.
- : *Conseils sur l'art d'écrire*, Paris, 1924.
- LEBÈGUE, Raymond: *La poésie française de 1560 à 1630*, 2 vol., Paris, 1951.
- LEFEBVRE, Henri: *Pascal*, 2 vol. Paris, 1949/1954.
- LE HIR, Y.: *Les études stylistiques*, L'Éducation Nationale, n.º 17, 1956.
- : *Où en est l'histoire de la langue française?* L'Éducation Nationale, n.º 32, 1955.
- MAGGIONI, Mary Julie: *The Pensées Of Pascal — A Study In Baroque Style*, Washington, 1950.

- MAISTRE, Joseph de: *De l'Église Gallicane*, Pélagaud, Lyon, 1880.
- MALHERBE: *Oeuvres de...*, Firmin Didot, Paris, 1864.
- MARIVAUX: *Le Jeu de l'amour et du hasard*, Larousse, Paris, 15a ed., 1946.
- MAROUZEAU, J.: *Précis de stylistique française*, Paris, 1950, 2a. ed.
 — : *Stylistique comparée*, L'Information Littéraire, n.º 1, 1949.
- MARTIN, Eugène-Louis: *Les symétries du français littéraire*, Paris, 1924.
- MASSIS, Henri: *Le tricemenaire des Provinciales*, La Revue des Deux Mondes, n.º 7, 1957.
- MAURIAC, François: *Blaise Pascal et sa soeur Jacqueline*, Paris, 1931.
 — : *Les pages immortelles de Pascal*, Paris, 1947.
 — : *Pascal et les Jésuites*, — Le Figaro — Selection Hebdomadaire. 17-XI-1954.
- MESNARD, Jean: *Pascal, l'Homme et l'Oeuvre*, Paris, 1951.
- MICHAUT, G.: *Les époques de la pensée de Pascal*, Paris, 1902.
- MICHEL, André: *Histoire de l'art*, t. VI, Paris, 1921.
- MOLIERE: *Oeuvres complètes*, Belles-Lettres, 8 vol. Paris, 1935/1952.
- MONGRÉDIEN, Georges: *La vie littéraire au XVIIe siècle*, Paris, 1947.
- MORNET, Daniel: *Histoire de la clarté française*, Paris, 1929.
 — : *Histoire de la littérature française classique*, Paris, 1947.
- MORTIER, Roland: *Les idées politiques de Pascal*, Revue d'Histoire Littéraire de la France, n.º 3, 1958.
- MOTTINI, G. Edoardo: *Storia dell'arte italiana*, 1951, 22a ed.
- MOUSNIER, Roland: *Les XVIe et XVIIe siècle*, Paris, 1954.
- MUNTEANO, Basil: *Port-Royal et la Stylistique de la Traduction*, Cahiers de l'Association Internationale des Études françaises, junho, 1956.
- NICOLE: *L'Esprit de...*, Paris, 1765.
- NISARD, Désiré: *Histoire de la littérature française*, t. II, Paris, 1881, 8a ed.

OLIVIER, Paul: *Cent poètes lyriques — Précieux ou Burlesques du XVIIe siècle*, Paris, 1898.

PAQUIER, J.: *Le Jansénisme*, Paris, 1900.

PASCAL: *Oeuvres publiées suivant l'ordre chronologique, avec documents complémentaires, introductions et notes*, par L. BRUNSCHVIGG, P. BOUTROUX et F. GAZIER, (ed. BRUNSCHVIGG major), t. IV-VII, Paris, 1927-1929.

—: *Pensées et Opuscules publiés avec introduction, des notices, des notes* par M. Léon BRUNSCHVIGG, (ed. BRUNSCHVIGG minor), Paris, s. d.

—: *L'Oeuvre de Pascal, texte établi et annoté* par Jacques Chevalier, Paris, 1936.

—: *Pensées, édition intégrale* de L. FAFUMA, Paris, 1952, 2a ed.

—: *Les Provinciales*, ed. TOURNEUR, Paris, 1944.

—: *Les Provinciales ou Lettres écrites par Louis de Montalte à un Provincial de ses amis et aux RR. PP. Jésuites sur la Morale & la Politique de ces Peres. Avec les notes de Guillaume VVendrock, Docteur en Théologie dans l'Université de Saltzbourg en Allemagne. Traduites en François sur la V. Edition de 1660*, 3 vol. 1699.

PETITDIDIER: *Apologie des Lettres Provinciales de Louis de Montalte*, Delft, 1698.

PEYRE, Henri: *Qu'est-ce que le Classicisme?* Paris, 1942.

PINATEL, G.: *Du côté du baroque*, L'Enseignement Chrétien, n.º 6, 1957.

POINSENET, M. D.: *France religieuse du XVIIe siècle*, Paris, 1954.

PONS, R.: *La présentation authentique des "Pensées" de Pascal*, L'Information Littéraire, n.º 5, 1951.

POULET, Ch.: *Histoire de l'Église de France*, 3 vol. Paris, 1946. *Préclassicisme français*, Le (Recueil collectif des Cahiers du Sud), 1952.

PREVOST-PARADOL: *Les moralistes français*, Paris, 1883.

PRIEUR, J.: *Un aspect de l'art de Bossuet*, Le Français Moderne, t. XXV, n.º 1 (1957).

RACINE: *Oeuvres de...*, Belles-Lettres, Paris, 1929-1936.

RAPIN, René: *Mémoires*, 3 vol. Paris, 1865.

Responses aux Lettres Provinciales publiées par le Secrétaire de Port-Royal, contre les PP. de la Compagnie de Jesus, Liège, M. DC. LIX.

Revista de Língua Portuguesa, n.º 19, setembro, 1922.

Revue des Sciences Humaines, Fasc. 55-56, 1949.

RICARDOU, A.: *La Critique Littéraire*, Paris, 1896.

ROHDEN, Humberto: *Pascal*, São Paulo, 1949.

RONAI, P.: *Pascal para brasileiros*, Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 10-XI-1957.

ROPS, Daniel: *Um tricentenário esquecido — Os (sic) Provinciais*, trad. Diário da Bahia, 13-XII-1956.

ROSTAND, Ed.: *Cyrano de Bergerac*, ed. G. P., Paris, s. d.

ROUSSET, Jean: *La littérature de l'âge baroque en France*, Paris, 1954.

—: *Don Juan et le Baroque*, Diogène, abril, 1956.

RUDLER, Gustave: *Les techniques de la critique et de l'histoire littéraires en littérature française*, Oxford, 1923.

SAINTE-BEUVE: *Port-Royal*, 7 vol. Paris, 1867, 3a ed.

SCHLOCKER, Georges: *Équilibre & symétrie dans la phrase française moderne*, Paris, 1957.

SCHMIDT, A.—M.: *De la Poésie humaniste à la Poésie Baroque*, La Nouvelle Nouvelle Revue Française, n.º 40, abril, 1956.

SCIACCA, Michele Federico: *Pascal* (Traducción española de J. J. Cuevas), Barcelona, 1955.

SECHEHAYE, Albert: *Essai sur la structure logique de la phrase*, Paris, 1926.

SÉVIGNÉ, Mme de: *Lettres de...*, Firmin Didot, Paris, s. d.

SIMONE, Franco: *I contributi europei all'identificazione del barocco francese* (Comparative Literature, Winter 1954, n.º 1).

SOURIAU, Maurice: *Pascal*, Paris, 1898.

SPITZER, Leo: *Linguística e historia literaria*, Madrid, 1955.

STROWSKI, Fortunat: *Pascal et son temps*, 3 vol. Paris, 1906.

—: *Les Pensées de Pascal — Étude et Analyse*, Paris, 1930.

STEINMANN, Jean: *Pascal*, Paris, 1954.

—: *A propos des "Provinciales"*, Société des Amis de Port-Royal, n.º 6-7, 1956.

—: *Les "Lettres Provinciales"*, la Vie Intellectuelle, maio 1956.

- THÉRIVE, André: *Libre histoire de la langue française*, Paris, 1954.
—: *Le style Janséniste*, Table Ronde, n.º 84, dezembro, 1954.
- THOMAS, J.: *Sur une phrase de Pascal*, Le Français Moderne, n.º 3, 1956.
- TIEGHEM, Ph. Van: *Petite histoire des grandes doctrines littéraires en France*, Paris, 1950.
- TOURNEUR, Z.: *Une vie avec Pascal*, Paris, 1943.
- TRUC, Gonzague: *Pascal son temps et le nôtre*, Paris, 1946.
- VACANT: *Dictionnaire de théologie catholique*, fasc. XV, 1905, tomo XI, 1932, fasc. XVIV-CXV, 1935.
- VALÉRY, Paul: *Variété*, Paris, 1924.
—: *Variété II*, Paris, 1929.
- VEIGA, Cláudio: *Das Pequenas Cartas de Pascal*, Salvador, 1954.
—: *A Comparação e as Provinciais*, Salvador, 1957.
—: *O barroco francês*, A Tarde, Salvador, 24-I-1959.
- VILLEMMAIN: *Pascal comme moraliste et écrivain*, Paris, 1823.
- VINET, Alexandre: *Études sur Blaise Pascal*, Lausanne, 1936.
- VOLTAIRE: *Le siècle de Louis XIV*, Didot, Paris, 1856.
- VOSSLER, Karl: *Cultura y lingua de Francia*, trad. Buenos Aires, 1955.
(Título da edição original: *Französische Kultur und Sprache*).
- WAGNER, R.: *Introduction à la linguistique française*, Lille, 1947.
—: *Supplément bibliographique à l'Introduction de la linguistique française*, Lille, 1955.
- WARTBURG, V. v.: *Évolution et structure de la langue française*, Berne, 1946, 4a ed.
- WEBER, Henri: *Études pascaliennes*, La Pensée, n.º 71, janeiro-fevereiro, 1957.
- WELLEK, R. & WARREN, A.: *Teoria literaria*, trad. Madrid, 1953
(Título da edição original: *Theory of Literature*).

INDICE

ACABOU DE SE IMPRIMIR EM
SALVADOR, NA TIPOGRAFIA
BENEDITINA LTDA., AOS 30
DE SETEMBRO DE M. CM. LIX